MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

RAQUEL RIBEIRO DE OLIVEIRA

O SIGNO IDEOLÓGICO "TRABALHO" NA MÍDIA INSTITUCIONAL

CATALÃO/GO
2018

sistema de bibliotecas ufg

PRPG
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

UFG

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **[x] Dissertação** **[ ] Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Raquel Ribeiro de Oliveira

Título do trabalho: O signo ideológico "trabalho" na mídia institucional

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [ ] NÃO[1]

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Raquel Ribeiro de Oliveira
Assinatura do(a) autor(a)[2]

Ciente e de acordo:

Assinatura do(a) orientador(a)[2]

Data: 10 / 04 / 18

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

[2] A assinatura deve ser escaneada.

RAQUEL RIBEIRO DE OLIVEIRA

O SIGNO IDEOLÓGICO "TRABALHO" NA MÍDIA INSTITUCIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - nível de Mestrado - da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.
Linha de Pesquisa: Discurso, Sujeito e Sociedade.
Orientadora: Grenissa Bonvino Stafuzza.

CATALÃO/GO
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira, Raquel Ribeiro de

O signo ideológico "trabalho" na mídia institucional [manuscrito] / Raquel Ribeiro de Oliveira. - 2018.

CXXI, 121 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2018.

Bibliografia.

1. Círculo de Bakhtin. 2. Signo Ideológico. 3. Trabalho. 4. Mídia Institucional. I. Stafuzza, Grenissa Bonvino, orient. II. Título.

RAQUEL RIBEIRO DE OLIVEIRA

"O SIGNO IDEOLÓGICO 'TRABALHO' NA MÍDIA SOCIAL"

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem, Área de Concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Aprovada em **06 de março de 2018.**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza
UFG– Regional Catalão

Antônio Fernandes Júnior

Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior
UFG – Regional Catalão

Thyago Madeira França

Prof. Dr. Thyago Madeira França
UEG- Unidade de Morrinhos

À minha querida avó, Maria Lopes Ribeiro. Minha fonte inesgotável de força, amor, paciência e coragem.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por me fortalecer, abençoar e sustentar até aqui.

À minha amada e doce avó, Maria Lopes, a quem eu agradeço imensamente pelo incentivo e conforto de sempre. Minha conselheira e defensora, meu maior exemplo de cuidado e sabedoria. Agradeço sua compreensão e paciência pelas minhas ausências durante esta jornada.

Aos meu pais, Aldemar e Marina, que sempre me apoiaram em todas as minhas escolhas e nunca mediram esforços para me ajudar a realizar os meus objetivos. Sou imensamente grata a vocês, que tanto contribuíram para minha formação de vida e nunca me deixaram faltar carinho, amor e compreensão durante a minha trajetória. Sinto orgulho por ser o reflexo de vocês.

À Grenissa, minha orientadora e amiga, pela confiança depositada em mim, desde o meu estágio na secretaria do Mestrado, passando pela orientação do PIVIC, posteriormente, do TCC e agora no Mestrado. Esta caminhada acadêmica ao seu lado foi muito enriquecedora e construtiva. Obrigada pelos nossos diálogos. Minha admiração por você é real. Me espelho em você como profissional e como mulher. Você me inspira! Obrigada por tudo!

Aos meus colegas da UFG, que se tornaram, durante estes anos, amigos para a vida inteira. Wellington, Diogo, Kássia, Ionice, Kamylla e Poliana. Obrigada pela parceria e por compartilharem comigo suas experiências acadêmicas e de vida. Vocês tornaram a trajetória mais leve e alegre. Catalão me apresentou vocês e quero levá-los para sempre comigo!

À Jaqueline, minha amiga, companheira das angústias da vida acadêmica, com nossas experiências tão parecidas, encontrei conforto e força para enfrentar as dificuldades em meio a este caminho desafiador que escolhemos trilhar, para além disso, construímos um laço de amizade que nos tornou a família que o coração escolheu para ter. Obrigada, por tudo, pela paciência, pelos conselhos, pelas saídas e inúmeras histórias construídas ao longo desses seis anos. Orgulho-me de você e te admiro muito. Quero estar ao seu lado sempre!

À Yanca, minha psicóloga, pelo seu profissionalismo e por ter me acompanhado durante esta fase de intensos acontecimentos e confusões emocionais. Poder ter recebido apoio psicológico durante este período, foi extremamente importante para que eu concluísse, com sucesso, o percurso até aqui!

Aos professores Antônio Fernandes Júnior e Maria da Glória di Fanti por suas enriquecedoras e importantes contribuições no Exame de Qualificação, bem como, ao professor Thyago Madeira França pelas contribuições na banca de defesa de dissertação.

Ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, a todos os professores do Mestrado, e também, aos colegas do grupo de estudos GEDIS pelas discussões e contribuições teóricas, pois a partir delas que foi possível a construção deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos concedida nesses dois anos.

"*A palavra é um ato bilateral.* Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente *o produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao 'um' em relação ao 'outro'. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista, do outro e, por fim da perspectiva da minha coletividade. *A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro*" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205).

RESUMO

Ao considerarmos que em nossa sociedade existe uma vasta quantidade de sentidos atribuídos à palavra “trabalho”, e que estes sentidos são construídos na interação social entre sujeitos em um determinado momento da história, propomos a presente pesquisa com a hipótese de que os discursos sobre “trabalho” propagados pelas mídias institucionais estão diretamente ligados ao social e, por isso, se constituem a depender das condições sócio-histórico-ideológicas na qual se inserem, (re)construindo os sentidos deste signo ideológico. Assim, nosso objetivo geral é estudar o signo ideológico “trabalho” presente na mídia institucional da Empresa Multinacional *Anglo American Brasil*. Os objetivos específicos são: i) identificar os discursos que emergem da mídia institucional em relação a “trabalho"; ii) interpretar o posicionamento midiático das publicações veiculadas pelo *site* da empresa sobre "trabalho"; iii) analisar os sentidos produzidos a partir do signo ideológico "trabalho" na/pela mídia institucional da empresa direcionados ao sujeito trabalhador e vislumbrados pela comunidade. A Anglo American é uma empresa Multinacional que atua no ramo da mineração, sendo uma das maiores do mundo, nessa área de negócios. Instalou-se no Brasil em 1973, e atualmente, o Grupo conta com cerca de 87.000 empregados em suas unidades. Este estudo desenvolve-se a partir dos pressupostos teóricos da Filosofia da Linguagem, principalmente pelas teorias do Círculo de Bakhtin, abordando as noções de signo ideológico, enunciado, diálogo e gêneros discursivos, e também, a percepção de enunciados verbovisuais, especialmente, pelas obras de Bakhtin e Volochínov/Volóchinov (1930; 1976; 1997; 2003; 2006; 2017). Embasamo-nos, também, nos estudos das Ciências Sociais, com as pesquisas do sociólogo Ricardo Antunes (2001; 2002; 2003; 2008; 2012; 2016) que aborda a temática do “trabalho”. Como fundamento complementar, aportamos nosso estudo em Charaudeau (2015), teórico da Análise de Discurso Francesa, por meio da investigação das noções de comunicação, informação e suas lógicas de reprodução. O *corpus* com o qual desenvolvemos as análises engloba seis enunciados verbais e verbovisuais veiculados pelo *site* da Anglo American e que tangem os múltiplos sentidos a respeito da noção do signo “trabalho”. Identificamos, pelas análises dos enunciados verbais e verbovisuais, que por meio do discurso midiático produzido e veiculado pela empresa, o sentido dos signos “trabalho” e “trabalhador” se modificam e se ressignificam, construindo um perfil de profissional que dialoga com os interesses da empresa.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin. Signo Ideológico. Trabalho. Mídia Institucional.

ABSTRACT

When we consider that in our society there is a vast amount of meanings attributed to the word "work", and that these senses are built on social interaction among subjects in a given moment in history, we propose this research with the hypothesis that the discourses about "work" propagated by the institutional media are directly linked to the social and therefore are compounded by socio-historical conditions in which ideological they are inserted in, (re)constructing the senses of this ideological sign. Thus, our overall objective is to study the ideological sign "work" present in institutional media of multinational company Anglo *American Brazil*. The specific objectives are i) to identify the discourses that emerge from the institutional media about " work "; ii) to interpret the media reports publications by positioning the company website about "work"; iii) analyze the senses produced from the ideological sign "work" on/by the institutional media company, directed to the workers, and envisioned by the community. The Anglo American is a multinational company that operates in the business of mining, being one of the largest in the world, in this area of trades. It settled in Brazil in 1973, and currently, the Group has about 87,000 employees around the world. This study develops from the theoretical assumptions of Philosophy of Language, mainly by the theories of Bakhtin Circle, addressing the concepts of ideological sign, statement, dialogue and discursive genres, and also, the perception of “verbovisuais” statements, especially, by the works of Bakhtin and Volochínov/Volóchinov (1930; 1976; 1997; 2003; 2006; 2017). We based on, too, in the studies of social sciences, with Ricardo Antunes (2001; 2002; 2003; 2008; 2012; 2016) sociologist's research that addresses the theme of "work". As additional foundation, we knowledge our study in Charaudeau (2015), theoretician of French Discourse Analysis, through the investigation of concepts of communication, information and their logics reprodution. The *corpus* with which we develop the analysis encompasses six verbal and “verbovisuais” statements aired by the Anglo American website and that treat the multiple senses about the notion of the sign "work". Identified by analyses of verbal and “verbovisuais” statements, that through the media discourse produced and aired by the company, the meaning of the signs "work" and "worker" change and if “(re)mean”, constructing a professional profile that dialogue with the company's interests.

Keywords: Bakhtin Circle. Ideological Sign. Work. Institutional Media.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Página principal do *site* da Anglo American..... 68
Imagem 2: Página inicial do *site* da Vale..... 85
Imagem 3: Página inicial do *site* da Kinross..... 84
Imagem 4: Mulheres na mineração..... 87
Imagem 5: Ser parceiros no futuro..... 96
Imagem 6: Nossos Valores: Segurança, Preocupação e Respeito, Integridade..... 104
Imagem 7: Nossos Valores: Responsabilidade, Colaboração, Inovação..... 110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Proposta de Reforma Trabalhista 34

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 14
1. DISCURSOS SOBRE O TRABALHO EM NOSSA SOCIEDADE 25
1.1 Contexto histórico e discursos sobre trabalho em diferentes esferas sociais 25
1.2 Relações políticas e sociais acerca do trabalho na contemporaneidade 32
2 ESTUDOS DO DISCURSO PARA ANÁLISE DE ENUNCIADOS VERBO(VISUAIS) 44
2.1 Linguagem e ideologia: a palavra como signo ideológico 44
2.3 O dialogismo bakhtiniano 51
2.3 Noções do Círculo acerca de enunciado e gêneros do discurso 54
2.3.1 O enunciado verbovisual 60
2.4 Comunicação e informação no discurso midiático 62
3 ANÁLISE DE DISCURSOS SOBRE TRABALHO NA MÍDIA INSTITUCIONAL 66
3.1 Práticas Discursivas Sobre Trabalho na Mídia Institucional 66
3.2 Análise do enunciado verbovisual – Mulheres na Mineração 86
3.3 Análise do enunciado verbovisual "Nossa Abordagem" 96
3.4 Análise do enunciado verbovisual "Nossos Valores" 104
CONSIDERAÇÕES FINAIS 114
REFERÊNCIAS 118
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS 119

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este estudo foi motivado a partir de duas outras pesquisas realizadas em torno do mesmo tema – discursos sobre trabalho - durante o meu curso de graduação em Letras – Português e Inglês pela Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da UFG - Regional Catalão. Um dos trabalhos trata-se de um Projeto de Iniciação Científica (2014-2015), intitulado *Efeitos de sentidos do discurso do trabalho do professor institucionalizados pela mídia sindical*, no qual pesquisamos e analisamos reportagens, informativos sindicais e artigos para tratarmos sobre os efeitos de sentidos da palavra "trabalho", advindos da mídia sindical de professores, produzidos, geridos e veiculados pelo *site* do Sindicato dos Trabalhadores em Educação em Goiás - SINTEGO (entidade de representação sindical dos professores do Estado de Goiás).

A segunda pesquisa, que se intitula *Interdiscurso sobre 'trabalho' na mídia sindical rural*[1], que é produto do Trabalho de Conclusão de Curso, na qual refletimos sobre os (inter)discursos acerca de "trabalho" presentes nos enunciados midiáticos de textos publicados, produzidos, geridos e veiculados pelos jornais impresso e eletrônico da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás (FETAEG). Ambas as pesquisas se vincularam ao projeto de pesquisa *Trabalho, Discurso e Identidade* (2012-2016), coordenado pela Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza, que teve como propósito analisar a construção de identidades de trabalhadores e os vários sentidos que o signo ideológico trabalho instaura ao se considerar a dinâmica social mediada pela linguagem e pela cultura em *corpora* diversos.

A partir dos resultados alcançados com estas pesquisas compreendemos a necessidade de dar continuidade aos estudos em torno da noção de "trabalho" presente em diferentes discursos midiáticos, com vistas a analisar os sentidos do signo "trabalho" em determinado lugar sócio-histórico-ideológico. Assim, optamos por abordar a temática, desta vez, na mídia institucional, especificamente, pelo discurso midiático a respeito de "trabalho" de uma empresa multinacional do ramo de mineração. Além do mais, a presente pesquisa pertence a um projeto mais amplo - *Potencialidades teóricas do Círculo de Bakhtin para análise de discursos verbovocovisuais* - coordenado pela Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza.

Para melhor compreendermos o percurso teórico-metodológico a partir do qual a pesquisa foi realizada, abordamos, a seguir, os principais tópicos discutidos nesta dissertação, bem como a sua composição gráfica.

---

[1] Artigo publicado na Revista Eletrônica – CADIS – Cadernos Discursivos (e-ISSN: 2317-006). Link da publicação: https://cadis_letras.catalao.ufg.br/up/595/o/Raquel_Ribeiro.pdf. Acesso em: 14/11/2017.

Os discursos sobre “trabalho” que são veiculados em nossa sociedade nos permitem depreender inúmeras significações e diferenciados sentidos para esta palavra que em muito representa a nossa condição de sujeitos sociais e ideológicos. Os sentidos da palavra “trabalho” vêm passando por algumas modificações ao longo do tempo, e a partir de tais deslocamentos é possível perceber (des)continuidades nos sentidos deste signo ao longo da história.

O que deduzimos no início desta pesquisa é que os discursos sobre “trabalho”, propagados pela mídia institucional, estão diretamente ligados ao social e que se constituem e se propagam a depender das condições sócio-histórico-ideológicas nos quais se inserem, levando em consideração fatores, como por exemplo, qual área de atuação ocupada pelos trabalhadores, das posições dos funcionários dentro da empresa, dentre outros aspectos como escolaridade, sexo, faixa-etária e formação dos profissionais. Assim, pesquisamos sobre as possíveis relações dialógicas instauradas entre os discursos produzidos e propagados pela empresa em relação e em direção ao sujeito trabalhador e também direcionados a toda comunidade.

Com base nessas discussões, elaboramos nosso objetivo geral, que é refletir sobre o signo ideológico “trabalho” presente na mídia institucional da Empresa Multinacional Anglo American Brasil, e elencamos também nossos objetivos específicos, quais foram: identificar os discursos que emergem da mídia institucional em relação a “trabalho"; interpretar o posicionamento midiático das publicações veiculadas pelo *site* da empresa sobre "trabalho" e analisar sentidos produzidos a partir do signo ideológico "trabalho" na/pela mídia institucional da empresa em questão.

Em suma, buscamos desvelar, por meio da pesquisa do “signo ideológico ‘trabalho’ na mídia institucional” quais sentidos emanam da noção de trabalho advindas de publicações no *site* da empresa multinacional Anglo American.

A Anglo American é uma empresa Multinacional que atua no ramo da mineração, sendo uma das maiores do mundo nessa área de negócios, trabalha com a exploração de metais do grupo da platina, diamantes, cobre, níquel, minério de ferro e carvão. Possui operações na África, Europa, América do Sul, América do Norte e Austrália. O grupo se originou por volta de 1917 e está ligado à exploração de minas na África do Sul. Desde 1999 sua sede foi transferida para Londres. A Anglo American instalou-se no Brasil em 1973. Atualmente, o Grupo Anglo American conta com cerca de 87.000 empregados no mundo.

Elegemos a empresa em questão a fim de buscarmos o material para análise, por ser uma das maiores empresas do mundo no ramo da mineração e por ter uma das suas unidades

implantadas na cidade de Catalão – GO, empregando parte da população da cidade e, com isso, aparecendo constantemente na mídia local e regional, de modo a ter uma grande visibilidade, não só pelos funcionários, mas por toda a comunidade, de um modo geral. Por tais motivos, consideramos a relevância de estudar o signo ideológico "trabalho" por meio de publicações advindas do material midiático da referida empresa.

Este estudo desenvolve-se a partir dos pressupostos teóricos da Filosofia da Linguagem, principalmente pelas teorias contempladas nas obras do Círculo de Bakhtin, com vistas a estudar as noções de signo ideológico, enunciado, diálogo e gêneros discursivos, especialmente, pelas obras de Bakhtin e Volochínov/Volóchinov (1930; 1976; 1997; 2003; 2006; 2017).

Embasamo-nos, também, nos estudos das Ciências Sociais, com as pesquisas do sociólogo Ricardo Antunes que aborda a temática do "trabalho", principalmente sobre as mutações das relações de trabalho na contemporaneidade travadas entre a exploração da força humana *versus* o universo capitalista, apoiando-nos, principalmente, nas obras (2001; 2002; 2003; 2008; 2012; 2016).

Como fundamento complementar, aportamos nosso estudo em Charaudeau (2015), teórico da Análise de Discurso Francesa, por meio da investigação das noções de comunicação, informação e suas lógicas de reprodução, a fim de tratarmos dos artifícios midiáticos para produção e transmissão de informação de modo a alcançar o público alvo. Além do mais, buscamos entender a importância da mídia e dos gêneros que atuam em função da produção do material midiático.

Desse modo, para o desenvolvimento do tema da pesquisa contamos com as reflexões teóricas supracitadas e que são de grande relevância para o embasamento bibliográfico desta dissertação. Para melhor compreendermos tais aportes teóricos, que estão relacionados aos estudos bakhtinianos, aos do discurso e também aos estudos sociais sobre o "trabalho", discorremos brevemente sobre estas áreas de conhecimento que contemplam a formação desta pesquisa.

Em nossa sociedade, o discurso sobre "trabalho" possui grande importância histórica e cultural, no entanto, para tratarmos tal questão, precisamos considerar as dimensões que este tema alcança e a situação em que se encontra atualmente. O sociólogo Ricardo Antunes, que possui diversas publicações sobre as vertentes do trabalho, afirma que há "em escala mundial, uma ação destrutiva contra a força humana de trabalho que encontra-se hoje, na condição de precarizada ou excluída" (ANTUNES, 2001, p.36).

Além da discussão sobre a precarização da condição de trabalho, Antunes e Alves (2004) também pontuam algumas questões em relação à atual classe trabalhadora, designando-a como:

> [...] a totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho – a classe-que-vive-do-trabalho, conforme nossa denominação (Antunes, 1995 e 1999) – [...] a classe trabalhadora incorpora o proletariado rural, os assalariados das regiões agroindustriais, o proletariado precarizado, o proletariado moderno, fabril de serviços, part-time, trabalho temporário, trabalho precarizado, a totalidade de trabalhadores desempregados (ANTUNES e ALVES, 2004, p. 342).

Estas designações da atual classe trabalhadora também se relacionam a outros problemas estruturais que envolvem, por exemplo, as formas de alienação no mundo do trabalho advindas da lógica destrutiva do capitalismo contemporâneo que usando de expressões como: "flexibilização", "desregulamentação", "terceirização", "privatização", apenas velam as condições de destruição da força humana de trabalho e o não cumprimento dos direitos trabalhistas, situação esta em que milhares de trabalhadores brasileiros se encontram atualmente. A este respeito, Antunes (2012) afirma:

> No estágio atual do capitalismo brasileiro, enxugamentos da força de trabalho combinam-se com mutações sociotécnicas no processo produtivo e na organização do controle social do trabalho. A flexibilização e a desregulamentação dos direitos sociais, a terceirização, as novas formas de gestão das forças de trabalho, implantadas no espaço produtivo, estão em curso acentuado. [...] A combinação entre padrões produtivos tecnologicamente mais avançados e uma melhor 'qualificação' da força de trabalho oferece como resultante um aumento da superexploração da força de trabalho. Para os capitais produtivos, interessa a mescla entre os equipamentos informacionais e a força de trabalho 'qualificada', 'polivalente', 'multifuncional', apta para operá-los, salários muito inferiores àqueles dos trabalhadores das economias avançadas (ANTUNES, 2012, p. 47 e 48).

Diante desta visível desregulamentação e desestruturação do setor trabalhista, percebemos que nem sempre as abordagens sobre "trabalho" que aparecem em discursos midiáticos das grandes empresas correspondem à realidade dos trabalhadores, já que muitos destes realizam suas funções tendo seus direitos, sejam eles trabalhistas ou humanos violados. Por isso, consideramos a importância de analisarmos sentidos do signo ideológico "trabalho" que são produzidos e veiculados pelas mídias institucionais das empresas multinacionais,

considerando que todo signo é constituído pelo meio externo e pelas suas correspondências advindas do social, como ressalta Volóchinov (2017) ao teorizar que:

> Os signos também são objetos únicos e materiais e, como acabamos de ver, qualquer objeto da natureza, da tecnologia ou de consumo pode se tornar um signo. Neste caso, porém, ele irá adquirir uma significação que ultrapassa suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de os limites de sua existência particular. O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom, etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação sígnica.* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93, grifos do autor).

Por isso, elegemos trabalhar com os discursos em torno do signo ideológico "trabalho", pois carrega fortes traços das (trans)formações políticas, sociais e econômicas do sujeito que pertence a este grupo. Estes traços de ideologia se constroem para além da língua, ganhando sentido no exterior, no social, por isso, segundo Volóchinov (2017, p. 91, grifos do autor), "tudo o que é ideológico possui uma *significação:* ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*. *Onde não há signo também não há ideologia*". Pensando a relação inerente entre o signo e o social, observamos também uma das principais noções teóricas abordada pelo Círculo, tal seja, o diálogo. O princípio dialógico trata-se da noção da interação entre a língua e o social, entre o eu o outro, através do qual toda a enunciação interage com aquilo que está fora, dessa forma, os diálogos tomam forma no seu contexto exterior, isto é, no lugar da enunciação, assim como atesta Amorim (2004),

> O dialogismo de um enunciado é um acontecimento; não é uma simples experiência psíquica nem uma relação lógica. Mesmo se as relações dialógicas são impossíveis sem relações lógicas e semânticas, a elas não se reduz. Para se tornarem dialógicas é preciso que essas relações se encarnem: transformem-se em enunciado em um dado contexto de enunciação (AMORIM, 2004, p.140).

Desse modo, abordamos, também, a noção de enunciado que é objeto de estudo do Círculo de Bakhtin e que ressalta que "a essência efetiva da linguagem está representada pelo fato social da interação verbal que é realizada por uma ou mais enunciações" (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 158). Assim sendo, o enunciado reflete as especificidades de uma determinada esfera da atividade humana por meio da língua e pela interação entre o social e o verbal, formando, assim, os elos da cadeia de comunicação.

Tais noções sustentam a tese de que os diálogos regem o movimento da linguagem no mundo, construindo assim, o princípio do diálogo entre determinados interlocutores, os quais produzem e reproduzem os mais variados discursos, por meio de seus enunciados.

Por isso, consideramos importante observar através dos enunciados (re)produzidos pela empresa multinacional Anglo American Brasil, quais os diálogos esta mantêm com seus trabalhadores, bem como, com a sociedade. Para tanto, a noção de gênero do discurso fundada por Bakhtin em sua obra *Estética da criação verbal* nos auxilia a compreender a construção do conteúdo temático, estilo e construção composicional dos enunciados investigados na mídia institucional sabendo-se que, segundo Bakhtin (1997),

> A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a *heterogeneidade* dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas) (BAKHTIN, 1997, p.280 e 281, grifos do autor).

Entendemos, então, o estudo do gênero como um meio de refletir e/ou refratar a realidade, no qual podemos exercer as diversas formas de comunicação em nossa sociedade, sejam elas verbais ou não verbais. Através dos elementos essenciais em sua composição, o estudo dos discursos midiáticos nos permite compreender as relações entre locutor e interlocutor por meio do diálogo.

Ao considerarmos as formas de comunicação não verbal podemos pensar na imagem, no gesto, na pintura, na mímica e na publicidade. Essas formas são conhecidas como visuais e, quando há uma interação entre a linguagem verbal e a não verbal apresenta-se, assim, os enunciados verbovisuais. O Círculo de Bakhtin não trata dos enunciados verbovisuais, por assim dizer, de uma forma explícita, porém deixa pistas em suas obras, que nos permitem refletir sobre essa modalidade de linguagem que une o extrato verbal e o não verbal.

Segundo Grillo (2012),

> A partir da distinção entre forma arquitetônica e forma composicional ou entre projeto de discurso do falante e construção composicional do gênero, entendemos que a dimensão verbo-visual dos enunciados de divulgação científica é, por um lado, um momento da organização do material verbo-visual na construção composicional e, por outro, a materialização do projeto discursivo do autor (GRILLO, 2012, p. 244).

Considerando, dessa maneira, as contribuições teóricas do Círculo, o discurso, tomado enquanto objeto de análise, pode ser constituído por uma parte verbal e também por uma parte visual, assim sendo, a união dessas duas partes é o que dá origem ao enunciado verbovisual. Dessa forma há um diálogo entre os elementos verbais e visuais construindo um todo arquitetônico dotado de significado e sentido.

De acordo com Stafuzza e Lima (2017, p. 97-98), "o termo 'verbovocovisual' tem sua origem na literatura de James Joyce, em *Finnegans Wake* ('verbivocovisual'), tendo sido apropriado pela poesia concreta nos anos 50 do século XX por Décio Pignatari e os irmãos Campos". No estudo realizado por Stafuzza e Lima (2017) é abordado outro extrato da linguagem, o voco, que diz respeito à voz, ao eco, à entoação e ao posicionamento de voz. Para o nosso estudo, importa o verbovisual, uma vez que o *corpus* trata de enunciados verbais e não verbais, não abordando, desta maneira, o voco.

Ainda sobre as contribuições teóricas do Círculo para a análise de enunciados verbovisuais, Stafuzza e Lima (2017) pontuam que,

> Nos estudos de análise de discursos de corrente bakhtiniana, que nos interessa aqui, apesar de Bakhtin e seu círculo não tratarem de "verbovocovisualidade", nem de "discursos verbovocovisuais" em termos, seus escritos trazem importantes contribuições para entendermos o "verbovocovisual" como um procedimento de análise discursiva, uma vez que o discurso tomado como objeto de análise se constitui e se realiza por elementos verbais, vocais e visuais, sendo a obra do Círculo suporte para análises (STAFUZZA; LIMA, 2017, p.98).

O elemento visual faz parte da linguagem, tal como os enunciados constituídos de elementos apenas verbais, o diálogo entre o não verbal e o verbal é possível por meio das relações entre a língua e o social, as quais são rodeadas por enunciados anteriores e posteriores que compõem cada elo na cadeia discursiva, constituindo o discurso como um todo significativo.

A partir disso, elegemos o *corpus* com o qual iremos desenvolver as análises, para pensarmos as possíveis inscrições ideológicas que podem ser identificadas nos discursos sobre "trabalho" que são veiculados pela mídia institucional. A escolha de buscá-lo diretamente na esfera midiática – que representa um dos maiores suportes de transmissão de informação – nos permite analisar o imbricamento entre linguagem e sociedade na produção de discursos que são veiculados na e pela mídia institucional da empresa multinacional eleita para investigação.

De acordo com Charaudeau (2015, p.19), “A informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo”. As condições de produção do discurso na mídia institucional carregam dentro de si um contexto sócio-histórico-ideológico que deve ser levado em conta para todo o nosso trabalho de análise.

Com base nestas considerações, acreditamos que é importante demonstrar, por meio da análise dos discursos de enunciados verbovisuais a respeito de “trabalho”, produzidos pela mídia institucional, de que maneira os sujeitos trabalhadores podem ser interpelados pela ideologia e de que modo elas são construídas a partir da interação social, produzindo, reproduzindo e deslocando sentidos na intenção de alcançar determinado público com uma finalidade específica, tal como pontua Charaudeau (2015):

> O discurso está sempre voltado para outra coisa além das regras de uso da língua. Resulta da combinação das circunstâncias em que se fala ou escreve (a identidade daquele que fala e daquele a quem este se dirige, a relação de intencionalidade que os liga e as condições físicas da troca) com a maneira pela qual se fala. É, pois, a imbricação das condições extradiscursivas e das realizações intradiscursivas que produz sentido (CHARAUDEAU, 2015, p.40).

Dessa forma, as noções de enunciado, diálogo e gêneros do discurso, atreladas às noções de comunicação e informação advindas do discurso midiático são elementos que fundamentam esta pesquisa e possibilitam o entendimento do signo “trabalho” como produto e produtor de ideologias e de cultura, composto pelos elementos extralinguísticos, porém, materializado nos enunciados de discursos midiáticos institucionais veiculados e divulgados pela multinacional Anglo American.

O *corpus* com o qual desenvolvemos as análises engloba enunciados retirados de alguns textos verbais e não verbais (visuais) veiculados eletronicamente pelo *site* da Multinacional Anglo American[2] que tangem os múltiplos sentidos a respeito da noção do signo “trabalho”.

As aplicações metodológicas com as quais contamos para a realização desta pesquisa são importantes, pois nos servem como guia no processo de desenvolvimento do presente estudo. Desse modo, Cardoso (2016, p.54) assevera que:

[2] Site da empresa: http://brasil.angloamerican.com/?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 20/01/2018.

> Toda pesquisa se desenvolve a partir de métodos precisos que, por sua vez, dialogam com os objetivos. O método é, enfim, a maneira de agir ou o como fazer, quais processos devem ser atendidos para se chegar aos objetivos. A metodologia é imprescindível ao Projeto de Pesquisa e precisa estar atrelada à área de conhecimento a que a pesquisa se vincula; isto é, ao tema, e sobretudo, aos objetivos. Isso porque os procedimentos metodológicos devem responder, com eficiência, aos propósitos da pesquisa, aos resultados que dela se espera (CARDOSO, 2016, p. 54).

Esta pesquisa formula-se pela perspectiva dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin, ou seja, por meio do método dialético-dialógico pensamos a linguagem verbal e visual. Isso implica em uma abordagem sócio-ideológica dos enunciados pesquisados.

Assim sendo, o presente estudo conta com pesquisas bibliográficas teóricas e leitura de obras e artigos na área do tema "trabalho", do "Discurso das Mídias" por Charaudeau e pelas obras do Círculo de Bakhtin. Além do mais, contamos com procedimentos metodológicos de coleta, seleção e análise no processo de busca do *corpus*, que é constituído por textos produzidos e divulgados eletronicamente pelo *site* da empresa multinacional Anglo American Brasil.

Para tanto, analisamos seis enunciados, sendo dois verbais e quatro verbovisuais veiculados no e pelo *site* da multinacional.

Os procedimentos utilizados para a coleta de dados foi a pesquisa de enunciados verbais e verbovisuais que tratassem a respeito da representação de "trabalho" ou do sujeito "trabalhador" veiculados pelo *site* da empresa. Ao identificarmos tais enunciados, selecionamos aqueles que evidenciavam de forma mais direta a relação da empresa com o trabalhador, a visão a respeito desse sujeito, bem como a noção de "trabalho" abordada pela companhia, tanto para os trabalhadores quanto para a comunidade.

Após a realização da busca e coleta de dados, selecionamos as publicações veiculadas na aba "Quem somos"[3] na qual constam as guias: "Resumo"[4], "O que fazemos"[5] e "Nossa abordagem"[6]. Também selecionamos uma publicação veiculada na aba "Carreiras"[7] e pela guia intitulada "Trabalhar na Anglo American"[8] que consta na página inicial[9] do *site* da empresa.

---

[3] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/quem-somos?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 20/01/2018.
[4] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/quem-somos/resumo?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 18/12/2017.
[5] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/quem-somos/o-que-fazemos?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 20/01/2018.
[6] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/quem-somos/nossa-abordagem?sc_lang=pt-PT Acesso em: 20/01/2018.
[7] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/carreiras?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 20/01/2018.
[8] Disponível em http://brasil.angloamerican.com/carreiras/trabalhar-na-anglo-american?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 20/01/2018.
[9] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 20/01/2018.

Para a realização das análises, consideramos as marcas discursivas presentes nos enunciados, ativando o diálogo com a teoria, em busca de desvelar sentidos produzidos pelos enunciados, e de que maneira estes sentidos representam e constroem socialmente a noção do signo "trabalho" para o sujeito trabalhador e, também, para a comunidade.

Nesse sentido, a pesquisa proposta é de natureza descritiva, analítica e interpretativa dos textos publicados, geridos e veiculados pela página eletrônica da Anglo American Brasil e que trazem como tema a representação do "trabalho" e do sujeito trabalhador.

Consideramos que a natureza desta pesquisa é descritiva, porque descrevemos o processo de escolha dos enunciados selecionados e que compõem o *corpus* de análise, considerando as marcas sócio-histórico-ideológicas do signo ideológico "trabalho" presente nas publicações selecionadas. É analítica, porque buscamos analisar os discursos sobre trabalho presentes nos enunciados escolhidos. E, ainda, é interpretativa, porque é a interpretação que nos remete aos objetivos propostos nesta pesquisa, em observar o funcionamento do signo ideológico "trabalho" na mídia institucional da empresa Anglo American, pelo olhar da pesquisadora.

Identificamos, no desenvolvimento das análises dos enunciados verbais e verbovisuais, que por meio do discurso midiático produzido e veiculado pela empresa, o sentido dos signos "trabalho" e "trabalhador" se modificam e se ressignificam, a fim de moldar um perfil de profissional que dialoga com os interesses da empresa. Identificamos, além disso, alguns embates e deslocamentos a partir dos discursos que são produzidos e, ás vezes, contestados pela própria empresa.

Encontramos, também, uma regularidade nos discursos e na forma de tratamento ao trabalhador, trazendo comparações do uso do signo ideológico "trabalho" presente na página eletrônica de mais duas empresas do mesmo ramo de atuação, a Kinross Gold Corporation[10] e a Vale S. A.[11].

Ademais, esta pesquisa tem sua importância adensada pelo fato de que oportuniza a compreensão de elementos relacionados ao signo ideológico e sua produção de sentidos em materialidades verbovisuais. No que diz respeito ao tema, entendemos que o trabalhador enquanto sujeito inscrito em um determinado tempo e espaço produz e reproduz sentidos sociais de sua existência ideológica, a partir da construção dos enunciados, do momento sócio-histórico, das ideologias e dizeres que circulam pela esfera institucional da empresa,

[10] Endereço eletrônico da Kinross Gold Corporation: http://www.kinross.com.br/. Acesso em: 25/01/2018.
[11] Endereço Eletrônico da Vale S.A.: http://www.vale.com/brasil/PT/Paginas/default.aspx. Acesso em: 25/01/2018.

lugar de “trabalho” do sujeito trabalhador. Dessa forma, esperamos que esta pesquisa seja ilustrativa para o estudo de discursos verbovisuais com enfoque bakhtiniano.

Quanto à estrutura do trabalho, dividimos esta dissertação em três capítulos com a intenção de abordar conceitos e noções, de maneira a estabelecermos diálogos entre os fundamentos do Círculo de Bakhtin, a AD de linha Francesa com Charaudeau e também com os estudos das Ciências Sociais, sendo eles, os campos teóricos que sustentam esta pesquisa.

No primeiro capítulo abordamos o percurso histórico da concepção de “trabalho” no Brasil até chegar às noções de “trabalho” na contemporaneidade, bem como a situação na qual se encontra a condição política em relação ao “trabalho” no país, considerando as alterações sociais, políticas, culturais e históricas pelas quais a noção do termo veio passando ao longo do tempo e da história.

No segundo capítulo abordamos as noções de linguagem e ideologia, bem como a percepção da palavra como signo ideológico. Tratamos, também, o princípio dialógico que é cerne da teoria do Círculo de Bakhtin e também apresentamos as noções que regem o fundamento do diálogo, tais como, enunciado, gêneros do discurso e o estudo de enunciados verbovisuais. Tratamos também das noções de comunicação e informação midiáticas, aportados em Charaudeau. Todos estes conceitos fundamentam, ainda, o desenvolvimento das análises do terceiro capítulo, no qual apresentamos *corpus* selecionado, seguido da descrição, análise e interpretação realizadas pelo imbricamento entre teoria e análise de enunciados.

1. DISCURSOS SOBRE O TRABALHO EM NOSSA SOCIEDADE

1.1 Contexto histórico e discursos sobre trabalho em diferentes esferas sociais

De acordo com Cotrim (2000, p.25), historicamente, uma das primeiras divisões do trabalho foi estabelecida entre os sexos, sendo que algumas tarefas, tais como caçar, guerrear, garantir a proteção do grupo familiar, eram funções conferidas aos homens, em contrapartida as atividades domésticas, bem como os cuidados com os filhos, eram destinados às mulheres.

A respeito dessas questões, Chauí (2000) assevera que:

> [...] historicamente, uma sociedade (pequena, grande, tribal, imperial, não importa) sempre começa por uma divisão e que essa divisão organiza todas as relações sociais que serão instituídas a seguir. Trata-se da divisão social do trabalho. Na luta pela sobrevivência, os seres humanos se agrupam para explorar os recursos da Natureza e dividem as tarefas: tarefas dos homens adultos, tarefas das mulheres adultas, tarefas dos homens jovens, tarefas das mulheres jovens, tarefas das crianças e dos idosos. A partir dessa divisão, organizam a primeira instituição social: a família, na qual o homem adulto, na qualidade de pai, torna-se chefe e domina a mulher adulta, sua esposa e mãe de seus filhos, os quais também são dominados pelo pai (CHAUÍ, 2000, p.217).

Dessa forma, percebemos que desde a antiguidade as sociedades já possuíam um modo de organização, no qual impunham divisões de atividades, levando em conta, por exemplo, o sexo e a idade na distribuição das funções de cada integrante de determinada comunidade.

Posteriormente, os grupos familiares começaram a criar animais e praticar a agricultura, se situando em habitações fixas. Essas comunidades deram início, então, à produção de alimentos em quantidade superior do que a necessária para o seu consumo instantâneo, se instaurando, assim, o sistema de trocas entre os membros das mesmas tribos e entre tribos mais próximas. No decorrer da história, com o surgimento da divisão de classes sociais e da dominação de uma sobre outra, o trabalho foi perdendo seus atributos positivos. Deixou de servir ao bem da coletividade e foi se transformando em ferramenta de enriquecimento para alguns (poucos).

A respeito desse período e suas modificações, Chauí (2000) considera que,

> As famílias trabalham e trocam entre si os produtos do trabalho. Surge uma segunda instituição social: a troca, isto é, o comércio. Algumas famílias conquistam terras melhores do que outras e conseguem colheitas ou gado em maior quantidade que outras, trocando seus produtos por uma quantidade maior que a de outras. Ficam mais ricas. As muito pobres, não tendo

> conseguido produzir nada ou muito pouco, vêem-se obrigadas a trabalhar para as mais ricas em troca de produtos para a sobrevivência. Começa a surgir uma terceira instituição social: o trabalho servil, que desembocará na escravidão (CHAUÍ, 2000, p.217).

Decorrente disso, nas sociedades mais antigas, a palavra "trabalho" apresentava sentidos negativos, se relacionando não mais ao sustento e a subsistência, mas sim à servidão e exploração. Para melhor exemplificar, na Antiguidade grega, todo "trabalho" manual era desvalorizado por ser feito por escravos, enquanto a atividade teórica, considerada a mais digna do homem, representava a essência fundamental de todo ser racional.

Na Roma antiga o trabalho não era valorizado. O sentido da palavra trabalho indicava a negação do ócio, ao representar o trabalho como a ausência de lazer, uma espécie de castigo. Como afirma Cotrim (2000, p.24), "De ato de criação virou rotina de reprodução. De recompensa pela liberdade se transformou em castigo. Enfim, em vez de elemento de realização, foi transformado em instrumento de alienação".

A alienação, segundo Chauí (2000), é dividida em três grandes formas na nossa sociedade: a alienação social, a alienação econômica e a alienação intelectual. A primeira trata da alienação pela qual "os humanos não se reconhecem como produtores das instituições sociopolíticas", dessa forma costumam ou aceitam passivamente tudo o que existe, acreditando que tais acontecimentos são advindos do natural, divino ou racional, ou então se rebelam individualmente, a fim de modificar a realidade a qual estão sendo impostos, apenas por meio de sua própria vontade e inteligência. Conforme Chauí (2000. p. 219) "Nos dois casos, a sociedade é o outro (*alienus*), algo externo a nós, separado de nós, diferente de nós e com poder total ou nenhum poder sobre nós".

Já a segunda forma de alienação, a econômica, é aquela pela qual os homens não têm ideia de que são os produtores e nem se reconhecem no que produzem no seu trabalho. Com isso,

> [...] os trabalhadores, como classe social, vendem sua força de trabalho aos proprietários do capital (donos das terras, das indústrias, do comércio, dos bancos, das escolas, dos hospitais, das frotas de automóveis, de ônibus ou de aviões, etc.). Vendendo sua força de trabalho no mercado da compra e venda de trabalho, os trabalhadores são mercadorias e, como toda mercadoria, recebem um preço, isto é, o salário. Entretanto, os trabalhadores não percebem que foram reduzidos à condição de coisas que produzem coisas; não percebem que foram desumanizados e coisificados (CHAUÍ, 2000. p. 219).

Assim, o trabalho se torna uma forma de distanciamento do sujeito à sua realidade, já que este, ao vender sua força de trabalho, vende também sua identidade, tornando-se refém e produto, ao mesmo tempo, daqueles que os "compram" e os "coisificam" em troca de um salário e da exploração de seu "trabalho".

A terceira forma de alienação, a intelectual, consiste na divisão entre o trabalho manual, produtor de mercadorias e o trabalho intelectual, produtor de conhecimentos. Acredita-se que o trabalho material (manual), não necessite de conhecimentos, apenas de força e habilidades manuais, enquanto que o trabalho das ideias (o intelectual) necessita, exclusivamente, de ideias e dos conhecimentos.

Em síntese, Chauí (2000) reitera que,

> a sociedade nasce pela estruturação de um conjunto de divisões: divisão sexual do trabalho, divisão social do trabalho, divisão social das trocas, divisão social das riquezas, divisão social do poder econômico, divisão social do poder militar, divisão social do poder religioso e divisão social do poder político. Por que divisão? Porque em todas as instituições sociais (família, trabalho, comércio, guerra, religião, política) uma parte detém poder, riqueza, bens, armas, idéias e saberes, terras, trabalhadores, poder político, enquanto outra parte não possui nada disso, estando subjugada à outra, rica, poderosa e instruída (CHAUÍ, 2000, p. 217).

É nesse contexto que se cria as relações de dependência, exploração, submissão entre os seres destituídos de riqueza, conhecimento e poder, pelos detentores de todas estas ferramentas, os quais dominam uma parcela da população e os "governam" ao modo que melhor satisfaz, criando, assim, um ciclo de desigualdades e injustiças sociais.

Para melhor compreendermos, em sua etimologia, a palavra trabalho se deriva do latim *tripalium* que significa instrumento de tortura utilizado no período Medieval. Em tese, o termo é formado pela junção de *tri* que significa três e *palium* que significa pau, madeira, assim *tripalium* era o nome dado a um instrumento de tortura constituído de três estacas de madeira bastante afiadas e que era destinado a castigar, em tempos remotos, principalmente as classes dos escravos, artesãos, pobres e não detentores de poder[12].

Desse modo, originalmente, "trabalhar" significava "ser torturado", "castigado" e/ou "punido". Essa tortura era direcionada, principalmente, aos escravos e aos pobres que não podiam pagar os impostos. Assim, quem "trabalhava", naquela época, eram as pessoas destituídas de posses. A ideia de trabalhar como ser torturado passou a dar entendimento não só ao fato de tortura em si, mas também, por extensão, às atividades físicas produtivas

[12] Disponível em: COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia:** História e grandes temas. 15.ed. Saraiva: Cidade. 2000. Acesso em: 03 de maio de 2017.

realizadas pelos trabalhadores, especialmente pelos: camponeses, artesãos, agricultores, pedreiros etc.. “A partir do latim, o termo passou para o francês *travailler*, que significa “sentir dor” ou “sofrer”. Com o passar do tempo, a palavra passou a significar “fazer uma atividade exaustiva” ou “fazer uma atividade difícil, dura”. Só no século XIV começou ganhar um novo sentido, qual seja, o de "aplicação das forças e faculdades (talentos, habilidades) humanas para alcançar um determinado fim".[13]

A construção de sentidos do signo “trabalho” é atravessada pelas diversas ideologias que circulam socialmente e constroem a ideia de conjunto de atividades realizadas pelo homem com determinado objetivo, podendo ser remunerada ou não, de caráter manual, artístico e/ou intelectual, o qual exige responsabilidade e capacidade para se executar determinada função com qualidade, cuidado, esforço, ou até mesmo apenas por obrigação.

A reunião de todos esses sentidos nos permite alcançar uma noção do entendimento do signo ideológico “trabalho” nos dias atuais para a nossa sociedade. Além desses sentidos mais comumente conhecidos, é possível, ainda, encontrarmos outras ideologias agregadas ao signo “trabalho”, construídas e propagadas pela própria sociedade, ou melhor, pelo povo, pelo próprio sujeito que se insere no universo do “trabalho”.

Em uma pesquisa rápida pela internet, por exemplo, com o comando de pesquisa no *Google* pelas expressões, “ditados populares sobre trabalho” podemos encontrar enunciados, tais como,

> “O trabalho é a fonte de todas as riquezas”;
> “Descubra algo que você gosta de fazer e nunca mais terá trabalho”;
> “O trabalho mais duro que existe é não fazer nada” [14];
> “O trabalho enriquece, a preguiça empobrece”;
> “O prazer no trabalho aperfeiçoa a obra” [15].

Além desses enunciados, é possível encontrar tantas outras expressões e ditos populares que enfatizam e determinam ideologias em relação ao “trabalho”, ao homem e a sociedade.

Para além das construções sócio-ideológicas em relação ao termo “trabalho” e a (re)produção de sentidos advindos de ditos populares, temos também discursos religiosos, que abordam e recriam os sentidos do signo “trabalho”.

---

[13] Disponível em: https://www.dicionarioetimologico.com.br/trabalho/. Acesso em: 03 de maio de 2017.
[14] Disponível em: https://pensador.uol.com.br/proverbios_sobre_o_trabalho/. Acesso em: 02 de janeiro de 2017.
[15] Disponível em: http://www.citador.pt/proverbios.php?cit=2&op=8&theme=268&firstrec=10. Acesso em: 02 de janeiro de 2017.

Buscamos por algumas passagens bíblicas que fazem referência ao signo “trabalho”, bem como à relação do homem com o labor, de modo a (re)construir sentidos deste signo. Trazemos algumas dessas passagens a seguir:

> “Servi com dedicação, como servos do Senhor e não dos homens. E estai certo de que cada um receberá do Senhor a **recompensa** do **bem** que tiver feito, quer seja **escravo**, quer **livre**” (Efésios 6:7-8, grifos nosso).
>
> “Tudo o que tua mão encontra pra fazer, **faze-o com todas as tuas faculdades**, pois que na região dos mortos, para onde vais, **não há mais trabalho**, nem **ciência**, nem **inteligência**, nem **sabedoria**” (Eclesiastes 9:10, grifos nosso).
>
> “Aliás, quando estávamos convosco, nós vos dizíamos formalmente: **quem não quiser trabalhar não tem o direito de comer.** Entretanto, soubemos que entre vós há alguns **desordeiros, vadios**, que só se preocupam em intrometer-se em assuntos alheios. A esses indivíduos ordenamos e exortamos a que se **dediquem** tranquilamente **ao trabalho para merecerem ganhar o que comer**” (2 Tessalonicenses 3:10-12, grifos nosso).
>
> “Procurai viver com serenidade, ocupando-vos das vossas próprias coisas e **trabalhando com vossas mãos**, como vo-lo temos recomendado. **É assim que vivereis honrosamente** em presença dos de fora e não sereis pesados a ninguém” (1 Tessalonicenses 4:11-12, grifos nosso).
>
> “A mão diligente **dominará**; a mão **preguiçosa** torna-se tributária” (Provérbios 12:24, grifos nosso).
>
> “Não sejas amigo do **sono**, para que não te tornes **pobre**: abre os olhos e terá pão a vontade” (Provérbios 20:13, grifos nosso).

O que percebemos nessas passagens bíblicas supracitadas, considerando, sobretudo, as partes por nós destacadas, é que os discursos sobre “trabalho” pelo viés religioso tangem algumas questões, tais como, pobreza, riqueza, preguiça, sustento, fome, subsistência, obediência, honra, submissão, dedicação, sabedoria, inteligência, dominação, dignificação humana, recompensa divina e, também, suscita ideias relacionadas à escravidão e liberdade.

Uma outra passagem conhecida e, que possui uma representatividade muito forte, ainda nos dias de hoje, faz referência ao sentido de que o “trabalho” deve ser exercido durante a semana e que deve haver um dia de descanso para o trabalhador, assim como consta na passagem bíblica abaixo:

> “Trabalharás durante seis dias e farás toda a tua obra. Mas no sétimo dia, que é um repouso em honra do Senhor, teu Deus, não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu animal, nem o estrangeiro que esta dentro dos teus muros” (Êxodo 20:9-11).

Embora os discursos apresentados, tanto pela vertente religiosa, quanto pelo conhecimento popular e seus sentidos construídos e propagados socialmente, a respeito do signo "trabalho", tenham em sua maioria, sentidos de enobrecimento do homem através do trabalho, e também da ideia do "trabalho" como algo valorável e indispensável a todo ser humano social, vimos que a etimologia da palavra trabalho, bem como seu contexto histórico em tempos remotos, faz um determinado deslocamento em relação a essas concepções que trazem, na maioria dos discursos, sentidos positivos para esse signo.

Podemos nos questionar de que maneira, então, se deu essa mudança de sentido do signo "trabalho, que em sua origem apresenta ideia de tortura, perda da liberdade e sofrimento, e que em um determinado momento sócio-histórico traz o sentido de enobrecimento, dignificação do homem perante e na sociedade.

Como podemos perceber, o signo ideológico "trabalho" possui tamanha representatividade, que existe até uma data específica para celebrar o dia do "trabalho" e/ou dia do trabalhador. O dia 1º de maio, data na qual se comemora o referido dia, vislumbra seu contexto sócio-histórico, explicando a origem desta data que hoje é comemorada mundialmente.

A classe operária sempre demandou uma série de necessidades que quase nunca eram atendidas pela classe burguesa: problemas como excesso de carga horária trabalhada e a falta de uma boa relação entre empregado e empregador eram algumas dessas urgências.

Em razão das manifestações dos trabalhadores em busca de melhores condições para exercerem seus ofícios, no fim do século XIX foi instituído o dia do trabalho em 1º de maio em alguns países como Estados Unidos da América e no Brasil, bem como em outros países ocidentais[16].

Em Chicago (EUA), a data surgiu no ano de 1886 em virtude de uma manifestação realizada por milhares de trabalhadores que foram às ruas para reivindicar melhores condições de trabalho, dentre elas, a redução da jornada de treze para oito horas diárias, provocando, então, uma enorme greve geral dos trabalhadores, fato que ocasionou diversos conflitos, resultando, inclusive, na morte de muitos manifestantes. Este acontecimento gerou uma enorme revolta nos trabalhadores, que desencadeou novos enfrentamentos e resistência, e consequentemente, mais mortes e dezenas de pessoas feridas.

Em memória aos mártires de Chicago e por tudo o que esse dia significou em prol da luta da classe trabalhadora em busca e defesa dos seus direitos, servindo de exemplo para o

[16] Disponível em: https://www.calendarr.com/brasil/dia-do-trabalho/. Acesso em: 03 de janeiro de 2018.

mundo todo e para homenagear aqueles que morreram durante os conflitos, foi criado o dia internacional dos trabalhadores ou dia internacional do trabalho como também é conhecido em diversos países.[17]

Na França, por exemplo, o dia do trabalho foi instituído em seu calendário no ano de 1919. Por meio das manifestações, os operários conseguiram reduzir a jornada de trabalho para oito horas diárias, o que foi considerado um dia especial para os trabalhadores[18].

Aqui no Brasil, as maiores conquistas quanto aos direitos dos trabalhadores aconteceram durante o governo de Getúlio Vargas no mandato compreendido entre 1930 e 1945, quando passaram a ter uma jornada de trabalho reduzida, direito à carteira de trabalho assinada, recebimento de férias, dentre outros direitos.

O Presidente Getúlio Vargas instituiu também o salário mínimo, o qual deveria suprir as necessidades básicas de uma família como, por exemplo, moradia, alimentação, saúde, vestuário, educação e lazer. Foi criada, ainda, a Justiça do Trabalho, que era destinada a resolver questões judiciais relacionadas especificamente às relações de trabalho e aos direitos trabalhistas. Criou-se, também, a CLT – Consolidação das Leis do Trabalho, instituída pelo Decreto-Lei nº 5.452, em 1º de maio de 1943.[19]

O dia 1º de maio se tornou feriado nacional em muitos dos países que comemoram o dia do "trabalho", além disso, são realizadas, também neste dia, homenagens, manifestações, exposições e eventos de conscientização sobre os direitos trabalhistas[20].

Ao analisarmos o cenário atual das condições de trabalho em nossa sociedade, podemos perceber, que embora ainda muito enaltecida a relação entre "trabalho" e dignidade, ainda se refletem muitos dos traços do sentido de "trabalho" que lhe era atribuído em sua etimologia, diversas relações de trabalho escravo, trabalho sem regulamentação, trabalho precarizado, a má ou até mesmo, a não remuneração do trabalhador, sem contar também, com as atuais medidas políticas, que tendem a declinar os direitos um dia conquistados (e nem sempre respeitados) pelo trabalhador em nosso país e no mundo.

---

[17] Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-do-trabalho.htm>. Acesso: 03 de janeiro de 2018.

[18] Disponível em: http://www.suapesquisa.com/datascomemorativas/dia_do_trabalho.htm. Acesso em: 03 de janeiro de 2018.

[19] Link de acesso ao decreto: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm. Acesso em: 03 de janeiro de 2018.

[20] Disponível em: http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2011/04/historia-do-dia-do-trabalho-1. Acesso em: 03 de janeiro de 2018.

Para demonstrarmos de modo mais compreensível essas questões, abordaremos no próximo tópico sobre as condições do trabalho na contemporaneidade, especialmente, por meio do embasamento teórico em Antunes (2000; 2001; 2004; 2006; 2007).

1.2 Relações políticas e sociais acerca do trabalho na contemporaneidade

O sociólogo Ricardo Antunes possui diversas pesquisas que abordam sobre o universo do "trabalho", pelas quais o autor apresenta alguns termos, que caracterizam a realidade na qual o mundo do trabalho se encontra nos dias de hoje. Alguns desses termos, como por exemplo, infoproletariado, trabalhador - segundo designação do próprio autor, *a-classe-que-vive-do-trabalho*, desemprego estrutural, trabalhador polivalente e multifuncional, entre outros, caracterizam o universo atual em que se encontra o sujeito trabalhador e a sociedade do "trabalho" na contemporaneidade.

Consoante a todas as noções a respeito de "trabalho" que já abordamos no tópico anterior deste capítulo, buscamos compreender, aqui, nesta parte, as abordagens políticas e sociais referentes às condições de "trabalho" correntes em nossa sociedade.

Antunes (2000; 2001; 2004; 2006; 2007) traz, em suas pesquisas, diversas discussões sobre as mudanças no setor trabalhista, as novas formas de inserção e exclusão no ambiente de trabalho e, consequentemente, a precariedade condicionada a uma grande quantidade de trabalhadores, devido à supervalorização do capital e desvalorização da força de trabalho humana. Questões estas, extremamente atuais no cenário político brasileiro, que vêm ocorrendo entre os anos de 2016 a 2018, momento no qual um conjunto de reformas está sendo discutido e aprovado, tais como, a Reforma Trabalhista e a Reforma da Previdência, que incidem diretamente sobre os direitos dos trabalhadores e, ainda, a Reforma da Educação ou "Reforma do Ensino Médio" que também diz respeito ao trabalho docente.

A criação e alteração desses projetos de lei vêm criando um estado de alerta em toda a população devido às consequências, em sua grande parte, negativas, que tais transformações podem ocasionar ao trabalhador e também a quem ainda não ingressou no mercado de trabalho.

Destas propostas, a Reforma Trabalhista – Lei 13.467 de 13 de julho de 2017[21] foi aprovada e entrou em vigor desde o dia 11 de novembro de 2017. No site do governo[22] houve uma alteração do signo "Reforma" para "Modernização" trabalhista.

---

[21] Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm. Acesso em 22/01/2018

Ao pensarmos nesse deslocamento do signo “reforma” que foi utilizado durante todo o processo de tramitação da lei, para o signo “modernização” após sua aprovação, podemos perceber uma tentativa de apagamento de todos os sentidos negativos que o signo “Reforma” causou na maioria da população, que se mostrou contrária a proposta de lei. Talvez porque o signo “reforma” ecoe em outro lugar e traga a ideia de que se algo precisa ser reformado, é porque não está bom, está degradado, em desordem, que precisa ser transformado ou algo que implique em mudanças realizadas para fins de aprimoramento ou melhores resultados. Enquanto que o signo “modernização” reflete em outro lugar, já que aquilo que é moderno remete ao novo, ao inédito, ao popular, tem uma ideologia diferente, e por isso, modifica o sentido em relação ao signo “reforma”. Porém, é importante ressaltar, que nem toda reforma política condiz com uma melhoria efetiva ou algum tipo de ganho para a população. Podemos confirmar isso, por meio da descrição da Reforma Trabalhista, que é, aqui para nós, a que diz respeito diretamente ao nosso tema de estudo.

Para melhor entendermos essas questões, falamos brevemente sobre o que são e o que propõem as referidas Reformas, quando esta, ainda estava em tramitação pelo Senado, bem como de que maneira essas propostas de alteração poderiam influir nas estruturações do “trabalho”, que como já vimos anteriormente, já se apresenta altamente precarizado e sucateado em nosso país.

De acordo com uma reportagem do *site* de notícias *Portal IG*, intitulada: “Reforma trabalhista: entenda o que é e como pode impactar a vida do trabalhador” [23], podemos identificar e destacar alguns pontos principais em que as alterações na CLT terão mais impacto, especialmente para o trabalhador.

Organizamos, a seguir, em um quadro, as principais propostas de reformas, e as consequências de cada uma dessas alterações. Estabelecemos, ainda, relações com alguns artigos do sociólogo Ricardo Antunes, a fim de entendermos de que modo vem se instituindo estas questões trabalhistas, as possíveis consequências para o trabalhador, bem como para a sociedade, buscando refletir, também, em como se relaciona ou quão próximo o trabalho se mostra de todos os discursos que tratam sobre ele de uma forma negativa e, que interferem diretamente, na relação entre o sujeito trabalhador e o domínio social.

Organizamos o quadro em duas colunas, uma que trata das alterações e outra que trata das consequências dessas mudanças para o trabalhador:

---

[22] Diponível em: http://www.brasil.gov.br/trabalhista Acesso em: 22/01/2018.
[23] Disponível em: http://economia.ig.com.br/2017-05-05/reforma-trabalhista.html. Acesso em: 10 de maio de 2017.

Quadro 1: Principais alterações na CLT segundo o site de notícias *IG*.

O que muda?	**Como afeta os trabalhadores?**
Acordos	"Os *acordos* firmados entre empregador e empregado passam a ganhar mais força, *sendo colocados acima da legislação vigente*, na prática. Desse modo, há a *negociação* entre as partes no que se diz respeito ao banco de horas, férias, plano de cargos e salários".
Trabalho intermitente	"Com a criação do *trabalho intermitente, pago por hora trabalhada ao invés de jornadas tradicionais prescritas na CLT*, o empregador é obrigado a avisar o trabalhador que precisará dos seus serviços com, ao menos, cinco dias de antecedência. Além disso, há *previsão* do pagamento das férias, do 13ª, RSR e adicionais, garantindo as férias. Contudo, *não prevê remuneração* e *depósito do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS)*".
Horas extras	"No tocante às horas extras, a partir da vigência do texto reformador, *empregadores e empregados poderão* ***negociar*** *diretamente a carga horária laboral*, desde que observado o limite de até 12 horas por dia e 48 horas por semana. A jornada de 12 horas, entretanto, só poderá ser realizada desde que seguida por 36 horas de descanso".
Férias	"Em relação às férias, o projeto prevê a possibilidade de *flexibilização* no respectivo pagamento em até três vezes, sempre seguido do terço constitucional. Contudo, há ressalva de que uma das frações deva corresponder a ao menos duas semanas de trabalho".
Trabalho parcial	"Pela atual CLT, trabalho parcial é todo aquele que não ultrapassa 25 horas de jornada semanal. Com a reforma, *o limite passa a ser de 30 horas*, sem a possibilidade de que a jornada seja estendida. No entanto, o trabalhador que desempenha sua função de forma parcial e que não ultrapassou o limite de 26 horas semanais, está habilitado a praticar até seis horas extras por semana".
Banco de horas	"O instituto do Banco de Horas também foi pautado, com alterações significativas, que obriga o pagamento de horas extras não compensadas no prazo máximo de seis meses, sendo o prazo da CLT atual de um ano. Além disso, eleva o adicional a 50%

	como previsto constitucionalmente, já que na legislação vigente, praticava-se o equivalente a 20%".
Sindicatos	"Devido às manifestações recentes, uma das mudanças mais comentadas é a abrangente às entidades sindicais, retirando assim, a obrigatoriedade do imposto sindical, que a partir de então passa a ser apenas *opcional*. Com isso, prevê também a *desnecessidade* de homologação sindical para o caso de eventuais demissões".
Seguro-desemprego	"O Programa Social do Seguro-Desemprego também deixa de ter consequência lógica para trabalhadores dispensados sem um motivo justo. *A reforma estabelece que a habilitação em referido programa apenas ocorrerá se for previamente* ***convencionada*** *entre trabalhador e empregador*".
Terceirização	"*Sob o enfoque da terceirização, onde há permissão das empresas para terceirizar quaisquer atividades, não apenas atividades acessórias da entidade*, o documento proíbe a demissão de um trabalhador efetivo para fins de sua contratação como terceirizado, em um prazo mínimo de 18 meses. "Vale ressaltar 'que todos os trabalhadores em tal situação, obrigatoriamente, deverão ter os mesmos benefícios e condições de trabalho do que os funcionários efetivos de uma mesma empresa".

Fonte: http://economia.ig.com.br/2017-05-05/reforma-trabalhista.html Acesso em: 10 de maio de 2017.

Os trechos destacados no texto foram marcados por nós, para refletirmos sobre as possibilidades de sentido das palavras grifadas e que podem se relacionar com aquilo que Antunes (2012, p. 59) afirma que, "É neste quadro, caracterizado por um processo *tendencial de precarização estrutural do trabalho*, em amplitude ainda maior, que os capitais estão exigindo também o desmonte da legislação social protetora do trabalho".

Percebemos, então, que além dos direitos um dia conquistados com luta, e que ainda assim, não suprem de forma efetiva e positiva as necessidades dos trabalhadores, com a Reforma Trabalhista proposta (agora já aprovada), perde-se ainda mais do pouco que se havia adquirido um dia, um pouco que mesmo assim, se mostra distante do que realmente seria proporcionar condições dignas de trabalho aos sujeitos trabalhadores em nossa sociedade.

Ao considerarmos os termos destacados no Quadro 1, vemos várias expressões que demonstram as suas prováveis consequências na vida do trabalhador, quando se diz por exemplo, negociação, flexibilização, trabalho parcial, terceirização, acordo, dentre outras tantas expressões que Antunes caracteriza,

> Como consequência das práticas flexíveis da contratação da força de trabalho [...] (mediante a ampliação significativa da terceirização, da contratação de trabalhadores por tarefas ou em tempo parcial), [...] presenciou-se uma ainda maior precarização dos empregos e redução de salários, aumentando o processo de desregulamentação do trabalho e de redução dos direitos sociais para os empregados em geral e, de modo ainda mais intenso, para os terceirizados [...] (ANTUNES, 2012, p.50).

Esse conjunto de práticas que vem sendo proposto e imposto implica, diretamente, em um processo de retrocesso em relação a todo direito já conquistado pelo e para o trabalhador em um determinado momento da história. Quando se diz que "Os *acordos* firmados entre empregador e empregado passam a ganhar mais força, *sendo colocados acima da legislação vigente*, na prática. Desse modo, há a *negociação* entre as partes no que se diz respeito ao banco de horas, férias, plano de cargos e salários" (Quadro 1). Está presente nesses discursos um não dito, que implica que a lei será colocada de lado em função da dominação e do bem-estar material do empregador, pois em uma "negociação" na qual não possua amparo legal e livre de acompanhamento sindical, fica evidente que a parte beneficiada, muito provavelmente, não será a do trabalhador.

Podemos verificar, mais adiante, nas análises do *corpus* apresentadas no terceiro capítulo, que grandes companhias como a Anglo American, possuem um discurso de diálogo direto e recíproco entre a empresa e o empregado. É basicamente isso, que essa proposta de acordos firmados entre empregador e empregado pretende propagar: quando se diz que esses acordos ganham mais força e serão colocados acima da legislação, já é possível criarmos um estado de alerta, pois, sem a lei para proteger e assegurar os direitos do trabalhador, o que impedirá quem o emprega de criar acordos nos quais o sujeito trabalhador não será favorecido, e sim, apenas obrigado a aceitar as condições, independente de serem benéficas a ele ou não?

Levando em conta que o trabalhador encontrar-se-á desamparado pela lei, sabemos que há uma grande probabilidade de que em uma determinada negociação, não será a sua voz que prevalecerá, ou ao menos aparecerá, para garantir algum direito, mas sim, a voz do

empregador, que possivelmente é a que vai se sobressair, deixando o trabalhador refém das determinações que o empregador decidir e lhe impuser.

O que se percebe, também, é que essas propostas de alteração das leis no setor trabalhista ecoam de forma singular com o que falamos logo acima, sobre as lutas que resultaram na comemoração do dia 1º de maio, as mudanças trabalhistas no Brasil, naquela época, foram conquistadas pelos e para os trabalhadores, de uma forma geral, e o que acontece agora é a perda desses direitos que foram alcançados com muita luta, garra, sangue e até pela morte de muitos.

Desse modo, é visível a percepção do lugar em que o sujeito trabalhador vem sendo colocado sob a perspectiva do governo e por mais improvável que possa ser, é o lugar dos tempos remotos, da escravidão e da submissão.

Além da aprovação da Reforma Trabalhista, há um projeto de emenda à constituição (PEC 287/2016) que prevê alteração também na Reforma da Previdência, de modo que os trabalhadores levarão mais tempo para se aposentar do que o tempo previsto atualmente. Essa proposta também afeta a classe trabalhadora de maneira extremamente agressiva e negativa. Mais uma vez notamos os anos de luta por conquistas sendo descartados em função do interesse da classe dominante, sejam eles, o governo e as empresas privadas, por meio da exploração da classe dominada: o trabalhador, o proletariado.

Damos maior visibilidade acerca de grande parte do que abordamos até aqui, no nosso material de análise que está desenvolvido no terceiro capítulo. No recorte em estudo, é possível perceber que a luta dos trabalhadores é constante para se estabelecer um lugar onde eles sejam respeitados e valorizados.

Vemos, também, que especialmente para as mulheres, a conquista de direitos e de uma posição no mercado de trabalho é, ainda hoje, um processo intenso de luta e de rompimento contra o sistema opressor de dominação masculina. Os índices da própria empresa (ver Imagem 4, página 85, capítulo terceiro) demonstram o quanto é desigual, não só o número de mulheres que trabalham na empresa, mas também o que elas precisam provar para chegar até lá.

A partir desse breve panorama acerca das propostas e alterações de Reformas no setor trabalhista, podemos compreender que os direitos que os trabalhadores conquistaram ao longo do tempo, além de já não serem respeitados com o devido rigor, agora serão além de tudo, violados e sucateados.

Desta forma, ao trabalhador não resta nenhuma alternativa a não ser aceitar de forma subjugada a todas as imposições da lei, que apenas o lesa de tal forma que no caso de não

aceitar às imposições injustas e degradantes que a ele [o trabalhador] estão sendo infundidas, a única opção que lhe resta é pedir demissão, uma vez que a quantidade de desempregados aumentam a cada dia. De acordo com dados do *site* de notícias *G1*[24], no segundo semestre de 2017 o desemprego chegou a 12,2% e atingiu 12,7 milhões de brasileiros. Segundo informações do referido *site*, a taxa de desemprego aumentou em relação ao mesmo período do ano anterior e foi menor em relação aos três meses anteriores de 2017, porém, esse recuo é dado pelo aumento de trabalhos informais.

Tais questões supracitadas resultam em um temor por parte do trabalhador, de não ter ou não permanecer no emprego, muitas vezes levando em conta e sendo influenciado pelos discursos que são veiculados pela mídia e, desse modo, se vendo coagido a assujeitar-se a todo e qualquer tipo de imposição e exploração de sua força de trabalho por meio da dominação dos empregadores e das leis do capital. A esse respeito, Antunes destaca que,

> No movimento pendular do trabalho, preservados ou imperativos destrutivos do capital, oscilamos crescentemente entre a perenidade de um trabalho cada vez mais reduzido, intensificado e mais explorado, dotado de direitos, e uma superfluidade crescente, cada vez mais geradora de trabalho precarizado e informatizado, como via de acesso ao desemprego estrutural (ANTUNES, 2012, p.59).

Em relação a essas questões, o jornal *El País* traz uma matéria[25] que aborda as principais consequências que a Reforma Trabalhista pode ocasionar ao povo brasileiro. A matéria intitulada "A reforma da Espanha que inspirou Temer: mais empregos (precários) e com menores salários", já demonstra de que forma a implementação da Reforma interfere no mundo do trabalho, levando em consideração a Espanha, que já possuía a Reforma implantada anteriormente e, que foi também a inspiração do Governo Temer para a proposição no Brasil.

Segundo a matéria, o governo espanhol conseguiu reduzir desemprego, mas aumentou desigualdade depois das mudanças nas normas trabalhistas e isso se deve pelo fato de que, o aumento do número de postos de trabalho tem relação direta com a redução dos custos de mão de obra nas empresas, o que incidiu diretamente na desvalorização salarial, no aumento de trabalho sem carteira assinada, de trabalhos informais e sem os direitos trabalhistas assegurados, além da quantidade de desempregados que aumentou de forma alarmante.

---

[24] Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/desemprego-fica-em-122-em-outubro.ghtml. Acesso em: 23/01/2018.

[25] Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/27/internacional/1493296487_352960.html. Acesso em: 31/07/2017.

A respeito da situação do desemprego no Brasil, segundo dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o índice de desempregados no primeiro trimestre de 2017 atingiu o número de 14,2 milhões de brasileiros. Tais dados constam da Pnad – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua, a pesquisa oficial de emprego do instituto. O indicador é calculado por trimestre, assim, esses dados referem-se ao período entre janeiro e março de 2017.

O IBGE detectou também um recorde negativo no número de trabalhadores com carteira assinada no país. No primeiro trimestre de 2017, foram 33,4 milhões de pessoas, o menor contingente desde o início da pesquisa, em 2012. De acordo com a pesquisa, em um ano, 1,2 milhões de trabalhadores deixaram de ter carteira de trabalho assinada.[26]

Com os acontecimentos políticos e com os números estatísticos da crise atual do trabalho no Brasil, podemos compreender melhor, aquilo que Antunes ressalta em relação à questão da precarização da força de trabalho humana, já que estas noções se apresentam de maneira tão determinante no mundo do trabalho ainda nos dias de hoje, de tal modo que é possível compreender as condições em que se encontra a crise estrutural do trabalho no nosso país, que para Antunes (2001),

> Trata-se, portanto, de uma aguda destrutividade, que no fundo é a expressão mais profunda da crise estrutural que assola a (des)sociabilização contemporânea: destrói-se a força humana que trabalha; destroçam-se os direitos sociais; brutalizam-se enormes contingentes de homens e mulheres que vivem do trabalho; torna-se predatória a relação produção/natureza, criando-se uma monumental "sociedade do descartável", que joga fora tudo que serviu como "embalagem" para as mercadorias e o seus sistema, mantendo-se, entretanto, o circuito reprodutivo do capital (ANTUNES, 2001, p.38).

Conseguimos visualizar, a partir desses discursos, o quanto a relação de degradação das leis trabalhistas se liga diretamente ao domínio do capital sobre a força humana de "trabalho", tornando-se precarizado a partir do momento em que só se torna meio para produzir e reproduzir o capital, de maneira que o trabalhador se transforma, muitas vezes, em objeto de troca, o trabalhador não só produz os bens de troca e comercialização, ele também se objetifica e torna-se produto descartável na sociedade onde tudo pode ser rapidamente trocado, isto se relaciona aos bens materiais de consumo, mas pode se estender também a mão de obra de quem os produz. Essa possibilidade de comparação entre trabalhador e objeto, já

[26] Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/04/1879416-numero-de-desempregados-ja-passa-de-14-milhoes-no-brasil.shtml. Acesso em: 22/05/2017.

foi mencionada no início deste capítulo, e também será retomada mais adiante no nosso material de análise.

A fim de concluirmos todas essas questões abordadas até aqui, podemos compreender que o estágio atual do "trabalho" em nossa sociedade envolve diversas questões históricas, políticas e sociais, no que concerne à dinâmica das condições do "trabalho" e das relações do sujeito trabalhador com os seus postos de trabalho. Houve mudanças técnicas, sociais e políticas muito profundas no ambiente de trabalho, as quais interferem diretamente no modo de ser do trabalho, bem como nas condições do trabalhador. Algumas dessas mudanças são consideradas da seguinte maneira para Antunes,

> É preciso que se diga de forma clara: desregulamentação, flexibilização, terceirização, bem como todo esse receituário que se esparrama pelo "mundo empresarial", são expressões de uma lógica societal onde o capital vale e a força humana de trabalho só conta enquanto parcela imprescindível para a reprodução deste mesmo capital. Isso porque o capital é incapaz de realizar sua autovalorização sem utilizar-se do trabalho humano. Pode diminuir o trabalho vivo, mas não eliminá-lo. Pode precarizá-lo e desempregar parcelas imensas, mas não pode extingui-lo (ANTUNES, 2001, p.38).

Especialmente acerca da terceirização, que é uma das mais polêmicas atualizações no quadro da Reforma Trabalhista, como vimos no Quadro 1, Antunes (2004, p.337) aponta que, "Com a ampliação do desemprego estrutural, os capitais transacionais implementam alternativas de trabalho crescentemente desregulamentadas, 'informais', de que são exemplo as distintas formas de terceirização".

Por meio desta breve reflexão histórico-social, podemos compreender que o "trabalho" vem se aproximando muito mais do seu sentido etimológico e se transformou no oposto do que se propagam os discursos sobre o enobrecimento e da garantia de liberdade do homem por meio do "trabalho". Em tese, parece-nos que o "trabalho" que outrora se mostrava como possibilidade de liberdade e realização, agora se equivale muito mais a uma expressão de frustração, submissão, sofrimento e até mesmo de escravidão, revelando uma continuidade no decorrer da história.

Ao retomarmos os discursos que observamos anteriormente, especialmente os retirados da bíblia, o "trabalho" é tido principalmente como um meio de sobrevivência, como algo penoso pelo qual todos têm de passar, pois como vimos em uma das citações bíblicas, "quem não trabalha não come" (ver página 26), e esse é um dos discursos que ecoam e que refletem em grande parte da sociedade sobre o porquê de precisarmos do trabalhar, e, de fato, é dessa forma que ele se apresenta para grande parte da população.

Com isso, mesmo que seja por meio da exploração, a tendência do homem é de querer se manter inserido no mundo do "trabalho", ainda que passando por um profundo processo de degradação, não só humana, de tal modo que, além das consequências relacionadas diretamente às pessoas e à sociedade, as transformações neste campo têm afetado fortemente também a natureza, por meio da produção incansável e descontrolada de mercadorias, ideia fortemente concebida pela lógica capitalista da produção. A esse respeito, Antunes ressalta que:

> A sociedade contemporânea, particularmente nas últimas duas décadas, presenciou fortes transformações. O neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, dotadas de forte caráter destrutivo, têm acarretado, entre tantos aspectos nefastos, um monumental desemprego, uma enorme precarização de trabalho e uma degradação crescente, na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias, que destrói o meio ambiente em escala globalizada (ANTUNES, 2001, p. 35).

O Neoliberalismo trata-se de um princípio socioeconômico aos moldes dos ideais do liberalismo clássico, que prevê que a economia deve ser gerida com o mínimo possível de intervenção do Estado. Esse modelo econômico foi implantado em diversos países a partir de 1970, em resposta à Crise do Petróleo.

Tal questão também é analisada no capítulo terceiro, quando abordamos sobre os impactos sociais e também ambientais pelos quais as pessoas e o meio ambiente vêm sendo submetidos, em consequência da dominação das grandes empresas e de suas lógicas degradantes de atuação.

Esse processo, claramente destrutivo, pelo qual vem se instaurando essas transformações acima mencionadas, todas, extremamente negativas e prejudiciais ao trabalhador, desencadeia uma enorme propensão à perda dos direitos, algum dia já garantidos ou conquistados pela *classe-que-vive-do-trabalho*, tudo isso decorrente da dominação desenfreada do capital sobre a humanidade. Esta dominação advinda do desenvolvimento industrial se instaurou no Brasil de forma mais efetiva a partir do século XX, de modo que,

> O capitalismo brasileiro, de desenvolvimento *hipertardio* quanto ao seu *modo de ser*, vivenciou, ao longo do século XX, um verdadeiro processo de acumulação industrial, especialmente a partir de getulismo. Pôde, então, efetivar seu primeiro salto verdadeiramente industrializante, uma vez que as formas anteriores de indústria eram prisioneiras de um processo de acumulação que se realizava dentro do âmbito da exportação do café, no qual a indústria tinha um papel de apêndice (ANTUNES, 2012, p.45, grifos do autor).

A partir de então, pôde-se vivenciar também, as novas formas de estruturação do trabalho, principalmente, a partir dos anos 1990 quando o processo de reestruturação produtiva do capital no Brasil se intensificou de maneira mais efetiva derivando-se dos novos padrões organizacionais e tecnológicas e também das novas formas de organização social do trabalho, de modo que,

> No que concerne à dinâmica interna do padrão de acumulação industrial, estruturava-se pela vigência de um processo de *superexploração da força de trabalho*, dado pela articulação entre baixos salários, jornada de trabalho prolongada e fortíssima intensidade em seus ritmos, dentro de um patamar industrial significativo para um país que, apesar de sua inserção subordinada, chegou a se alinhar, em dado momento, entre as oito grandes potências industriais (ANTUNES, 2012, p.45).

Todos esses processos citados por Antunes - superexploração da força de trabalho, baixos salários, jornadas de trabalho prolongadas, intensas e exaustivas, se relacionam diretamente com aquilo que está sendo proposto e alterado pelo atual governo e que pudemos verificar no Quadro 1.

Após essas observações ao longo do capítulo e com base nas teorizações das ciências sociais, especificamente em Antunes (2001, 2004, 2012), calcadas sobre o universo do trabalho, podemos depreender que existe uma lista de denominações que permeiam o atual mundo do trabalho, tais como flexibilização, terceirização, desregulamentação, exploração da força de trabalho humana, entre outras acepções que se aproximam diretamente das propostas políticas que visam degradar e sucatear ainda mais as condições de trabalho já existentes. Percebemos também que os discursos da antiguidade se deslocam e ecoam na realidade trabalhista ainda nos dias de hoje, que embora muito bem camuflada pela classe dominante e pela força de exploração do capital, ainda nos remetem a diversos sentidos negativos, degradantes e de desrespeito aos direitos, um dia já conquistados pelos trabalhadores, aproximando-se, muitas vezes, da ideia de escravidão, submissão e alienação por parte do trabalhador, bem como da negligência por parte dos governantes, que ao invés de se posicionarem favoráveis e como defensores aos direitos daqueles que trabalham, contraditoriamente, se colocam (os governantes) em uma posição de desrespeito, injustiça e impiedade para com aqueles que são fundamentais para o desenvolvimento social, econômico e político do nosso país.

Agora que tratamos um pouco sobre as condições atuais do trabalho em nossa sociedade, damos início ao nosso segundo capítulo, no qual abordamos os pressupostos

teóricos bakhtinianos pensados a partir da Filosofia da Linguagem, bem como a AD de linha francesa em Charaudeau, a fim de entendermos de que maneira os discursos midiáticos sobre "trabalho" vão se construindo, se constituindo, se propagando e também se modificando, para enfim, no terceiro capítulo, verificarmos nossos objetivos com a pesquisa, por meio de análises dos enunciados acerca do signo ideológico "trabalho", buscando identificar tais sentidos advindos da mídia institucional da empresa foco do estudo: a Anglo American.

2 ESTUDOS DO DISCURSO PARA ANÁLISE DE ENUNCIADOS VERBO(VISUAIS)

Neste capítulo abordamos as noções teóricas que servem de embasamento para esta pesquisa e também para o trabalho de análise do *corpus* selecionado, o qual desenvolvemos no terceiro capítulo. As noções de linguagem e ideologia são de suma relevância para a introdução ao pensamento bakhtiniano, e para entendermos a palavra enquanto signo ideológico, por isso, serão tratadas a seguir. Nos tópicos subsequentes nos dedicaremos à explanação e compreensão de conceitos teóricos, tais como, o entendimento do princípio dialógico, do enunciado e dos gêneros do discurso, ancorados nas obras do Círculo de Bakhtin, bem como as contribuições do Círculo para o estudo de enunciados verbovisuais, de modo especial, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), *Estética da Criação Verbal* (1997), *A Construção da Enunciação e Outros Ensaios* (2013) e *Discurso na Vida e Discurso na Arte* (s/a). Abordaremos também, as noções relacionadas à informação e comunicação, cunhadas por Charaudeau em sua obra *Discurso das mídias* (2015).

2.1 Linguagem e ideologia: a palavra como signo ideológico

Embora Bakhtin não tenha produzido um estudo completo e acabado sobre a teoria da linguagem – e cremos que nem era essa sua pretensão – ele aborda em diversas de suas obras, em sua grande maioria sobre literatura, questões também relacionadas à linguística em uma visão de enfrentamento às teorias positivistas, por meio de diálogos teóricos com diversos pensadores e estudiosos. Desta feita, os conceitos bakhtinianos servem-nos tanto para os estudos das obras poéticas, como para o estudo da linguística conceitual.

O que se depreende do pensamento bakhtiniano é que a linguagem é viva e ideológica por natureza e, portanto, móvel, produto da interação social, da interação do homem com o mundo. Destaca-se, ainda, que a palavra é embebida de valores históricos, culturais, sociais e ideológicos, a partir dos quais, torna-se possível que toda e qualquer palavra possa ser transformada em signo, porém, não um signo isolado e limitado a um mero significado estático e imóvel, mas sim em um signo vivo, repleto de sentido e dotado de ideologia, daí uma breve compreensão do que Bakhtin trata em sua obra como “signo ideológico”.

Ao considerarmos a palavra como signo a partir da perspectiva bakhtiniana, entendemos que a língua não é neutra, mas sim interpelada pelas ideologias que permeiam os discursos que circulam na sociedade.

Bakhtin é considerado um dos grandes pensadores do século XX graças a sua intensa atividade de reflexão e escrita que fez com que suas obras tratassem a língua não mais pelo método formal e pelo purismo teórico, mas sim pelas abordagens dialógicas com encorajamentos para o rompimento com as teorias e métodos estruturalistas e funcionalistas de abordagem linguística, os quais excluíam o falante do processo e também não considerava os fatores extralinguísticos no processo de interação verbal. A teoria do Círculo de Bakhtin inova e rompe com este modelo já estabelecido e congelado em relação à comunicação, uma vez que considera que os interlocutores se comunicam por meio de enunciados e que tais enunciados funcionam em diálogo uns com os outros, num processo de interação discursiva.

Isto nos leva a pensar também sobre a teoria da comunicação sugerida por Roman Jakobson, aquela que divide o processo comunicativo entre emissor e receptor, cada um com sua determinada função cumprida e encerrada, sem considerar as mudanças de fala, tão pouco a responsividade do interlocutor, desconsiderando também, que nem tudo o que falamos é de fato o que o outro entende; dentre outros fatores, os quais servem de norte para Bakhtin refutar a noção de comunicação proposta por Jakobson, tal noção traz uma análise estrutural da linguagem.

A importância da linguagem nos estudos do Círculo se deve, principalmente, ao fato de que toda realidade é apresentada semioticamente, ou seja, por meio da linguagem. Por isso, estudar a noção de linguagem é condição necessária para a compreensão de tudo aquilo que é real, seja essa realidade um determinado objeto do mundo exterior ou do mundo interior. Não separamos o linguístico desses objetos, porque sejam eles quais forem, estarão sempre envolvidos em discursos.

A linguagem faz parte intrinsecamente desse processo de interação social, e é advinda da capacidade e também da necessidade do homem de poder se expressar, de conseguir exteriorizar seus sentimentos, vontades, medos, desejos, etc. Essa possibilidade de expressão resulta da qualidade criativa que cada indivíduo possui. Considerando as mais diversas funções da linguagem que percorrem pelo nosso conhecimento, é importante compreender que é a relação social entre os sujeitos que permite essa função interativa da linguagem.

Tal função deve ser compreendida pensando os seguintes aspectos: a linguagem deve ser considerada não apenas pelo ponto de vista do locutor, pois ele não se encontra sozinho, ele mantém relações com outros locutores e que devem ser levados em conta no processo de comunicação verbal. Quando isso acontece, é importante que se considere esse interlocutor como ativo e responsivo, ou seja, que terá uma resposta, ainda que não imediata, ainda que não expressa verbalmente. Esse processo de relação discursiva deve satisfazer não só ao

conteúdo do pensamento enunciado e ao próprio enunciador, mas também deve contemplar essencialmente ambas as partes do processo, ou seja, quem fala e para quem se fala. Segundo Volóchinov (2017):

> É necessário que esses dois indivíduos sejam *socialmente organizados*, ou seja, componham uma coletividade – apenas nesse caso um meio sígnico pode formar-se entre eles. A consciência individual não só é incapaz de explicar algo nesse caso, mas ao contrário, ela mesma precisa de uma explicação que parta do meio social e ideológico. *A consciência individual é um fato social e ideológico* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97).

Assim, a compreensão de linguagem contempla para além da manifestação da humanidade, do homem, dos signos, das significações, o processo de interação discursiva, bem como os campos específicos de conhecimento, como a linguagem literária e a científica, abordam as diferentes modalidades de linguagem como formas de expressão e de comunicação, tudo isso construído em um lugar que é exterior, que é social, absorto em ideologias. A esse respeito Volóchinov atesta que,

> No interior do próprio campo dos signos, isto é, no interior da esfera ideológica, há profundas diferenças, pois fazem parte dela a imagem artística, o símbolo religioso, a fórmula científica, a norma jurídica e assim por diante. Cada campo da criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e a refrata a seu modo. Cada campo possui sua função específica na unidade da vida social. Entretanto, *o caráter sígnico é um traço comum a todos os fenômenos ideológicos* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 94, grifos do autor).

Outra posição defendida pelo Círculo é que não existe palavra sem ideologia e não existe separação entre o signo e o social. Dessa forma, Volóchinov (2017, p.98) afirma que, "*A palavra é o signo ideológico par excellence.* Toda a sua realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo. A palavra é o *médium* mais apurado e sensível da comunicação social". Portanto, não apreendemos a palavra sem o social, sem considerarmos os fatores extralinguísticos, e nem excluímos o sujeito falante de suas intenções de fala, modelo este que era concebido, especialmente, pela representação formalista e pelo estudo estruturalista, fundado por Ferdinand de Saussure, considerado o pai da Linguística moderna no paradigma estruturalista do fazer cientifico.

Segundo os manuscritos deixados, e que foram atribuídos a Saussure, a língua deveria ser pensada por meio de dicotomias como, por exemplo, o signo como uma divisão entre significante e significado, considerando o estudo da língua partindo-se e encerrando-se em si

mesma. Além do mais, para ele a parte relevante da linguagem dividida entre *langue* e *parole*, a ser estudada deveria ser a língua, excluindo, assim, a fala do processo de compreensão dos fenômenos linguísticos.

Em contraposição à visão estruturalista dos pressupostos teóricos ditos saussurianos pela linguística acerca da linguagem, o Círculo de Bakhtin considera as condições de enunciação para além da fala, mas também considerando os contextos extraverbais, ou seja, aquilo que reside fora da língua, como fatores imprescindíveis para o entendimento dos elementos da linguagem. Bakhtin considera as relações dialógicas entre os interlocutores, e não apenas relações lógicas, por isso, os enunciados são produzidos por meio da interação, do extraverbal e se materializa pela língua. Para Volóchinov (2017):

> [...] a palavra participa literalmente de toda interação e de todo contato entre as pessoas: da colaboração no trabalho, da comunicação ideológica, dos contatos eventuais cotidianos, das relações políticas etc. Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social. É bastante óbvio que a palavra será o *indicador* mais sensível das *mudanças sociais*, sendo que isso ocorre lá onde essas mudanças ainda estão se formando, onde elas ainda não se construíram em sistemas ideológicos organizados. [...] A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106).

Dessa forma, a compreensão que se chega a partir das considerações expostas é que a linguagem é produto da vida social, das interações entre sujeitos discursivos que ocupam e falam de um determinado lugar ideológico, social, histórico, e que é a partir da palavra que se instauram os acontecimentos, e as mudanças sociais, sejam elas duradouras ou passageiras. É por meio da linguagem que é possível o processo de interação entre as pessoas e também entre o social.

Levando isso em consideração, compreendemos que não se separa linguagem e ideologia, portanto, tudo o que apreendemos é ideológico, assim, a ideologia é intrinsecamente ligada a concepção da palavra como signo. O que seria então essa ideologia e de que modo ela interfere na palavra e em sua transformação em signo? Primeiramente, é preciso entender que todo signo se constrói no mundo exterior, ou seja, no meio social. Esse signo surge a partir de um processo de interação entre determinadas consciências individuais, e se constitui como tal e, desse modo, carrega também um valor semiótico por meio das interações sociais, Volóchinov (2017) afirma que,

> A consciência se forma e se realiza no material sígnico criado no processo de comunicação social de uma coletividade organizada. A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sígnica de uma coletividade (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97 e 98).

Ou seja, é no processo de interação entre a consciência dos homens, seu mundo, seus valores, que a ideologia ganha seu lugar e é por meio da comunicação discursiva, através da utilização dos signos que se é possível dar a ela um lugar na esfera social e na comunicação discursiva. Para Bakhtin, a linguagem é interação, pois toda palavra é composta por duas faces, sendo que uma delas trata de quem diz e a outra face contempla o outro, para quem se dirige esse dizer: essa relação responsiva é a interação entre aquele que fala e daquele para quem se fala. A interação contempla todo e qualquer tipo de comunicação verbal, e é por meio do processo de interação que construímos, também, nossas avaliações, nossas valorações sobre o que nos é dito e sobre a nossa existência no mundo. A interação é o processo constante de diálogo, no qual se institui a natureza da linguagem. Como atesta Volóchinov (2017, p. 232, grifos do autor), "*A significação é um efeito da interação entre o falante e o ouvinte no material de um dado conjunto sonoro*". Dessa forma, a linguagem é o veículo pelo qual se é possível a criação e circulação dos signos que permitem, de certa forma, a representação da vida social, por meio das ideologias que constituem esses signos. Acerca disso, Volochínov (2017) pontua,

> o ideológico em si não pode ser explicado a partir de raízes animais, sejam elas pré ou supra-humanas. Seu verdadeiro lugar na existência está em um *material sígnico* específico, que é social, isto é, criado pelo homem. A sua especificidade está justamente no fato de que ele existe entre indivíduos organizados, de que representa o seu meio e serve como *médium* para a comunicação entre eles (VOLÓCHINOV, 2017, p. 96, grifos do autor).

Entendemos, assim, que todo signo é embebido de uma carga ideológica, na qual o coloca (o signo) em uma posição de análise de modo que este possa ser avaliado, contestado, validado, aprovado ou desaprovado, dependendo do meio exterior e de quem o valida, no caso, o interlocutor. Portanto, o social é o meio indispensável pelo qual o signo surge, circula, reflete e refrata a realidade, considerando-se a carga ideológica pela qual todo signo se constitui é através da linguagem que o signo ganha seu lugar no mundo, através da interação verbal, através de seus falantes, locutores e interlocutores que promovem a circulação deste signo que é ideológico e também é social, atribuindo-lhe valores e validade. A esse respeito, Volóchinov (2017, p.112) corrobora que: "A existência não apenas é refletida no signo, mas

também é *refratada* nele. O que determina a refração da existência no signo ideológico? – O cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade sígnica, isto é, a *luta de classes*". Assim, o fato de todo signo ser ideológico, vivo e mutável é o que permite a existência de meios que podem refleti-lo ou refratá-lo, a depender dos apagamentos, ocultamentos, embates, avaliações que servem a determinados propósitos e que geram a *luta de classes*.

Entendemos que não há neutralidade no signo, pois as palavras são utilizadas por sujeitos sociais num processo de interação que resulta em uma valoração e avaliação daquilo que é dito. Segundo Volóchinov (2017, p.110) "Em cada etapa do desenvolvimento social existe um conjunto específico e limitado de objetos que, ao chamarem a atenção da sociedade, recebem uma ênfase valorativa". Por isso, todo dizer tem uma intenção, que pode ser avaliada em boa, ruim, errada, certa, justa, injusta, apropriada ou não, já que esses dizeres são produzidos de acordo com o interesse (às vezes inconsciente) de quem os diz. Desse modo, podemos dizer que não há imparcialidade por parte do locutor, porque há sempre uma determinada realidade na qual o locutor está inserido, suas experiências, suas crenças, sua posição social, ideológica, tudo isso influi na produção dos enunciados por parte de uma pessoa. Ainda de acordo com Volóchinov (2017, p. 233), "Qualquer palavra realmente dita não possui apenas um tema e uma significação no sentido objetivo, conteudístico dessas palavras, mas também uma *avaliação*, pois todos os conteúdos objetivos existem na fala viva, são ditos ou escritos em relação a certa ênfase valorativa".

Desse modo, compreendemos que é através da linguagem que se formam os sistemas ideológicos e, consequentemente, a linguagem cria e (trans)forma a consciência de cada homem. Essa consciência humana decorre dos meios materiais que lhe permitem expressá-las e exteriorizá-las. Com isso, entendemos que é a linguagem que sustenta a existência da consciência. Para Volóchinov (2017),

> Todo signo surge entre indivíduos socialmente organizados no processo de sua interação, Portanto, *as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas da sua interação*. A mudança dessas formas acarreta uma mudança do signo. Acompanhar a vida social do signo verbal deve ser uma das tarefas da ciência das ideologias (VOLÓCHINOV, 2017, p. 109, grifos do autor).

Percebemos, desse modo, que ideologia e linguagem são elementos, os quais andam atrelados e que possibilitam o entendimento da palavra enquanto signo ideológico. Os signos

são produzidos e se propagam por meio da interação social, são embebidos em valores, os quais circundam a realidade dos sujeitos e que criam relações dialógicas pelas quais os signos são colocados em ação, considerando as ideologias, os atributos sociais e históricos destes sujeitos que interagem verbalmente. A esse respeito, Volóchinov (2017) ressalta que,

> O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom, etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação sígnica* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93, grifos do autor).

Dessa maneira, compreendemos que a palavra é considerada como signo e esse signo faz parte de uma determinada realidade ideológica. Esse entendimento é fundamental para concebermos a palavra, não apenas como um produto sistêmico de sons isolados de toda a realidade. Volóchinov (2017, p.135) reitera que "*o signo e sua situação social estão fundidos de modo inseparável*. O signo não pode ser isolado da situação social sem perder sua natureza sígnica".

Considerando que é por meio da fala que os indivíduos se inserem e criam sua realidade social, é também por meio da palavra que temos o espaço no qual se manifestam os valores sociais e seus enfrentamentos contra a classe dominante e o sistema, e é na interação verbal, ou seja, por meio dos processos de comunicação, que os conflitos se revelam e se travam as relações de dominação *versus* resistência através da utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder e, da classe dominada, a fim de mostrar resistência e ou submissão ao sistema.

Com isso, entendemos consoante a Volóchinov (2017, p.110) que, "Ao realizar-se no processo de comunicação social, todo signo ideológico, inclusive o signo verbal, é determinado pelo *horizonte social* de uma época e de um grupo social". Portanto, as condições sociais se refletem através do signo, por meio da ideologia. É importante reiterar que esse signo é, por natureza, móvel, vivo, multifuncional e absorto de valor social; não é de modo algum neutro, por isso mesmo sua capacidade de refletir e refratar a sua própria, como também, outras realidades. Assim, a palavra só se torna signo, se considerarmos o seu poder de significação, se não atribuirmos um sentido pela qual a palavra se faça produtora de

sentido, ela se reduz apenas a uma realidade material. Segundo Volóchinov (2017, p.117), “é a significação que faz com que uma palavra seja uma palavra”.

Toda palavra tem sua realidade absorvida por sua função de signo. A palavra admite tudo aquilo que esteja ligado ou que tenha sido gerado por essa função de signo. A palavra é a representação mais íntima da relação social. E, consequentemente, se transforma na materialização da comunicação social. Assim, entendemos que os principais atributos pertencentes à palavra que podemos depreender são seu caráter semiótico, sua implicação na comunicação humana corriqueira, sua possibilidade de interiorização e, todas essas propriedades, fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias.

Enfim, é por meio da palavra que podemos estudar os mecanismos de refração ideológica e de todo o domínio social. Pensadas, assim, as relações entre os conceitos abordados anteriormente, podemos agora refletir acerca de uma das principais noções teóricas abordada pelo Círculo, qual seja, o diálogo.

2.2 O dialogismo bakhtiniano

O princípio dialógico, estabelecido por Bakhtin, trata da noção da interação entre a língua e o social, entre o eu o outro, através do qual toda a enunciação interage com o exterior, dessa forma, os diálogos tomam forma no seu contexto externo, isto é, no lugar da enunciação. Para Bakhtin locutores e interlocutores possuem uma relação dialógica por meio dos enunciados, já que todo enunciado pode ser considerado uma réplica que responde a outros enunciados, sejam eles anteriores, posteriores, ou até mesmo, ainda não ditos. Todo enunciado evoca uma resposta de seus interlocutores.

O dialogismo se dá por meio de enunciados que respondem a outros enunciados, e essa resposta pode ser dada em forma de aceitação, contestação, avaliação, análise, negação etc.. Até mesmo em um monólogo é possível haver relações dialógicas, já que muitas vezes quando falamos com nós mesmos, questionamos, contestamos, respondemos e repreendemos a enunciados interiores a nós.

Considerando o caráter ideológico do signo, podemos compreender que não ouvimos apenas palavras de quem nos fala, mas sim verdades, mentiras, elogios, críticas, pedidos, ordens etc., dos que utilizam o signo em um determinado momento de enunciação. Por isso, os enunciados são constituídos, não só da parte verbal, mas também, de uma parte extraverbal, ou seja, o contexto em que determinada enunciação foi produzida, sem o qual não conseguiríamos entender os sentidos de tal enunciado.

A cerca de tais proposições, Voloshínov (1930) atesta que,

> O diálogo – troca de palavras – é a forma mais natural da linguagem. Mais que isso: os enunciados, ainda que emanados de um interlocutor único (como, por exemplo, o discurso de um orador, a aula de um professor, o monólogo de um ator, os pensamentos em voz alta de um homem sozinho) são monológicos em razão da sua forma exterior, mas, dada a sua estrutura semântica e estilística, eles são, na realidade, essencialmente dialógicos (VOLOSHÍNOV, 1930, p. 5).

O que Bakhtin propõe com a concepção de dialogismo é que nós não somos indiferentes àquilo que ouvimos e consequentemente, quem nos ouve também não se trata apenas de um receptor imóvel, trata-se de uma interação entre aquele que fala e aquele que escuta, mesmo que pela parte do ouvinte, não se tenha uma resposta verbal imediata. O interlocutor sempre participa ativamente, ainda que não se expressando verbalmente, do processo de comunicação ao qual o falante inicia, isso se trata do diálogo.

Em seu sentido estrito, o termo diálogo pode significar conversa, interação entre dois ou mais indivíduos, discussão, troca de ideias, sequência de falas trocadas por personagens de determinada obra etc. Porém, a concepção dialógica para Bakhtin, além de abarcar todos esses sentidos supracitados, considera também que toda comunicação verbal independente do tipo que seja, pode ser considerada um diálogo.

Compreendemos, desse modo, que o dialogismo permite o funcionamento real da linguagem. Para Bakhtin, a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Assim, todo enunciado é constituído por outros enunciados, e isto acontece por que, a cada novo enunciado produzido cria-se uma relação tanto com enunciados anteriores, que já foram ditos, bem como com enunciados ainda não ditos, porém, que podem ser previstos e antecipados pelo locutor.

Podemos considerar que o dialogismo trata das relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados. No que tange o conceito de enunciação, trabalharemos com mais profundidade no próximo tópico, porém, para melhor entendermos a relação dialógica entre os enunciados, nos embasaremos na assertiva de Bakhtin (2006) a qual diz que:

> A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um “horizonte social” (BAKHTIN, 2006, p.17).

Portanto, o enunciado constitui-se da réplica de um outro enunciado, uma vez que sua existência significa sempre uma resposta a algum enunciado precedente. Deve-se considerar o caráter heterogêneo de todo enunciado, pois revela duas posições, aquela de quem enuncia e aquela para quem se enuncia. Além do mais, pensar na noção de diálogo nos remete a muitas outras questões que se fundem e fazem parte da imersão dialógica, implica em pensar nas questões da interação verbal, na questão do extraverbal, considerar as vozes sociais, mas também as individuais, pelas quais os enunciados se formam.

Sobre isso, Volóchinov (2017) ressalta que:

> [...] Essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre o interior e o exterior, se realiza sempre reiteradamente na palavra, em cada enunciado, por mais insignificante que seja. Em cada ato discursivo, a vivência subjetiva é eliminada no fato objetivo da palavra-enunciado dita; já a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato de compreensão responsiva, para gerar mais cedo ou mais tarde, uma réplica responsiva. Como já sabemos, toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais *sígnica* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 140).

Levando em conta que para o Círculo as noções de individual e de social se fundem, considerando que as opiniões que os indivíduos acreditam ser-lhes próprias são na verdade construídas pelo social, ou seja, coletivamente, levando em conta, ainda, que é no social que se travam as lutas das divisões de classes, dessa forma, é no social que o enunciado ganha voz. Acerca disso, Voloshínov (1930) reitera que:

> Nós sabemos que todo discurso é um discurso dialógico orientado em direção a alguém que seja capaz de compreendê-lo e dar-lhe uma resposta, real ou virtual. Esta orientação em direção ao "outro", em direção ao ouvinte, conduz necessariamente a se levar em conta a relação social e hierárquica que existe entre os interlocutores. [...] Nós propomos chamar de "*orientação social*" do enunciado, esta *dependência do enunciado face ao peso hierárquico e social do auditório* (isto é, tendo em vista a(s) classe(s) social(is) a qual pertence(m) os interlocutores, sua situação financeira, sua profissão, sua função [...] (VOLOSHÍNOV, 1930, p. 8).

Além disso, o caráter dialógico do modo de funcionamento da linguagem implica no fato de todos os enunciados se constituírem por outros enunciados. Esses múltiplos enunciados que se criam e recriam são produtos de uma formação social determinada.

Todo locutor dirige-se a seu interlocutor usando de expressividade, isso acontece, porque o locutor necessita considerar a quem seu enunciado se dirige. Portanto, utiliza-se da expressão

seja ela doce, amável, calma, ou também nervosa, irritada, preocupada, furiosa e decepcionada. A expressão diz muito sobre a intenção do locutor, que pode ser dar um conselho, coagir, alertar, se declarar, culpar, consolar a quem o enunciador se dirige. Assim, o locutor sempre considera o outro a quem se dirige antes de produzir e direcionar seus enunciados a este determinado locutor e assim se realiza a interação discursiva. A interação entre determinados interlocutores considera fatores como, a história, o social, a ideologia, as posições sociais ocupadas por esses interlocutores, o ambiente de trabalho, familiar, de estudo, religioso etc..

Como vimos nesse tópico, a noção de diálogo relaciona-se estritamente a noção de enunciado e, por isso, abordaremos com mais afinco as questões relacionadas a esse conceito, no tópico subsequente. Apresentaremos também algumas considerações acerca da concepção de gênero do discurso, pois o conceito de enunciado também participa da esfera de produção dos gêneros.

2.3 Noções do Círculo acerca de enunciado e gêneros do discurso

Os gêneros do discurso são formas relativamente estáveis de enunciados. Os sujeitos falam por meio de enunciados num processo de interação discursiva e é por meio dessa interação que se instauram as relações dialógicas. Os enunciados são formulados e usados por meio de gêneros do discurso que possibilitam uma certa estabilidade [dos gêneros] a fim de consolidar o processo de enunciação.

O princípio dialógico implica no fato de que todo enunciado dialoga com outros enunciados anteriores a ele, e também com enunciados ainda não ditos, mas que podem, muitas vezes, serem previstos pelo locutor. Essa antecipação também é uma forma de diálogo, este que constrói na e pela interação discursiva de seus locutores, por meio de seus enunciados que também são produzidos num processo de interação entre enunciados já ditos e também pelos não ditos ainda. Segundo Bakhtin (1997, p.283), “A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua. O enunciado situa-se no cruzamento excepcionalmente importante de uma problemática”. Dessa forma, percebemos que o enunciado é o território comum onde se manifestam a língua e por onde a língua alcança a vida. Independente de sua espécie, todo enunciado tem o poder de embrenhar-se na vida e por ela. É por isso, também, que todo enunciado é passível de compreensão e avaliação, pode ser colocado a prova a fim de verificar sua veracidade ou não, ou até mesmo para com ele

concordar ou refutá-lo. Isso tudo advém de uma determinada situação pragmática extraverbal que caminha lado a lado com o próprio discurso verbal.

Assim, o enunciado é penetrado e influenciado pela vida e pelos valores essencialmente sociais que a ela se relaciona. A enunciação encontra-se no limite entre a vida e o processo verbal do enunciado; é ela quem transfere as condições da vida para o discurso verbal, ela transforma a linguagem em seu aspecto puramente linguístico em um produto vivo e carregado de história. Segundo Volochínov (2013, p.158, grifos do autor), "*A essência efetiva da linguagem está representada pelo fato social da interação verbal, que é realizada por uma ou mais enunciações*". Ou seja, o enunciado é o reflexo da interação social entre interlocutores transformando o que é verbal por meio do ato de comunicação por eles realizado. Para melhor compreendermos essa questão dos interlocutores no processo de interação verbal, trazemos a seguinte afirmação de Voloshínov (1930):

> Nós, finalmente, constatamos que o discurso humano é um fenômeno *biface*: todo enunciado exige, para que se realize, a presença simultânea de um locutor e de um ouvinte. Toda expressão lingüística de uma impressão proveniente do mundo exterior – seja ela imediata ou tenha ela permanecido por longo tempo nas profundezas de nossa consciência até adquirir uma forma ideológica mais sólida e mais constante -, toda expressão lingüística é sempre *orientada em direção ao outro,* em direção ao ouvinte, mesmo quando este outro se encontra fisicamente ausente (VOLOSHINOV, 1930, p. 1, grifos do autor).

Essa assertiva nos remete imediatamente àquela questão do diálogo que verificamos no tópico anterior deste trabalho. Pelo fato de toda expressão linguística ser orientada em direção a um outro, podemos depreender que o contexto não se encontra simplesmente ao redor de um enunciado e que se resumiria a um sentido parcialmente indeterminado que o destinatário precisaria apenas especificar. Com efeito, todo ato de enunciação é, como afirma Voloshínov, "biface"', além de ser sempre direcionado para o outro, esse outro reconstrói o sentido do enunciado a partir de indicações expostas pelo próprio enunciado, porém, isso não significa que o sentido reconstruído pelo outro coincida com as intenções iniciais do enunciador.

De acordo com Volóchinov (2017, p. 111), "Convencionamos chamar esta realidade, que se torna objeto do signo, de *tema* do signo. Todo signo acabado possui o seu tema. Assim, todo discurso verbal possui o seu tema. Um tema ideológico sempre recebe uma ênfase social". O tema refere-se ao todo do enunciado, considera a enunciação em sua forma inicial, podendo ser considerada apenas com uma simples frase, porém não pondera os fatores que

envolvem e se relacionam a determinado enunciado. Esses fatores se relacionam, por exemplo, ao local, ao momento de produção do enunciado, por quem foi produzido e a quem foi direcionado, de que maneira esse enunciado foi dito para considerarmos, a partir daí o seu sentido. A frase é construída pela língua, enquanto que o enunciado é produzido pelo discurso, por isso, envolve não somente a língua, mas também o contexto extraverbal.

Desse modo, tratando-se o enunciado de uma sequência verbal, produzida por uma sequência de signos, devemos considerar também todos os elementos isoláveis e significativos levando em conta que eles estão presentes nas nossas vidas, criando um determinado contexto responsivo e ativo. Esse contexto é também uma forma de diálogo. Compreender o que o outro diz já é uma forma de réplica do diálogo e, para que essa compreensão seja alcançada, é necessário o entendimento da organização social dos indivíduos participantes dessa enunciação. Segundo Volóchinov (2017),

> De fato, não importa qual aspecto da expressão-enunciado considerarmos, ele será definido pelas condições reais do enunciado e, antes de tudo, pela *situação social mais próxima.* Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médico daquele grupo social ao qual o falante pertence. A *palavra é orientada para o interlocutor*, ou seja, é orientada para *quem* é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido, etc.). Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado; pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco no figurado (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204 e 205, grifos do autor).

Com isso, entendemos que a classe e/ou o papel social que o falante ocupa tem a ver estritamente com a forma pela qual a enunciação se organiza, o que propicia conhecer a relação desse falante com os outros falantes, bem como com o seu mundo exterior.

O enunciado, assim como a réplica do diálogo, solicita uma resposta do outro, essa resposta se trata da manifestação responsiva ativa, e por isso, todo enunciado tem determinados objetivos sobre o leitor, por exemplo, de influenciá-lo, convencê-lo, criticá-lo e contestá-lo. Por meio das condições de comunicação de determinado enunciado é que se estabelecem as colocações responsivas do outro. Assim, “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal”. Essa cadeia é constituída pela troca verbal dos sujeitos, do mesmo modo que acontece a réplica do diálogo, esses enunciados se relacionam com outros enunciados, com aqueles que os precedem, mas também com aqueles que os sucedem, e

sempre concebendo uma consideração responsiva ativa por meio do outro que o ouve. A respeito da compreensão responsiva, Bakhtin (1997) afirma que:

> A compreensão responsiva nada mais é senão a fase inicial e preparatória para uma resposta (seja qual for a forma de sua realização). O locutor postula esta compreensão responsiva ativa: o que ele espera, não é uma compreensão passiva que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc. A variedade dos gêneros do discurso pressupõe a variedade dos escopos intencionais daquele que fala ou escreve. O desejo de tornar seu discurso inteligível é apenas um elemento abstrato da intenção discursiva em seu todo. O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores — emanantes dele mesmo ou do outro — aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados (BAKHTIN, 1997, p.292).

Poderemos relacionar, de forma mais concreta e expositiva, todas essas noções anteriormente destacadas, no nosso próximo capítulo, na realização das análises que, como veremos, traz relações com todos esses aspectos estudados até aqui. Perceberemos como todo o discurso produzido pela empresa, em suas publicações, é dirigido a determinado auditório, em grande parte para os trabalhadores da empresa, e às vezes também, para a sociedade, como se prestasse contas a ela. É bem perceptível também o caráter dialógico nos textos veiculados pela empresa, quando esta tenta estabelecer influência sobre o interlocutor, por meio da construção de seus enunciados que são claramente construídos a fim de convencer o seu interlocutor em potencial – o sujeito trabalhador –, de que tudo aquilo que a empresa enuncia merece credibilidade. Para isso, quem enuncia trata da construção dos enunciados com grande atenção e estratégia, escolhendo o vocabulário mais adequado, construindo e transformando ideologias por meio dos signos utilizados, dentre outros aspectos que tangem os princípios da comunicação verbal.

Notaremos também, que não só por meio da expressão verbal, a empresa constrói seus discursos e seus sentidos, por isso analisaremos também a parte visual de determinados enunciados no intuito de tratarmos dos artifícios gestuais, corporais que o indivíduo pode utilizar, a fim de reforçar aquilo que ele exprime verbalmente, ou às vezes, até sem o uso da linguagem verbal, apenas do imagético. A esse respeito, Volochínov (2013, p. 169) aponta que, “A forma corporal exterior do comportamento social do homem – movimentos das mãos, postura, tom de voz – que habitualmente acompanha o discurso, é determinada pelo fato de ter

em conta o auditório presente e, em consequência, pela valorização que lhe é dada". Por isso, a importância de analisarmos os enunciados considerando não apenas a sua parte verbal, mas também levando em consideração a situação extraverbal do enunciado, que também diz muito a respeito do acabamento do enunciado: posicionamentos discursivos, o que se fala, de quem fala e para quem se fala.

Porém, antes disso, continuaremos com a explanação dos conceitos bakhtinianos, os quais servem de sustento teórico para a realização desta pesquisa. Agora que já fizemos as considerações acerca da noção de enunciado, passaremos para a concepção de gêneros do discurso tratada pelo Círculo.

Numa abordagem mais genérica, os gêneros podem ser entendidos como conjuntos textuais que possuem características e propriedades comuns. Assim, todo texto pertence a uma determinada categoria do discurso, variando em função do uso que dela se faz. Tais funções correspondem às necessidades da vida cotidiana e visam suprir a necessidade do homem de se comunicar na sociedade. Acerca da noção de gêneros do discurso, Bakhtin (1997) pontua:

> Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p.280).

São infinitas as categorias de gêneros do discurso existentes e conhecidas por cada esfera de atividade pelas quais os seres humanos atuam, essas esferas podem ser, por exemplo, a esfera escolar, a profissional, a religiosa, a familiar, a política e assim por diante. Cada uma dessas esferas de atividade requer a utilização da linguagem concretizada por meio dos enunciados. Esses enunciados são produzidos de acordo com a finalidade específica de cada uma dessas esferas e estas elaboram tipos relativamente estáveis de enunciados para atender aos seus propósitos. Sobre isso, Bakhtin (1997) corrobora que:

> Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista

> temático, composicional e estilístico. O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc. (BAKHTIN, 1997, p.285).

Isso quer dizer, então, que todo gênero discursivo é constituído por tipos de enunciados com conteúdo temático, construção composicional e estilo, relativamente estáveis. É importante dizer que é sempre por meio dos gêneros no interior de uma dada esfera de atividade que é possível a nossa comunicação.

Podemos considerar, então, que os gêneros estão sempre relacionados a uma esfera da atividade humana, revelando suas condições e finalidades específicas. Os três pilares que condicionam a especificidade de uma esfera de ação são o conteúdo temático, o estilo e a organização composicional.

O conteúdo temático refere-se a um assunto do qual se ocupa o texto, não se trata do assunto específico, mas se refere a um domínio de sentido pelo qual o este se constitui. A construção composicional é a forma de organização e estruturação do texto. O estilo se relaciona à seleção dos meios linguísticos. É a escolha dos meios lexicais, gramaticais, ou seja, é a escolha das possibilidades linguísticas, tendo em mente a função e a posição do interlocutor e como se espera a atitude responsiva ativa por parte do mesmo.

É fundamental ressaltar que Bakhtin define os gêneros como tipos *relativamente* estáveis de enunciados por considerar que a linguagem não é estanque e, consequentemente, os gêneros também não. Os gêneros discursivos são passíveis de modificações, alteração quanto a sua complexidade, surgimento de novos gêneros e até o desaparecimento de gêneros já existentes.

Por serem dinâmicos, construídos sócio-historicamente e de caráter variável, os gêneros apresentam certa dificuldade de serem classificados e listados, considerando também, que sua constituição e circulação social são sujeitas a alterações no tempo e no espaço.

Dessa maneira, o gênero transita pela estabilidade e instabilidade, pela permanência e mudança. Somente ganha sentido quando se torna meio de apreensão da realidade. Esses meios podem também renovar a realidade e por isso implica no surgimento de novos gêneros e na modificação dos já existentes. Com essas modificações é possível novas formas de se perceber e moldar a realidade.

É por meio dos gêneros que aprendemos a língua. Os gêneros do discurso são formas relativamente estáveis de enunciados, os quais [os gêneros] possibilitam as várias formas que

os interlocutores possuem de construir seus enunciados, as quais são chamadas de esferas de atividades e se dividem em formais e informais. Assim, conhecemos as várias esferas, como por exemplo, a esfera midiática, a esfera política, a esfera religiosa, dentre outras.

Existem diversas formas de se construir enunciados, elas se modificam ao longo do tempo e do espaço. Por isso se fala que os gêneros são formas "relativamente" estáveis de enunciados, pois apesar de possuírem uma certa estabilidade, alguns gêneros podem se modificar ao longo do tempo, alguns se alteram mais, outros possuem uma forma mais invariável e quase não sofre grandes modificações, porém todos passam por alguma mudança num determinado momento e espaço. A partir dessas mudanças nos elementos dos gêneros é possível a criação de novos gêneros, ou da origem de uma variação de um já existente, ou a mescla de dois gêneros diferentes etc..Devido à relativa estabilidade atribuída aos gêneros é que se torna possível identificar os gêneros discursivos em determinada interação verbal.

2.3.1 O enunciado verbovisual

Considerando que o nosso objeto de análise é constituído por enunciados verbais e verbovisuais, buscamos tratar o enunciado verbovisual a partir das contribuições e pistas deixadas pelas obras do Círculo de Bakhtin, especialmente em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e *Estética da Criação Verbal*. Ressaltamos que o extrato verbal é o principal tema abordado nas obras do Círculo bakhtiniano e que os termos verbovisual e/ou verbovisual não são tratados com estas denominações nas obras. Porém, a partir de conceitos, tais como o diálogo, gêneros do discurso, signo ideológico (conceitos estes já abordados anteriormente neste capítulo) são permitidas investigações, as quais possuem potencialidade para se estudar os extratos visuais (e também vocais no caso de pesquisas que tratam do verbovocovisual), juntamente com o verbal.

Segundo Grillo (2012),

> Bakhtin sustenta que a investigação em Ciências Humanas envolve compreensão e não explicação, diálogo e interrogação e não monólogo, interpretação dos significados dos signos. A análise de enunciados verbo-visuais em uma perspectiva bakhtiniana deve se pautar, por um lado, no seu caráter real e objetivo e na sua capacidade, enquanto manifestação humana, de determinar o seu modelo de análise, e, por outro, nas questões e categorias teóricas previamente definidas pelo pesquisador. É no diálogo, por um lado, do pesquisador e sua teoria com, por outro, seu objeto falante que está o fundamento epistemológico da teoria de Bakhtin e seu Círculo (GRILLO, 2012, p.237).

Para compreendermos a junção destes extratos e de que maneira podemos considerá-los para a análise de enunciados, aportamo-nos em Stafuzza e Lima (2017) quando dizem que:

> Ao pensar a verbovocovisualidade como um procedimento de análise discursiva, consideramos de antemão que a expressão verbovocovisual denomina o todo arquitetônico do discurso midiático "Cantada", de Portas dos Fundos, que se constitui e se realiza por elementos verbais, vocais e visuais em dialogicidade. Torna-se lícito esclarecer que Bakhtin pensou a arquitetônica a partir do estudo da obra literária. O todo arquitetônico diz respeito à construção de uma obra entendida como interação entre material, forma e conteúdo. O "todo" relaciona-se com o acabamento que se opera a partir do excedente de visão como elemento constitutivo fundamental dessa interação, bem como da atividade autoral (STAFUZZA E LIMA, 2017, p.2).

Dessa forma, entendemos que o verbal e o visual (os extratos que serão analisados por nós) podem ser considerados partes constitutivas de um todo enunciativo que produz sentidos e que permitem serem analisados considerando a junção daquilo que é verbal com o gesto, a imagem, a publicidade, as cores etc., a fim de construírem a estética de um determinado discurso.

O discurso enquanto objeto de análise pode ser constituído por uma parte verbal e também por uma parte visual: a união dessas duas partes é o que dá origem ao enunciado verbovisual. Dessa forma há um diálogo entre os elementos verbais e visuais construindo um todo arquitetônico dotado de significado e sentido.

De acordo com Volóchinov (2017):

> Todas as manifestações da criação ideológica, isto é, todos os outros signos não verbais são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser nem isolados, nem separados dele por completo. [...] No entanto, todos esses signos ideológicos que não podem ser substituídos pela palavra, ao mesmo tempo apoiam-se nela e são por elas acompanhados, assim como o canto recebe um acompanhamento musical (VOLÓCHINOV, 2017, p. 101).

A partir disso, entende-se que os sentidos de enunciados que unem um extrato verbal e outro não verbal, só é possível se considerarmos o todo, em sintonia, construindo por meio da interação entre os signos verbais e não verbais um sentido que concretiza num todo.

No discurso midiático, especialmente, que é a esfera na qual coletamos o material de análise, buscaremos o desvelamento das potencialidades da teoria do Círculo para entender como os elementos verbais e visuais funcionam em dialogicidade, especialmente, para podermos realizar a análise de enunciados verbovisuais no terceiro capítulo.

Em continuidade, partiremos agora para a abordagem das noções de informação e comunicação por meio dos estudos da Análise do Discurso, em especial, com a obra *Discurso das Mídias* (2015), de Patrick Charaudeau, a fim de compreendermos o processo de produção e propagação do discurso midiático institucional. Como vimos anteriormente, a esfera midiática é uma das esferas que (re)produzem sentidos por meio da transmissão de informação e da comunicação, a fim de convencer o seu público. A locução da mídia para os interlocutores, pode ser realizada por meio de discurso verbal, e ou também, do discurso verbovisual, levando em conta que a TV, a internet, os jornais, as revistas, são todos suportes pelos quais a mídia veicula seus discursos.

2.4 Comunicação e informação no discurso midiático

Grande parte dos discursos da contemporaneidade é relacionada a expressões, tais como, comunicação, informação e mídia. Essas designações têm estreita relação com o nosso processo de interação discursiva, bem como, com as formas de refletir e refratar determinadas realidades por meio da linguagem.

Tratar das noções de informação e comunicação é remeter a fenômenos não só de linguagem, mas também a condições sociais, integrando-as às mais variadas esferas, como a econômica, tecnológica, política, científica, pedagógica, dentre outras, por meio de um suporte organizacional que possui essas noções: seja ele, a TV, a internet, o jornal, a radio, a revista etc.

Ao considerarmos que os fenômenos da informação e comunicação dependem humana e socialmente da linguagem, Charaudeau conceitua que (2015):

> A informação é, numa definição empírica mínima, a transmissão de um saber, com a ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que o possui a alguém que se presume não possuí-lo. Assim se produziria um ato de transmissão que faria com que o indivíduo passasse de um estado de ignorância a um estado de saber, que o tiraria do desconhecido para mergulhá-lo no conhecido, e isso graças à ação, *a priori* benévola de alguém que, por essa razão, poderia ser considerado um benfeitor (CHARAUDEAU, 2015, p. 33).

Desse modo, é por meio da linguagem que se possibilita a produção e transmissão de informação, por algum sujeito social que possui determinado tipo de conhecimento que é desconhecido a outrem, mas que merece a ele ser transmitido, de forma a compartilhar com o

outro esse saber não conhecido. Para Charaudeau (2015, p. 34) “pode-se dizer que a informação implica processo de produção de discurso em situação de comunicação”.

É importante compreender que esses discursos são atos produzidos pela linguagem como modo de organização e circulação da fala numa comunidade social, a fim de produzir sentidos em situações de comunicação determinadas.

As noções aqui apresentadas estabelecem, ainda, um diálogo com as teorias do Círculo quando Charaudeau (2015) aborda que:

> A informação não existe em si, numa exterioridade do ser humano, como podem existir certos objetos da realidade material (uma árvore, a chuva, o Sol) cuja significação, certamente, depende do olhar que o homem lança sobre esses objetos, mas cuja existência é independente da ação humana. A informação é pura enunciação. Ela constrói saber, e como todo saber, depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que o circunscreve, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento (CHARAUDEAU, 2015, p. 36).

Se a informação é pura enunciação, podemos retomar os cernes que funda a noção de enunciação como válidas, também, para a noção de informação como, por exemplo, a consideração da situação extraverbal, a relevância do outro no processo de comunicação, a réplica que advém do processo dialógico, bem como a consideração de enunciados anteriores e posteriores, que formam elos e constroem a grande cadeia da comunicação.

Lembrando que o enunciado constitui e é constituído por outros enunciados, podemos compreender que é por meio do diálogo e da interação entre sujeitos e o social que os discursos circulam e se organizam por meio dos gêneros do discurso.

Sabemos que a linguagem é repleta de artifícios e possibilidades em seu uso, dessa forma, o sujeito que pretende informar algo deve levar em conta o modo pelo qual transporá a linguagem, de maneira a produzir um determinado efeito em relação a quem se dirige, utilizando dos fatos selecionados para a comunicação discursiva. Com isso,

> a inteligibilidade da informação transmitida [...] depende de escolhas discursivas efetuadas pelo sujeito informador. Ora, toda escolha se caracteriza por aquilo que retém ou despreza; a escolha põe em evidência certos fatos deixando outros à sombra. A cada momento, o informador deve perguntar-se não se é fiel, objetivo ou transparente, mas que efeito lhe parece produzir tal maneira de tratar a informação e, concomitantemente, que efeito produziria uma outra maneira, e ainda uma outra, antes de proceder a uma escolha definitiva (CHARAUDEAU, 2015, p. 38).

Dessa maneira, percebemos que o ato de informar e/ou comunicar implica em determinadas escolhas. Essas escolhas podem ser consideradas “estratégias discursivas”, e englobam a escolha de conteúdo a transmitir, as escolhas das formas que estejam de acordo com as normas do bem falar, bem como as escolhas de efeitos de sentido, por meio do qual o interlocutor poderá ser influenciado.

Os locutores ao produzirem seus discursos, consideram quem são seus interlocutores e qual a melhor forma para se dirigir a eles, procurando, assim, adequar-se a esse interlocutor a fim de ser entendido e efetivar a interação discursiva.

O discurso é produzido, por isso considera a construção de sentidos através da enunciação, sendo que este sentido não é dado, mas sim produzido no processo de interação discursiva entre determinados interlocutores intermediado pelo social, pela história, pela cultura.

Todo discurso possui uma materialidade, a qual pode ser analisada, podendo ser o texto falado ou escrito, mas podendo ser também uma imagem, uma, voz, um eco, como veremos mais adiante. O discurso usa a língua, mas não se resume apenas a um texto oral ou escrito. O discurso precisa da língua, porém, se constrói muito além do texto, pois evoca um contexto através do qual os sentidos se constroem a depender do momento histórico, dos interlocutores envolvidos, de suas relações sociais, de suas inscrições ideológicas, dentre outros fatores que fazem que o discurso necessite dos fatores extraverbais para a construção de seus sentidos.

O sentido é produzido, então, a partir da relação das condições extradiscursivas e das realizações intradiscursivas. Além do mais, de acordo com Charaudeau (2015, p. 41), “O sentido nunca é dado antecipadamente. Ele é construído pela ação linguageira do homem em situação de troca social. O sentido só é perceptível através das formas. Toda forma remete a sentido, todo sentido remete a forma, numa relação de solidariedade recíproca”. Esse processo de troca sintetiza a ideia do que é informar, trata-se de um processo de transferência de um determinado objeto a saber entre, *a priori*, sujeitos da comunicação, dos quais um deles possui a tarefa de transmitir esse saber, enquanto o outro, supostamente não conhecedor desse objeto, ocupa a posição de receptor da informação, devendo assim, compreendê-la, interpretá-la, num processo de troca e alteração da sua condição atual de desconhecedor para um “informado” sobre esse determinado objeto.

Em suma, a mídia é o suporte pelo qual se veiculam as informações, por meio das inúmeras possibilidades da linguagem, criando um processo de transferência de conhecimento

vindo de alguém que o detém, indo em direção a outrem que, hipoteticamente, não o possui e só passa a conhecê-lo por meio dessa troca ou recebimento de informação.

Veremos no capítulo a seguir como se estabelecem todas essas relações conceituais abordadas no presente capítulo. Observaremos o funcionamento da linguagem como construtora e transmissora de ideologias por meio da palavra, interpretando os enunciados que selecionamos do *corpus* de análise coletado no site da companhia Anglo American, instituição escolhida para o estudo, como já citamos anteriormente. Mostraremos também o processo de seleção, posteriormente o de descrição, interpretação e por fim a análise dos enunciados, mantendo constante diálogo entre o *corpus* e as noções do Círculo apresentadas neste capítulo, bem como pela concepção de discurso midiático, e ainda, pelos sentidos e conceitos de trabalho contemplados no capítulo anterior.

3 ANÁLISE DE DISCURSOS SOBRE TRABALHO NA MÍDIA INSTITUCIONAL

Damos início ao terceiro e último capítulo desta dissertação, apresentando a metodologia utilizada, considerando os procedimentos de coleta, seleção e análise do *corpus*. Posteriormente, situamos a história da empresa Anglo American e após esta descrição, trazemos os enunciados e seus devidos recortes com o objetivo de descrever, analisar e interpretar os enunciados verbovisuais retirados do *site* da Anglo American Brasil. Assim, por meio da análise de enunciados verbovisuais, trazemos os discursos sobre "trabalho" na mídia institucional da referida empresa, em diálogo com os pressupostos teóricos de Patrick Charaudeau, das Ciências Sociais e do Círculo de Bakhtin, pensados nos dois capítulos anteriores.

3.1 Práticas Discursivas Sobre Trabalho na Mídia Institucional

O material analisado é composto por seis enunciados verbais e verbovisuais que contemplam a temática do "trabalho", o diálogo da empresa com o trabalhador e, também, com a sociedade. Todos os enunciados selecionados foram publicados pela mídia institucional e veiculados pelo *site* da multinacional Anglo American Brasil.

Para coletarmos os dados, inicialmente, pesquisamos alguns enunciados verbais e verbovisuais presentes no *site* da empresa e que abordassem a temática da representação de "trabalho" e também do sujeito "trabalhador". Assim que identificamos estes enunciados, escolhemos alguns dos quais demonstravam mais especificamente a relação da empresa com o trabalhador, a visão da empresa a respeito do sujeito trabalhador, e ainda da percepção do signo "trabalho" e de que forma a empresa propaga esse signo atribuindo-lhe determinadas ideologias, que influem não só na construção de sentido sobre "trabalho" para os trabalhadores, mas também para toda a comunidade que têm acesso a esses discursos.

Para tanto, selecionamos publicações veiculadas na aba inicial "Quem somos" a qual engloba as guias "Resumo"[27], "O que fazemos"[28] e "Nossa abordagem"[29]. Além disso, selecionamos publicações da guia intitulada "Carreiras"[30], que também se encontra na página principal do *site* da companhia.

---

[27] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/quem-somos/resumo?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 18/12/2017.
[28] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/quem-somos/o-que-fazemos?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 18/12/2017.
[29] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/quem-somos/nossa-abordagem?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 18/12/2017.
[30]Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/carreiras/trabalhar-na-anglo-american?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 18/12/2017.

A guia “Resumo” que está localizada na aba “Quem somos” - consta de três publicações intituladas, respectivamente, “Criamos um valor duradouro”, “Grupo Anglo American em poucas palavras” e “Nossa história”. Já na guia “O que fazemos”, encontra-se as seguintes publicações: “Encontrar”, “Planejar e Construir”, “Minerar”, “Processar”, “Transportar e Comercializar”, enquanto que na guia “Nossa abordagem”, constam as publicações “A mineradora diversificada”, “Nossos valores”, “Funções e Responsabilidades Claras”. Já na aba “Carreiras”, constituída da guia “Trabalhar na Anglo American”, encontram-se as publicações intituladas: “Você pode fazer a diferença”, “Nossa Cultura”, “Oportunidades”, “Nossas Pessoas”, “Carreiras”, “Mulheres na Mineração”, “Quem Estamos Procurando”, “Valores Reais”, “Sua segurança e Bem Estar” e “Sua Comunidade”.

Dentre todas essas publicações selecionamos para análise a publicação “Criamos um valor duradouro”, presente na guia “Resumo” da aba “Quem somos” A segunda publicação selecionada para análise intitula-se “Mulheres na mineração” que é veiculada pela guia “Trabalhar na Anglo American” presente na aba “Carreiras”. O terceiro material que analisamos encontra-se disponível na aba “Quem somos”, especificamente, na guia “Nossa abordagem” e é intitulada “A mineradora diversificada”. Já o último material coletado para o desenvolvimento das análises trata-se da publicação denominada: “Nossos Valores”, que também está presente na guia “Nossa abordagem” da aba “Quem somos”.

Realizamos as análises considerando as marcas discursivas encontradas nos enunciados coletados e selecionados fazendo, assim, dialogar a teoria e o *corpus*, procurando desvelar sentidos ideológicos do signo “trabalho” e a representação que estes constroem socialmente acerca deste tema.

Como já citamos anteriormente nos tópicos iniciais deste trabalho, elegemos o *site* da empresa multinacional Anglo American do Brasil para pesquisarmos discursos que contemplassem a temática do trabalho e também das relações entre trabalhador, sociedade e empresa, por ser uma multinacional com uma de suas unidades, instalada na cidade de Catalão-GO, também por ser uma grande geradora de empregos na região, e além do mais, por ter seus discursos veiculados e publicados frequentemente nos suportes midiáticos da cidade.

Para que seja mais ilustrativo, abordaremos, inicialmente, sobre a página eletrônica da empresa que apresenta um *design* moderno, interativo e de fácil acesso (ver Imagem 1) a seguir. O *layout* possui aspectos de formatação e diagramação bem legíveis, as cores

predominantes são o azul e o vermelho, fato este, bastante representativo, pois também são as cores dos uniformes dos trabalhadores.

Imagem 1: Página inicial do *site* da Anglo American.

Fonte: http://brasil.angloamerican.com/?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 24/01/2018.

Para conhecermos um pouco da história da empresa, apresentamos um resumo que é trazido no *site* e que relata acerca da fundação, dos empregados, dos produtos e da forma de atuação da mineradora.

De acordo com o Resumo[31], a Anglo American é uma empresa global de mineração diversificada e produz minério de ferro e manganês, carvão, cobre, níquel, platina e diamante. A empresa foi fundada em 1917 na África do Sul por Sir Ernest Oppenheimer. Hoje, a sede da empresa está localizada em Londres, no Reino Unido, o escritório corporativo no Brasil fica em Belo Horizonte - Minas Gerais e, além do Brasil, a Anglo American possui operações em outros países, no Sul da África, América do Norte e no Sul da Austrália. No Brasil, a empresa possui cerca de três mil empregados próprios e está presente com dois produtos: minério de ferro - com o Minas-Rio, localizado nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro e níquel - com operações nos municípios de Barro Alto e Niquelândia, no estado de Goiás. No ano de

[31] http://brasil.angloamerican.com/quem-somos/resumo?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 18/07/2017.

2017 a empresa completou 100 anos de existência. Ou seja, há pouco mais de um século a empresa atua no processo de exploração e exportação de minérios.

Agora que já conhecemos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa e, também, um pouco do contexto histórico da empresa, damos início ao nosso trabalho de análise.

O primeiro texto selecionado trata-se de uma breve descrição do trabalho realizado pela empresa, que está publicado na página inicial do site, na aba intitulada "Quem somos", onde pudemos encontrar a seguinte descrição fornecida pela companhia, em um texto intitulado "A mineradora diversificada".

> "A Anglo American é uma empresa global de mineração diversificada.
> O nosso portfólio de operações de mineração de alta competitividade mundial e os recursos em desenvolvimento fornecem as matérias-primas para atender às crescentes demandas voltadas para o consumidor das economias desenvolvidas e em fase de desenvolvimento. Nossas pessoas são o coração do nosso negócio. São nossas pessoas que utilizam as mais recentes tecnologias para encontrar novos recursos, planejar e construir nossas minas e que mineram, processam, transportam e comercializam os nossos produtos – desde diamantes (por meio da De Beers[32]) até a platina, outros metais preciosos e cobre - para os nossos clientes ao redor do mundo.
> Como uma mineradora responsável, somos os guardiães desses recursos preciosos. Trabalhamos em conjunto com os nossos principais parceiros e públicos de relacionamento para explorar o valor de longo prazo que esses recursos representam para os nossos acionistas, mas também para as comunidades e os países em que operamos – criando valor sustentável e fazendo uma real diferença".

A publicação se inicia descrevendo a área e o alcance de atuação da empresa que trabalha com *mineração diversificada*, o que significa que opera com diversos tipos de minério, e possui alcance global, uma vez que, além de atuar em diversos países, sua produção tem um alcance em escala mundial. Além disso, é possível depreender do enunciado, a quem e para quem a empresa atende, podemos observar a sequência enunciativa recortada a seguir:

E1: O nosso portfólio de operações de mineração de alta competitividade mundial e os recursos em desenvolvimento fornecem as matérias-primas para atender às crescentes demandas voltadas para o consumidor das economias desenvolvidas e em fase de desenvolvimento.

[32] De Beers é uma organização de empresas envolvida na mineração e comércio de diamantes. De Beers está ativa em todas as categorias da indústria de mineração de diamantes: a céu aberto, no subsolo em larga escala de aluvião, no mar profundo ou em encostas. Suas minerações tem lugar em Botswana, Namíbia, África do Sul e Canadá.

Ao pensarmos nas questões discursivas que estão presentes no recorte do enunciado: percebemos, então, que a empresa em questão, possui um "portfólio", isso indica que a empresa lida com inúmeras possibilidades de trabalho, as quais podem ser vistas, avaliadas e escolhidas pelos seus consumidores, por meio de um portfólio. Pensadas as ideologias que constituem o signo "portfólio", pode nos remeter a uma coleção de obras de arte, de fotos, de anúncios, dentre outros, porém o "portfólio" ao qual a Anglo American se refere em seu enunciado, trata-se, de um trabalho amplo, com abrangência de vários produtos, relacionados ao ramo de atuação da empresa, ou seja, composto por minerais, especificamente, por minério de ferro, manganês, carvão, cobre, níquel, platina e diamante.

Diante desta constatação e analisando a continuação do enunciado em análise podemos pensar na seguinte questão: a quem os produtos desenvolvidos pela empresa servem ou quem eles alcançam? É possível responder a esse questionamento, analisando, ainda o mesmo enunciado, quando diz que: "fornecem as matérias primas para atender às crescentes demandas voltadas para o consumidor das economias desenvolvidas e em fase de desenvolvimento". Aqui, então, temos a noção de quem é o público contemplado pelos produtos advindos da empresa, trata-se de consumidores, em primeiro lugar, e não são quaisquer consumidores, mas sim consumidores das *economias desenvolvidas* e em *fase de desenvolvimento*. O que podemos depreender desta designação dada pela empresa sobre quem consome seus produtos é que os próprios trabalhadores não são consumidores daquilo que eles mesmos trabalham para explorar/produzir. Esse discurso dialoga com o que vimos sobre a alienação econômica, discutida anteriormente, e que se trata da alienação na qual o sujeito não se reconhece como produtor e nem é reconhecido pelo que produz no seu trabalho.

Então, quem seriam esses consumidores em potencial? Quem consome esses materiais como o cobre, a platina, os metais preciosos, que são explorados pela Anglo American? Há uma relação de diálogo entre o sujeito trabalhador e o sujeito consumidor? No enunciado, não há discursos que considerem o trabalhador como consumidor dos minérios, apenas como produtor.

Podemos considerar, então, que esses "consumidores" são outras empresas, levando em conta que a Anglo American trabalha com a exploração do minério bruto, da matéria prima e que exporta seus produtos para a produção de bens de consumo em diversas empresas em outros tantos países. Entendemos, assim, que esse discurso está voltado para o consumidor da matéria-prima e que esse consumidor pode ser os acionistas, as empresas para quais a Anglo American é fornecedora da matéria prima e não para consumidores comuns, ou até mesmo, para os seus trabalhadores.

Além do mais, ao enunciar que “fornecem as matérias-primas para atender às crescentes demandas voltadas para o consumidor das economias desenvolvidas e em fase de desenvolvimento”, a empresa define o perfil econômico de quem consome, trata-se de países de economia desenvolvida ou em desenvolvimento. Ao pensarmos no contexto social, histórico e político do país que reflete nas questões econômicas, é provável que o Brasil se enquadre como uma economia em fase de desenvolvimento e não como um país de economia desenvolvida. Quando consideramos o Brasil como uma economia em fase de desenvolvimento, pode-se pensar que os produtos explorados pela companhia aqui no nosso país sirvam de forma mais efetiva às outras economias [as desenvolvidas], de maneira que apenas passamos pelo processo de fornecimento da matéria prima, mas não pelo aproveitamento dela e nem dos lucros gerados pela sua exploração, isso se relaciona diretamente ao trabalhador, quando ocupa o lugar de alienado econômico, como já vimos.

Isto nos remete a uma situação que é muito recorrente nas economias menos desenvolvidas, a exportação dos bens de consumo que ocorre por meio da exploração da mão de obra e da matéria-prima local, sem proporcionar efetivamente algum retorno positivo seja para a população, seja na economia ou até mesmo para o meio ambiente.

A respeito dessa questão, Antunes aponta que:

> A sociedade contemporânea, particularmente nas últimas duas décadas, presenciou fortes transformações. O neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, dotadas de forte caráter destrutivo, têm acarretado, entre tantos aspectos nefastos, um monumental desemprego, uma enorme precarização de trabalho e uma degradação crescente, na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias, que destrói o meio ambiente em escala globalizada (ANTUNES, 2001, p. 35).

Considerando essa lógica destrutiva, percebemos que o processo de produção e de reprodução do capital traz efeitos nefastos que afetam e degradam tanto a força humana de trabalho como a natureza e o meio ambiente. A esse respeito, pesquisamos, também, alguns artigos e notícias relacionados a tais questões, com os quais analisamos alguns pontos.

Inicialmente, investigamos discursos que falassem sobre os principais impactos ambientais relacionados à atividade de mineração no meio ambiente, destes, os mais notáveis são as erosões do solo, alteração do relevo, poluição sonora e hídrica.

De acordo com o *site* Pensamento Verde,[33] apesar de existir normas ambientais para a extração de minérios, os danos causados ao meio ambiente são *irreversíveis*. O processo minerário provoca erosões do solo, alteração do relevo e retira a cobertura vegetal dessas áreas. Além disso, modifica as propriedades do solo com a utilização de produtos químicos, causa poluição sonora e hídrica que, com a ação das chuvas, acaba escoando substâncias contaminadas para o leito dos rios.

Ademais, outros estudos demonstram que no Brasil, especialmente, os impactos potenciais do setor de mineração envolvem, além dos fatores anteriormente citados, também geração de rejeitos, poeira, explosões, ruídos, degradação do solo, comprometimento da paisagem e incômodos a população do entorno. Além disso, é constatado um elevado número de trabalhos informais, uma média de 300.000 trabalhadores informais na atividade minerária e isso se deve, principalmente, a ausência de políticas públicas para o apoio e fomento à boa gestão e ao acesso a tecnologias necessárias para a formalização e sustentabilidade dos pequenos empreendimentos, bem como, à falta de compromisso social e legal de setores industriais que consomem matérias primas produzidas de forma irregular, tanto sob o ponto de vista tributário, de legislação mineral e ambiental, quanto trabalhista[34].

Na segunda sequência enunciativa a qual selecionamos da publicação "A mineradora diversificada", podemos identificar o uso de um signo que desloca o sentido mais recorrente para designar os empregados e, também, a sua função na empresa:

E2: "*Nossas pessoas* são o *coração* do nosso negócio." (grifo nosso)

Ao pensarmos na produção e deslocamento de sentidos que se revela no discurso presente no recorte de enunciado "E2", podemos analisar duas questões, especialmente. A primeira, trata da relação que a empresa estabelece com o sujeito trabalhador, designando-o como "nossas pessoas" ao invés de empregados, funcionários ou até mesmo de trabalhadores, que são signos mais conhecidos para se referir ao coletivo de funcionários que integram uma companhia. Porém, ao invés de apresentar um signo já conhecido e corrente social e historicamente para evocar o sujeito trabalhador, a empresa apresenta um outro signo para designá-los: "nossas pessoas". É importante nos atentarmos para o uso do pronome

[33] Disponível em: http://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/impactos-ambientais-mineracao-meio-ambiente/. Acesso em: 31/07/2017.
[34]Disponível em: http://www.labogef.iesa.ufg.br/labogef/arquivos/downloads/Apresentacao_Impacto_Ambiental__IV_(mineracao)_93008.pdf . Acesso em: 31/07/2017.

possessivo “nosso”, que modifica/intensifica ainda mais a ideologia em torno do signo “pessoas”, usada no lugar de “trabalhador”. Quando a empresa apresenta em seu discurso que os seus trabalhadores são “suas pessoas”, há todo uma reconstrução do sentido atribuído a esse sujeito, a qual traz um sentido de pertencimento, acolhimento do trabalhador pela/para a empresa. Remete também ao sentido de inclusão, de coletividade, de unidade, induzindo o interlocutor a imaginar que a empresa e os trabalhadores se fundem em uma só, um em função do outro, com um mesmo propósito em comum. Esse discurso de pertencimento, acolhimento, reflete em um lugar específico e cria uma relação dialógica entre a empresa e o sujeito trabalhador, que não é visto mais como um empregado e sim como uma pessoa, parte integrante da engrenagem da empresa.

Ademais, o enunciado “nossas pessoas” parece romper com o vínculo institucional empregado e empregador, faz uma aproximação entre os sujeitos e estabelece uma relação de reciprocidade entre o ambiente de trabalho, a empresa e o trabalhador. Considerando o signo trabalhador em comparação ao signo pessoas, é possível perceber o deslocamento de sentido que pode constituir cada um desses signos. A palavra trabalhador retoma alguns sentidos já conhecidos e abordados, aqui na pesquisa (no capítulo primeiro), como por exemplo, o trabalho com o sentido de lida, peleja, obrigação, submissão a alguém, enquanto que o signo pessoas traz um sentido de ser humano, indivíduo notável, precedido pelo pronome possessivo “nossas”, intensifica ainda mais esse sentido, “nossas pessoas” (re)cria o sentido produzido pelo discurso da empresa em relação ao sujeito trabalhador, atribuindo-lhe gestos, como especial, único e até familiar.

O segundo ponto que podemos analisar é a função que estes trabalhadores recebem, segundo a empresa, como sendo “o coração do nosso negócio”. Esse discurso, da empresa, que considera o trabalhador como “o coração”, permite depreender que há um diálogo entre o trabalhador e a empresa, e que esta trata, com uma relação de afetividade e atribui um alto grau de importância a esse sujeito trabalhador, especialmente, por meio do uso do signo “coração” que, como sabemos, histórico e socialmente, se relaciona aos discursos amorosos e de afeto. Por exemplo, se pensarmos do ponto de vista biológico, o coração é o órgão que representa a vida, que mantém o corpo vivo e funcionando, que bombeia o sangue para todo o corpo. Já por uma vertente mais relacionada às emoções, o coração simboliza o amor, a bondade, o afeto, evoca a profundidade de sentimentos daquilo que é importante e especial para o sujeito que enuncia, aqui, esta importância é construída, pelo uso do signo em um determinado contexto de interação verbal entre a mídia empresarial e os trabalhadores.

Com essa percepção, podemos questionar por que os trabalhadores são designados pelo discurso midiático da empresa como sendo o coração - lugar de afeto e de vida, porém, não é considerado como o cérebro da empresa? Esse discurso pode causar um embate de sentidos e ideologia, se pensarmos que o cérebro, essencialmente controla todas as atividades vitais do corpo. É também o órgão que representa o pensamento, os sentimentos, a imaginação, a memória, bem como, a capacidade intelectual e a inteligência. Dessa maneira, entendemos que é o cérebro que pensa, que toma as decisões, que coordena e comanda todas as outras partes e funções do corpo, enquanto que o coração, apesar de trazer um sentido de centralidade, de importância, está mais relacionado com os discursos da emoção.

Considerando os signos como produtores e transmissores de ideologia e que a significação se molda a partir do contexto, para melhor compreendermos o que esse enunciado que considera os trabalhadores como o "coração" da empresa pode refletir e refratar na realidade. Para tanto, Bakhtin atesta que,

> O sentido da palavra é inteiramente determinado por seu contexto. Na verdade, existem tantas significações para uma palavra quantos contextos de seu uso. No entanto, nem a palavra não perde a sua unicidade; ela, por assim dizer, não se desfaz em uma quantidade de palavras equivalente aos seus contextos d e uso. Obviamente, essa integridade da palavra é garantida não apenas pela integridade da sua composição fonética, mas também pela unicidade comum a todas as suas significações (VOLÓCHINOV, 2017, p. 195 e 196).

Assim, se analisarmos os signos "coração" e "cérebro", considerando o contexto, os locutores e a produção de sentidos, podemos inferir que o cérebro também é imprescindível para a existência humana, tal como o coração, porém, caso o coração funcione, mas o cérebro não, o corpo humano é considerado sem vida. O que nos permite deduzir que o coração apesar de se mostrar como parte importante do processo, ainda assim, não é a principal. Com isso, pensamos de que forma esse sentido reflete na posição ideológica dos trabalhadores, ao serem considerados como sendo o "coração" da empresa? Esse discurso constrói sentidos de que os trabalhadores são importantes, têm um papel determinante, mas que exercem sua função mecanicamente. E que o trabalho de pensar, criar, as partes que dependem do intelecto, das decisões determinantes, não são confiadas a eles. Tal sentido, atribuídos a esses discursos, nos remete também à forma de alienação intelectual, comentada por Chauí (2000).

Percebemos aqui uma nova realidade que é criada a partir da seleção e utilização dos signos ideológicos. Como vimos anteriormente, existe um deslocamento de sentido entre chamar o empregado de "trabalhador" e de "nossas pessoas", bem como em utilizar o signo

“coração” para designar a função dos trabalhadores na empresa, em vez de utilizar o signo “cérebro”. A esse respeito, podemos entender essas mudanças do signo, segundo o que Volóchinov diz que:

> [...] a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com signos. Essa cadeia da criação e da compreensão ideológica, que vai de um signo a outro e depois para um novo signo, é única e ininterrupta: sempre passamos de um elo sígnico, e portanto material, a outro elo também sígnico. (VOLÓCHINOV, 2017, p.95)

Assim, a produção de sentidos de determinado discurso depende da ideologia que perpassa determinado signo, e aos interlocutores que serão alcançados por esses discursos. Por meio da noção de signo ideológico, que abordamos no capítulo segundo, é possível perceber de que modo os signos refletem as ideologias e constroem um lugar social para o sujeito trabalhador. É visível também o caráter móvel do signo, o que o possibilita refletir e refratar a realidade. Desse modo, Volóchinov (2017, p. 94) afirma que, “O signo é um fenômeno do mundo externo. Tanto ele mesmo, quanto os efeitos por ele produzidos, ou seja, aquelas reações, aqueles movimentos e aqueles novos signos que ele gera no meio social circundante, ocorrem na experiência externa”.

Assim, a utilização do signo “pessoas” para designar o sujeito trabalhador recria o sentido ideológico que já conhecemos e que é apresentado socialmente, e molda uma especificidade que marca o lugar desta empresa que enuncia e, também, deste trabalhador que é interpelado pela ideologia propagada pelo discurso da empresa, ao recriar o signo que remete aos funcionários e seus postos de trabalho.

Continuando com as análises, recortamos uma outra sequência enunciativa, transcrita a seguir:

E3: São nossas pessoas que utilizam as mais recentes tecnologias para encontrar novos recursos, planejar e construir nossas minas e que mineram, processam, transportam e comercializam os nossos produtos – desde diamantes (por meio da De Beers) até a platina, outros metais preciosos e cobre - para os nossos clientes ao redor do mundo.

Percebemos aqui uma regularidade que se dá pela repetição do enunciado “nossas pessoas”, para designar o trabalhador em dois períodos consecutivos.

Quando pensamos no recorte do enunciado “São nossas pessoas que utilizam as mais recentes tecnologias para encontrar novos recursos, planejar e construir nossas minas” – é possível inferir que não são os trabalhadores que criam essas novas tecnologias, mas que, na

verdade, eles são ensinados a utilizar essa tecnologia da empresa, talvez por isso sejam considerados como o coração, não como o cérebro, se pensarmos em uma relação dialógica com o E2.

Acerca da relação entre trabalhador e as tecnologias difundidas pelas empresas, Antunes afirma que,

> Se, por um lado, é verdade que a baixa remuneração da força de trabalho – que se caracteriza como fator de atração para o fluxo do capital estrangeiro produtivo no Brasil – pode-se constituir, em alguma medida, como obstáculo para o avanço tecnológico, devemos acrescentar, por outro, que a combinação entre padrões produtivos tecnologicamente mais avançados e uma melhor "qualificação" da força de trabalho oferece como resultante um aumento da superexploração da força de trabalho, traço constitutivo e marcante do capitalismo brasileiro. Isso porque, para os capitais produtivos (nacionais e transnacionais), interessa a mescla entre os equipamentos informacionais e a força de trabalho "qualificada", "polivalente", "multifuncional", apta para operá-los, percebendo, entretanto, salários muito inferiores àqueles alcançados pelos trabalhadores das economias avançadas, além da regida por direitos sociais amplamente flexibilizados (ANTUNES, 2012, p.48).

Ou seja, o Brasil atrai as empresas estrangeiras por oferecer mão de obra qualificada e, ainda assim, mais barata que em países economicamente mais desenvolvidos. Isso gera um processo de exploração dos trabalhadores que embora atendam aos requisitos, como por exemplo, serem aptos ao uso de tecnologias, serem qualificados, multifuncionais, ainda assim, sofrem por estarem inseridos em um quadro de trabalho flexibilizado e sujeitos a salários inferiores àqueles que outros trabalhadores, que desempenham as mesmas funções, recebem em países de economias avançadas.

Considerando a segunda parte da sequência enunciativa, apresenta uma descrição dos passos do ciclo de funcionamento da empresa por meio dos verbos consecutivos: "minerar, processar, transportar e comercializar" como se fosse uma representação de todas as etapas nas quais os trabalhadores exercem suas determinadas funções na empresa até chegar ao resultado final.

Transcrevendo o recorte do enunciado a que nos referimos logo acima, "comercializam os nossos produtos – para os nossos clientes ao redor do mundo". Identificamos, mais uma vez, o uso do pronome possessivo "nosso", que já acompanhou o signo "pessoas", e agora se relaciona, também, com os signos "produtos" e "clientes".

Assim, temos "nossas pessoas", "nossos produtos" e "nossos clientes". O pronome possessivo "nossos" e "nossas" ressoa no enunciado reforçando a ideia de pertencimento, ou

seja, as pessoas (os trabalhadores), os produtos (a diversidade de minério com a qual a empresa trabalha com a extração), os clientes (outras grandes empresas que são consumidoras desses produtos de alto valor), tudo isso, constrói um sentido que já é indutivo, de pertencimento de tais elementos ao lugar de onde enunciam. A utilização do pronome "nosso" cria efeitos de sentido que rompem com possíveis distanciamentos que possa haver entre a empresa e seu interlocutor em potencial, causando um efeito de proximidade o qual parece incluir não só o trabalhador, os produtos, os clientes, mas também o leitor. A esse respeito, Charaudeau diz que:

> O interesse atribuído a um sujeito, alvo da informação – interesse que pode ser despertado, alimentado ou saturado ao saber de estratégias de descoberta, de suspense ou de repetição (matracagem) – apoia-se na hipótese de que este fica naturalmente motivado quando supõe que a informação que lhe é proposta será direta ou indiretamente útil para orientar sua conduta (CHARAUDEAU, 2015, p. 76).

Observemos, então, de que maneira esses enunciados midiáticos ecoam e produzem determinados sentidos na comunicação discursiva quando pontuamos as regularidades no uso do pronome possessivo nos exemplos "nossas pessoas", "nossos produtos", "nossos clientes", e que pode ser extensivo também a "nossos leitores". Se, caso fosse necessário criar uma ordem de importância dessas peças fundamentais para o funcionamento da empresa, qual seria a ordem contemplada pelo sujeito que enuncia? Quem viria em primeiro, segundo e terceiro lugar, dentre esses três elementos: produtos, clientes e pessoas (trabalhadores)? Embora o discurso da empresa pareça excluir a cadeia hierárquica existente dentro de qualquer ambiente corporativo, rompendo o vínculo trabalhador e empregador, ao apagar essa denominação dos funcionários os tratando como "suas pessoas" e de modo afetuoso ao compará-los com a "imagem" do "coração" da empresa, compreendemos, a partir dos pressupostos de Bakhtin que,

> Cada época e cada grupo social possui o seu próprio repertório de formas discursivas da comunicação ideológica cotidiana. Cada grupo de formas homogêneas, ou seja, cada gênero discursivo cotidiano, possui seu próprio conjunto de temas. Existe uma unidade ininterrupta e orgânica entre a forma da comunicação (por exemplo, a comunicação direta e técnica no trabalho), a forma do enunciado (uma réplica curta relacionada ao trabalho) e o seu tema. Portanto, *a classificação das formas do enunciado deve apoiar-se na classificação das formas de comunicação discursiva*. Já essas formas são inteiramente determinadas pelas relações de trabalho e pelo regime sociopolítico. Em uma análise mais detalhada, veríamos a enorme importância do *aspecto hierárquico* nos processos de interação discursiva e a

> influência poderosa da organização hierárquica da comunicação nas formas do enunciado (VOLÓCHINOV, 2017, p. 109, grifos do autor).

Assim sendo, podemos apreender que os discursos se moldam e também se modificam dependendo das suas condições sócio-ideológicas, do lugar de quem enuncia como também, para quem se é enunciado. O processo de interação entre o enunciador e para quem se dirige o enunciado, é que permite essas interações que podem retomar um signo, modificá-lo, ou até mesmo antecipá-lo na cadeia enunciativa.

Ainda a respeito da sequência enunciativa "E3", podemos refletir também sobre a noção de que as pessoas trabalham para produzir os produtos, essas pessoas podem também ser comparadas ou tratadas como um produto pela empresa e, portanto, serem consideradas descartáveis? Acerca de tais condições as quais os trabalhadores, muitas vezes, se submetem, Antunes afirma que,

> Os benefícios aparentemente obtidos pelos trabalhadores no processo de trabalho são largamente compensados pelo capital, uma vez que *a necessidade de pensar, agir e propor dos trabalhadores deve levar sempre em conta prioritariamente os objetivos intrínsecos da empresa, que aparecem muitas vezes mascarados pela necessidade de atender aos desejos do mercado consumidor. Mas sendo o consumo parte estruturante do sistema produtivo do capital, é evidente que defender o consumidor e sua satisfação, é condição necessária para preservar a própria empresa.* Mais complexificada, aparência de maior liberdade no espaço produtivo tem como contrapartida o fato de que as *personificações do trabalho* devem se converter ainda mais em *personificação do capital*. Se assim não o fizerem, se não demonstrarem estas "aptidões", ("vontade", "disposição" e "desejo"), são substituídos por outros trabalhadores ou trabalhadoras que demonstrem "perfil" e "atributos" para aceitar estes "novos desafios" (ANTUNES, 2002, p. 16, grifos do autor).

A partir dessa colocação, podemos retomar a reflexão feita logo acima e atribuir-lhe uma resposta. Já que, segundo Antunes (2002) "se não demonstrarem estas "aptidões", ("vontade", "disposição" e "desejo"), são substituídos por outros trabalhadores ou trabalhadoras que demonstrem "perfil" e "atributos" para aceitar estes "novos desafios". Podemos inferir, então, que essa é uma realidade corrente no mundo do trabalho: as pessoas trabalham para produzir mercadorias, porém, podem ser objetificadas, em função de conseguir alimentar a lógica predatória do capital, com isso, essas pessoas (trabalhadores) podem também ser comparadas ou tratadas como um produto pela instituição em que trabalham e, como produtos, podem facilmente serem descartados ou substituídos de modo a satisfazer às "necessidades" da empresa.

Na quarta sequência enunciativa recortada, é possível perceber o lugar em que a empresa diz ocupar em relação ao seu produto, quando produz o seguinte discurso:

E4: "Como uma mineradora responsável, somos os *guardiães* desses recursos preciosos".

Ao se colocar como a "guardiã" dos recursos preciosos, a empresa se posiciona ideologicamente em relação à sociedade, pois, ao pensarmos nos sentidos que são construídos pela palavra "guardiã", notamos que ela reflete aquilo ou aquele que guarda, que protege, que zela, que defende, que resguarda. Pode ecoar também em um aspecto de divindade, como se eles [a empresa] fossem os escolhidos para guardar esses bens preciosos – a matéria prima encontrada no solo. Esse autointitular-se com o signo "guardião" é carregado de significado e, por conseguinte, esse signo ideológico reflete e refrata a realidade da mineradora, porque faz um deslocamento de sua função, que pode ser de destruidora da natureza, para aquela que zela, que cuida. Porém, conhecendo a forma de atuação de uma mineradora e que o prejuízo que ela causa ao meio ambiente pode ser irreversível, notamos que esse signo faz uma refração do sentido positivo, no qual a empresa quer se enquadrar e, consequentemente, convencer o seu interlocutor de tal verdade, seja ela, que de fato ela [a empresa] se enquadra na função de guardiã, sendo essa a sua finalidade.

Para Charaudeau:

> Caberia às mídias prevenir-se contra as tentativas de manipulação, procurando sempre as provas da veracidade da informação, uma vez que o compromisso com a verdade é a base da credibilidade. No entanto, deixam de lado esse aspecto quando a informação pode causar um certo impacto, prevalecendo o interesse pelo seu possível efeito de captação. (CHARAUDEAU, 2015, p. 76)

Ainda nesse enunciado, a companhia se autodefine como "uma mineradora *responsável*". Pensados os sentidos deste adjetivo, entendemos que "responsabilidade" diz respeito àquilo ou àquele que responde pelos seus atos, que têm condições morais e/ou materiais de assumir compromisso e prestar contas perante a alguém. Esse discurso da responsabilidade da empresa ecoa com outros enunciados que serão analisados posteriormente, porém, desloca o sentido da responsabilidade da empresa, transferindo-a, para o trabalhador.

Ao refletirmos a partir da memória discursiva dos sentidos que operam no contexto sócio-histórico do que seja uma mineradora, compreendemos que o trabalho realizado no processo de exploração de minérios trata-se de uma prática extremamente agressiva para e

com o meio ambiente, bem como os resquícios da execução predatória realizada por uma mineradora acarretam graves consequências ambientais e também sociais para as comunidades residentes próximas as minas.

Ao se colocar como uma "guardiã responsável" podemos questionar se essa responsabilidade se limita de fato aos seus produtos ou se deveria se estender a um tipo de responsabilidade social, com o meio ambiente, com os trabalhadores e, também, com a sociedade de um modo geral. Levando em conta que este discurso da "responsabilidade", de certa forma, apaga a prática predatória em relação ao meio ambiente, que já é fortemente conhecida por toda a população, sobre o poder de destruição de uma mineradora. Porém, se considerarmos um interlocutor que desconhece essa realidade, este poderá ter um olhar de confiança com a empresa, contemplando-a como aquela que zela, que protege e que se arrisca por esses recursos. Segundo Charaudeau:

> A identidade social da instância de recepção é uma incógnita para a instância de produção. Por um lado, os receptores não estão presentes fisicamente na relação de troca, e a instância midiática não tem acesso imediato a suas reações, não pode dialogar com eles, não pode conhecer diretamente seu ponto de vista para completar ou retificar a apresentação da informação. Por outro lado é difícil determinar o público que compõe essa instância quanto a seu *status* social, o qual, quase sempre, é muito diversificado. Além disso, mesmo que se tivesse os meios de determiná-lo, não se sabe se os dados relativos ao *status* social clássico seriam pertinentes, pois o verdadeiro problema desse gênero de comunicação não é tanto o das categorias sociológicas ou socioeconômicas, mas o da relação entre certos dados desses *status* e as categorias mentais que corresponderiam à maneira de apreender os acontecimentos, de compreendê-los e interpretá-los, em função do modo como são reportados.

Nesse processo, a mídia dialoga, ainda que desconhecendo seu interlocutor em potencial, posicionando-se de modo contraditório, considerando os seus discursos em relação as suas práticas e a realidade do empreendimento de uma mineração – destruição e da função predatória do meio ambiente – exercida pelas mineradoras.

Em relação à construção ideológica na qual a Anglo American se coloca como guardiã, aquela que tem a função de proteger os recursos naturais, Bakhtin ressalta que,

> Todo enunciado tem a pretensão de ser correto, verdadeiro, belo, etc. E esses valores do enunciado não se determinam por sua relação com a língua (enquanto sistema), mas pelas formas de sua relação com a realidade, com o sujeito falante, com os outros enunciados — com os enunciados alheios — (em particular com aqueles que os colocam como valores da verdade, da beleza, etc.) (BAKHTIN, 1997, p. 353).

Assim, todo esse discurso produzido e reproduzido pela Anglo American a respeito da sua forma de atuação contam com a credibilidade ou até mesmo com a ingenuidade do leitor, para atribuir-lhe confiança sobre aquilo que a empresa enuncia.

Considerando ainda a próxima sequência enunciativa selecionada:

E5: Trabalhamos em conjunto com os nossos principais parceiros e públicos de relacionamento para explorar o valor de longo prazo que esses recursos representam para os nossos acionistas, mas também para as comunidades e os países em que operamos.

Ao observarmos o E5, identificamos que nele também há a ocorrência da repetição do pronome possessivo "nosso", sendo, portanto, uma regularidade apresentada pelo *corpus*. O que se depreende desta recorrência do uso desse pronome para se referir a *pessoas* (os trabalhadores), aos nossos *produtos*, aos nossos *clientes*, aos nossos *principais parceiros*, aos nossos *públicos de relacionamento* e aos nossos *acionistas* é que a empresa se coloca em uma possível relação de equidade com todas essas instâncias que possuem importância categórica no funcionamento da empresa, de modo que, ao enunciar "nosso(s)" e "nossa(s)" o sujeito fomenta a ideia de proximidade – como já ocorreu em enunciados anteriores –, os efeitos de sentido produzidos dão uma ideia de posse, de pertencimento ou até mesmo de filiação, ou seja, os trabalhadores, os produtos, os clientes, os principais parceiros, os públicos de relacionamento e os acionistas, todos eles são filiados a empresa.

É importante destacar, ainda, no recorte do enunciado supracitado, que por último, a empresa sugere um relacionamento com a comunidade e com os países nos quais trabalha, quando enuncia: "mas também para as comunidades e os países em que operamos". Questionamos como a empresa trabalharia em conjunto com as comunidades e o porquê da empresa buscar dialogar com a sociedade, uma vez que, sabemos que as comunidades são as que mais sofrem com a presença das mineradoras locais. Um exemplo são as diversas comunidades que são desapropriadas para implantação ou até mesmo para a expansão de mineradoras para a ampliação e exploração de mais minas. Sabe-se também que grande parte dessas comunidades não recebe retorno ou, quando recebem, é apenas um benefício pífio por serem desapropriadas e deslocadas de suas moradias, para cederem lugar aos projetos de expansão e/ou de implantação das mineradoras.

A esse respeito, consultamos alguns artigos que tratam sobre a problemática de desapropriação de comunidades em locais de atuação de mineradoras e as consequências sociais trazidas por esse processo. O que percebemos com a pesquisa é que um dos principais impactos sociais causados pelo processo de mineração é a desapropriação de áreas povoadas

para a implantação de novas ou expansão de minas já existentes. Assim, em muitas áreas onde há mineradoras atuando, acontece o processo de desapropriação de centenas de famílias, as quais, por sua vez, podem sofrer dificuldades no processo de readaptação em novos lugares, levando em conta que, geralmente, a aquisição das propriedades pelas empresas é assegurada por decreto federal expropriatório, deixando as famílias, assim, sem a opção de escolha de ceder ou não a sua propriedade para os fins impostos pelas empresas. Esse decreto Federal Expropriatório (Decreto-Lei Nº 3.365, de 21 de Junho de 1941)[35] assegura que os empreendedores da mineração têm a possibilidade da declaração de utilidade pública das áreas de interesse para mineração, tornando possível sua desapropriação pela Agência Nacional de Mineração (ANM) ou pelo próprio concessionário, desde que autorizados pela ANM. Isso se torna uma ferramenta que beneficia totalmente as empresas interessadas em ter acesso às áreas de exploração quando os proprietários dos imóveis se recusam a firmar acordos ou quando formulam exigências dissociadas da realidade (das mineradoras). Com essa declaração de utilidade pública as empresas são asseguradas ao acesso às áreas necessárias para as atividades, mediante o pagamento, pelo empreendedor, da indenização devida aos proprietários[36].

É importante ressaltar que esse processo de desapropriação causa efeitos não só ambientais, mas também influi, de modo geral, nas relações sociais, culturais e econômicas. A partir das considerações do artigo é possível também citar quais os principais fatores de insatisfação por parte do público desapropriado de suas terras, que são, por exemplo, a não escolha de poder vender a propriedade ou não e sem um poder de negociação acerca do valor a ser recebido, pois as empresas já estipulam um valor, não sujeito a negociação quando vão fazer a proposta de compra aos moradores. Outro ponto que interfere diretamente na vida dessas comunidades é a questão da distância das suas terras de origem até as terras para onde serão deslocados, que além de alterar o trajeto diário dessa população, ainda implica no afastamento de seus antigos vizinhos e/ou até mesmo dos familiares. Além de tais questões, artigo sugere ainda a coexistência de prejuízos financeiros e emocionais causados pela ação de desapropriação.[37]

Em continuidade, observaremos o encerramento da sequência enunciativa, por meio do seguinte discurso:

---

[35] Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del3365.htm Acesso em: 31/07/2017
[36] Disponível em: http://www.conjur.com.br/2014-jan-16/marco-mineracao-gera-questoes-permitir-empreendedor-desaproprie Acesso em: 31/07/2017
[37] Disponível em: http://revistas.ufpr.br/raega/article/viewFile/24845/16657 Acesso em: 31/07/2017

E6: "...criando valor sustentável e fazendo uma real diferença".

Esse recorte do enunciado retoma o que já havíamos falado anteriormente, a empresa sugere que ela "cria valor sustentável", porém já refletimos que se trata de uma empresa de mineração. Assim, bem sabendo do que se trata e como opera uma mineradora, podemos avaliar que esse discurso da sustentabilidade, do politicamente correto, do diálogo com a comunidade, não passa de discurso contraditório, que de fato não são de forma alguma efetivas e significativas, como a empresa insiste em mostrar em seus dizeres. Como que uma mineradora cria valor sustentável no discurso e, na prática, ela é uma das principais destruidoras dessa sustentabilidade? Outro ponto a ser pensado é sobre essa "real diferença" que eles afirmam que fazem, porém essa "real diferença" se relaciona efetivamente a quem? Para quem eles trabalham em função de fazer diferença? Por meio de tudo que já observamos nesse tópico, podemos inferir que não é para o trabalhador, nem para a comunidade, muito menos para o meio ambiente, a não ser que se trate de uma diferença com uma conotação negativa. Essa diferença, com uma visão valorável, como algo positivo, que é o que a empresa tenta mostrar, provavelmente impacta na realidade dos acionistas, dos clientes e consumidores, ou seja, de quem detém a renda e o poder.

Volóchinov descreve a respeito do poder de refração das classes dominadoras quando afirma que,

> Mas justamente aquilo que torna o signo ideológico vivo e mutável faz dele um meio que reflete e refrata a existência. A classe dominante tende a atribuir ao signo ideológico um caráter eterno e superior à luta de classes, apagar ou ocultar o embate das avaliações sociais no seu interior, tornando-o monoacentual (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113).

Compreendemos, por meio desta citação, que o objetivo dos discursos da classe dominante é fazer com que a classe dominada se sinta a vontade, se sinta acolhida, contemplada, resignada diante de sua realidade concreta, no intuito de disfarçar os contrastes das lutas sociais.

Pensando em possíveis diálogos e regularidades discursivas, pesquisamos, ainda, a página eletrônica de duas outras empresas do mesmo ramo de atuação: mineração, uma com sede também na cidade de Catalão/GO e outra instalada na cidade mineira de Paracatu, que fica cerca de 300 quilômetros de distância da cidade goiana que sedia as outras duas empresas. Ao observarmos, brevemente, o *site* das duas demais empresas, foi possível

identificar regularidades nos discursos e na forma de tratamento ao sujeito trabalhador, que reflete no discurso propagado por estas três empresas e também dialogam com os enunciados até aqui analisados e os quais retomaremos no desenvolver das próximas análises. Para contextualizar essas duas outras empresas que possuem discursos que ecoam e se repetem em relação aos enunciados analisados, falamos brevemente de cada uma delas e trazemos imagens para ilustrar e comprovar as comparações.

A **Vale S.A.** que também é uma das grandes empresas do ramo de mineração que atuam no Brasil e possui uma de suas unidades instaladas na Cidade de Catalão no estado de Goiás, também traz em seu *site* o signo "pessoas" para tratar dos trabalhadores da empresa.

Segundo informações retiradas do site da **Vale S.A.**, com mais de 70 anos de história, a Vale é uma das maiores empresas privadas do Brasil. Além de líder no segmento de mineração, no país, mantêm importantes operações nas áreas de Logística, Energia e Siderurgia. A Vale nasceu no Brasil, em 1942, em Minas Gerais, na cidade de Itabira. A sede global dos negócios da mineradora fica no Rio de Janeiro. Os metais ferrosos (minério de ferro e pelotas), que respondem pela maior parte da receita operacional, são os carros-chefes da produção no país.[38]

A Vale Fertilizantes, subsidiária integral da Vale, mantém uma importante operação no município de Catalão no estado de Goiás, a Vale sedia um Complexo mineroquímico de fertilizantes, possui 1.230 funcionários diretos e indiretos. O ano de início das operações no estado de Goiás foi em 1966. É no Complexo Mineroquímico que acontece a lavra do minério de fosfato para concentrar a apatita, fonte do fosfato para a produção de fertilizantes.[39]

[38] Disponível em: http://www.vale.com/brasil/pt/aboutvale/across-world/paginas/default.aspx. Acesso em: 03/01/2018.
[39] Disponível em: http://mundo.intranetvale.com.br/PT/Unidade/Content/Brasil/GO. Acesso em: 03/01/2018.

Imagem 2: Página inicial do *site* da Vale.

Fonte: http://www.vale.com/brasil/PT/people/Paginas/default.aspx.

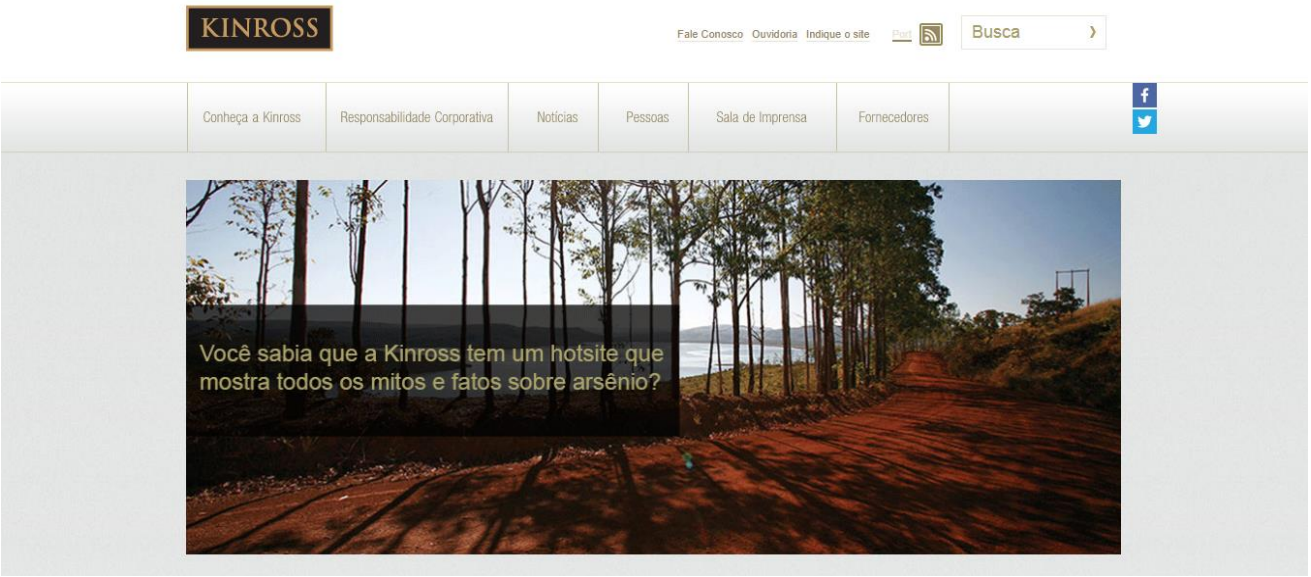
Outra empresa multinacional, também do ramo de mineração, a Kinross Gold Corporation, situada na cidade de Paracatu no estado de Minas Gerais, também apresenta em seu *site*, o signo "Pessoas" para designar os trabalhadores e trabalhadoras da empresa. No *site* da empresa, encontramos a seguinte descrição do histórico da mineradora:

A Kinross Gold Corporation é uma empresa global com sede no Canadá, criada em 1993. O grupo emprega mais de oito mil pessoas e, em 2011, passou de oitavo para quinto maior produtor mundial de ouro. A Kinross atua nas atividades de pesquisa e desenvolvimento mineral, mineração, beneficiamento e comercialização de ouro. É uma das maiores produtoras de ouro do Brasil, responsável por 22% da produção nacional. Com operação na mina Morro do Ouro, em Paracatu, noroeste de Minas Gerais e escritório em Belo Horizonte, a empresa integra a Kinross Gold Corporation, grupo canadense com presença na América do Sul (Brasil e Chile), América do Norte (Estados Unidos e Canadá), África (Gana e Mauritânia) e Eurásia (Rússia).

A unidade é um importante empreendimento industrial da região, respondendo por cerca de 22% dos postos de trabalho formais do município. São cerca de 1.400 empregos diretos e mais de 2,5 mil terceirizados. Além de ser a principal geradora de impostos e responsável pelo fomento a outros negócios, a Kinross investe em iniciativas que contribuem para o desenvolvimento do território e é certificada por normas nacionais e internacionais ligadas à saúde, segurança, gestão ambiental e responsabilidade social.[40]

[40] Disponível em: http://www.kinross.com.br/. Acesso em: 03/01/2017.

Imagem 3: Página inicial do *site* da Kinross.



Fonte: http://www.kinross.com.br/.

Nos dois próximos tópicos, desenvolvemos a análise de enunciados verbovisuais que coletamos no site da Anglo American, visando compreender de que modo os enunciados constroem os sentidos daquilo que é verbal e também do que é visual por meio da análise de enunciados compostos por extrato verbal e não verbal, os enunciados verbovisuais.

3.2 Análise do enunciado verbovisual – Mulheres na Mineração

Neste tópico desenvolvemos a análise de um enunciado verbovisual, publicado no *site* da companhia, localizado na aba “Carreiras”, veiculado e intitulado pela guia “Mulheres na mineração”.

Imagem 4: Mulheres na mineração.

Fonte:

MULHERES NA MINERAÇÃO

Adotamos também uma política global que estimula a contratação de mulheres, pois acreditamos que essa é mais uma forma de valorizar a diversidade em nossas operações.
O número de mulheres avança ano a ano em nossas operações. Mulheres em cargos gerenciais são mais de 20% em toda a Anglo American. Mas ainda queremos ir mais longe. Da sala de reuniões até as minas, queremos que as mulheres na Anglo American tenham a chance de serem excepcionais.

A publicação intitulada “Mulheres na Mineração” traz informações sobre uma política adotada pela empresa a fim de valorizar a diversidade de gênero e, consequentemente, incentivar a contratação de mulheres para trabalhar na companhia. Ao apresentar dados dessa política, a campanha ressalta que as mulheres integram 20% dos cargos gerenciais ofertados pela empresa.

Por meio da análise da publicidade, de uma maneira geral, presume-se que a maioria dos cargos ocupados na empresa seja por trabalhadores do sexo masculino e que, ainda que a empresa promova políticas que estimulem o aumento de mulheres atuando na companhia, a porcentagem de trabalhadoras, atualmente, ainda é baixa em relação aos homens, representando apenas 20% de mulheres trabalhadoras em cargos de gestão.

Segundo dados do site "Portal da Indústria", de acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego, a participação feminina nas empresas industriais cresceu 14,3% em 20 anos. Enquanto em 1995 elas ocupavam 22,5% dos postos formais do setor, em 2015, esse percentual foi de 25,8%. Os segmentos com maior crescimento de mulheres empregadas no período são mineração (65,8%), material de transporte (60,8%), alimentos e bebidas (49,3%), madeira e mobiliário (39,3%), indústria mecânica (37,3%) e papel e gráfico (24,7%). Porém, a matéria também ressalta os desafios enfrentados, ainda hoje, pelas mulheres no mercado de trabalho, por exemplo, o de exercer o papel de liderança e gestão, principalmente por ser um ambiente ainda predominantemente masculino[41].

Esses dados indicam um pequeno aumento da inserção de mulheres nas áreas industriais. Especialmente no setor de mineração, a pesquisa indicou o maior aumento (65,8%), o que percebemos é que embora em um número geral a mineração tenha sido o setor industrial que mais contratou mulheres nos últimos 20 anos, na Anglo American, esse número não é proporcionalmente correspondente, já que apenas 20% dos cargos gerenciais da empresa são integrados por mulheres. Coincidentemente, são esses cargos de gerência, que são apontados na pesquisa, como o maior desafio enfrentado pelas mulheres para exercer seus trabalhos na empresa.

Dividimos a publicação em três sequências enunciativas para analisarmos e compreendermos os sentidos que permeiam o discurso midiático empresarial.

E7: Adotamos também uma política global que *estimula a contratação de mulheres*, pois acreditamos que essa é mais uma forma de *valorizar a diversidade* em nossas operações (grifos nosso).

Ao considerarmos o enunciado acima, destacamos os trechos que dizem que a empresa "estimula a contratação de mulheres", pois acredita que é uma forma de "valorizar a diversidade". Podemos compreender, dessa forma, que para a empresa admitir mais mulheres para sua equipe de trabalho é necessário ter uma política específica que "estimule" essa ação e que, consequentemente, quando essas mulheres conseguem chegar aos postos de trabalho na empresa, esta [a empresa] se considera como uma instituição que valoriza a diversidade. Esse discurso sobre a diversidade na mineração – um campo de trabalho predominantemente masculino – que embora pareça já ser consolidado na sociedade e conhecido por grande maioria dos sujeitos, ainda retoma sentidos que foram (re)construídos ao longo da história e

[41] Disponível em: http://www.portaldaindustria.com.br/agenciacni/noticias/2016/11/participacao-de-mulheres-no-mercado-de-trabalho-industrial-cresce-143-em-20-anos/ Acesso em: 31/07/2017.

que produzem enunciados em relação a questão da mulher trabalhadora em ambientes de trabalho construídos historicamente como ambientes "para homens" ou "de homens". O nosso posicionamento diante de tais discursos é o de refletir que deveria ser algo normal e natural ter mulheres trabalhando na mineração ou em qualquer outra área profissional. O sujeito que enuncia trata a admissão de mulheres na empresa como se fosse um diferencial da companhia, como se estivessem inovando ou fazendo algo além do que de fato deveriam fazer, por estimularem a contratação de mulheres. Esse signo "estimular" nos permite pensar, também, que não é porque se estimula que de fato há um número significativo de contratações de mulheres pela empresa, de fato, esse discurso ecoa e é retomado em E8, quando afirma que apenas 20% dos trabalhadores da empresa são do sexo feminino, e ocupando cargos gerenciais, como podemos observar na sequência discursiva a seguir:

E8: O número de mulheres avança ano a ano em nossas operações. Mulheres em cargos gerenciais são mais de 20% em toda a Anglo American. Mas ainda queremos ir mais longe.

O enunciado traz a informação de que as mulheres integram cerca de 20% dos cargos gerenciais em toda a empresa. E ressalta "ainda queremos ir mais longe". Isso sugere que na voz da empresa, esses 20% de mulheres que trabalham na companhia é um número considerável, mas que mesmo assim eles ainda querem expandir esse número como se, de fato ele fosse proporcional e a empresa só estivesse fazendo um adendo, um favor, em procurar inserir mais mulheres em suas vagas de trabalho, em uma performance de inclusão social.

Ainda de acordo com a matéria do site Portal da Indústria[42], um dos fatores pelos quais a presença feminina geralmente é inibida de algumas atividades industriais é o fato da exigência de alguns requisitos como, por exemplo, a força física. Porém, com o passar do tempo, à medida que os processos produtivos vão sendo automatizados, menos a força física é requerida, o que possibilita o aumento do contingente feminino na indústria.

Outro ponto relatado na matéria é o enfrentamento de preconceito pelo qual as mulheres passam quando ocupam cargos de gestão, por ter de supervisionar o trabalho de uma equipe na qual a maioria dos trabalhadores são homens. Antunes (2008) parte de uma explicação bastante interessante para pensarmos sobre essa questão da desigualdade em relação às mulheres e homens no ambiente de trabalho, quando ressalta que,

[42] Disponível em: http://www.portaldaindustria.com.br/agenciacni/noticias/2016/11/participacao-de-mulheres-no-mercado-de-trabalho-industrial-cresce-143-em-20-anos/ Acesso em: 31/07/2017.

> Na divisão sexual do trabalho, operada pelo capital dentro do espaço fabril, geralmente as atividades de concepção ou aquelas baseadas em capital intensivo são preenchidas pelo trabalho masculino, enquanto aquelas dotadas de menor qualificação, mais elementares e freqüentemente fundadas em trabalho intensivo, são destinadas às mulheres trabalhadoras [...] (ANTUNES, 2008, p.50).

O que compreendemos, então, é que além de ser necessária a criação de "estímulos" para a contratação de mulheres, quando estas são contratadas, ainda têm sua capacidade intelectual desvalorizada e/ou colocadas a prova em relação às faculdades profissionais dos homens no ambiente de trabalho.

Como já citamos anteriormente algumas das dificuldades enfrentadas pelas mulheres no setor trabalhista, tangem questões culturais e sociais nos postos de trabalho, além de questões de ordem física, especialmente no setor de mineração, por ser uma área com predominância de atividades pesadas e que exigem trabalho de força, sendo assim, majoritariamente destinada aos homens. Porém, com o advento da informática e a introdução de máquinas de grande porte e implantação das recentes e sofisticadas tecnologias, a mineração passou a ser um setor de trabalho mais acessível às mulheres, embora ainda não tão receptiva, como pudemos constatar pela análise dos enunciados: E7 e E8.

Tais fatos podem ser considerados, ainda, ao observarmos o próximo recorte do enunciado selecionado:

E9: Da sala de reuniões até as minas, queremos que as *mulheres* na Anglo American tenham a chance de serem *excepcionais.*

Ao considerarmos o enunciado destacado acima, inferimos que os cargos ocupados pelas mulheres são/podem ser os mesmos ocupados pelos homens – fato identificado em "da sala de reunião até as minas" –, ou seja, independentemente do cargo ou função desempenhada, a Anglo American propõe uma ideia de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres no ambiente de trabalho. Esse discurso da igualdade de gênero desloca o sentido do enunciado se comparado aos enunciados 7 e 8 analisados anteriormente.

Seguindo a segunda parte do recorte do enunciado: "queremos que as mulheres na Anglo American tenham a chance de serem *excepcionais*", destacamos o signo "excepcionais" porque, a partir dele, percebemos que a empresa constrói uma ideologia de que além de demonstrar que precisa se esforçar na criação de políticas para estimular a admissão de mulheres, considera essa ação como valorização de diversidade, construindo sentidos que sugerem ser um privilégio para as mulheres poderem trabalhar (discurso, que

ainda hoje, é muito reproduzido na nossa sociedade machista patriarcal) e não um direito adquirido. Nesse sentido, na voz da mídia empresarial, espera-se que essas mulheres desempenhem o seu papel, enquanto trabalhadoras, de maneira fora do comum ou de maneira extraordinária, excepcionalmente, como dito no enunciado.

Ao pensar o signo "excepcionais" como uma palavra que produz e reproduz ideologias, refletindo e refratando uma determinada realidade, no caso aqui abordado, a realidade da mulher enquanto trabalhadora inserida em uma prática discursiva midiática empresarial. Verificamos que da voz da empresa ressoa posicionamentos sobre o trabalho a ser desempenhado pela trabalhadora idealizada em um ambiente de trabalho predominantemente masculino. Logo, podemos relacionar a escolha do signo "excepcionais" para designar a mulher trabalhadora como retomada de outros discursos que são propagados socialmente sobre a capacidade das mulheres como, por exemplo, o discurso de que toda mulher é polivalente, que mulheres conseguem pensar e executar várias atividades ao mesmo tempo, etc. A respeito desses enunciados que ecoam e nos remetem a enunciados anteriores, Bakhtin aponta que:

> Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra "resposta" é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles (BAKHTIN, 1997, p.317).

Podemos perceber, com isso, o caráter reflexivo de todo signo ideológico, o que possibilita a associação que fazemos de determinados enunciados com outros anteriores ou posteriores, que mesmo aparentando contradição, como é o caso do aparecimento do discurso da inclusão da mulher na mineração, da igualdade de gênero no ambiente da empresa e da falsa valorização da mulher trabalhadora, uma vez que coloca a mulher em um patamar de excepcionalidade. A partir de tais contextos, em que o enunciado foi produzido, podemos perceber o quanto o discurso da mídia empresarial se torna significativo, pois além da mulher precisar contar com uma política que estimule a sua entrada na empresa, ela ainda vai ser considerada como um prêmio, que contribui para a valorização da diversidade: mulher e

diversidade relacionam-se segundo o posicionamento da Anglo American, no entanto, a trabalhadora precisa ser excepcional para ocupar um cargo nessa empresa. Sob essa perspectiva, a dificuldade de ser mulher em um ambiente corporativo dominado por homens ecoa nos discursos que constituem o todo arquitetônico em análise: o fato de ser uma mulher e precisar enfrentar o preconceito que existe socialmente, primeiramente em se inserir, e posteriormente, de se manter nesse ambiente de trabalho, em especial, cabe à mulher provar, ainda, que é excepcional, extraordinária, incomum, fora do normal, para além da condição dela de existência.

É interessante pensar se há regularidade nesses discursos quando os cargos são ocupados por homens: eles precisam ser excepcionais para serem admitidos? Com base no que conhecemos histórico e socialmente a respeito desses discursos, a resposta seria não, pois em nenhum outro momento encontramos essa exigência para os homens, mas para as mulheres é praticamente um pré-requisito para inserção na empresa.

Para penarmos tal questão, trazemos dados de um artigo intitulado "Relações de Gênero, Tecnologia e Formação Profissional de Mulheres no Segmento de Mineração"[43], o qual apresenta dados como o fato de que o trabalho realizado por mulheres, nas empresas, apresenta altos índices de competência e produtividade. E não só isso, outros aspectos como o nível de escolaridade são mais elevados quando se trata de trabalhadoras em relação aos homens, isso em postos de trabalho semelhantes. Mesmo com este fator diferencial de possuírem grau de escolaridade maior do que dos homens, há um processo contraditório em relação aos cargos ocupados por mulheres e por homens na mineração. Isso pode ser ilustrado, segundo o artigo, pelo fato de que todas as trabalhadoras entrevistadas ocupam cargo inferior ao seu nível de escolaridade como, por exemplo, as trabalhadoras que ocupam cargos do nível operacional - mecânicas, eletricistas, soldadoras e operadoras de equipamentos - não só possuem o ensino médio e/ou a formação técnica, mas também, estão cursando o ensino superior. As trabalhadoras em cargos de nível técnico já cursaram o ensino superior, e as engenheiras já concluíram ou estão em fase de conclusão da pós-graduação. O que chama atenção a partir desses dados é que, embora o nível de escolaridade seja maior do que o dos homens e suas formações profissionais sobreponham o grau de escolaridade exigido para o cargo que ocupam, ainda assim, as oportunidades para as mulheres na mineração são inferiores às oportunidades proporcionadas aos homens.

[43] Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt23-4518.pdf. Acesso em: 31/07/2017.

O discurso da desigualdade ecoa aqui, com base nos dados da pesquisa citada acima e acerca dessas considerações sobre o aumento de contingente feminino no ambiente de trabalho, Antunes (2005) faz a seguinte reflexão:

> Há uma outra tendência de enorme significado no mundo do trabalho contemporâneo: trata-se do aumento significativo do trabalho feminino que atinge mais de 40% da força de trabalho em diversos países avançados e também na América Latina, onde também foi expressivo o processo de feminização do trabalho. Esta expansão do trabalho feminino tem, entretanto, um movimento inverso quando se trata da temática salarial, onde os níveis de remuneração das mulheres são em média inferiores àqueles recebidos pelos trabalhadores, o mesmo ocorrendo em relação aos direitos sociais e do trabalho, que também são desiguais. No Brasil, o salário médio das mulheres está em torno de 60% do salário dos trabalhadores. (ANTUNES, 2005, p.145).

Tal assertiva desloca o sentido atribuído pela campanha da empresa quando esta afirma que, embora seja reduzida a quantidade de mulheres atuando na empresa, esse quantitativo vem sendo incentivado em busca do aumento da feminização no ambiente de trabalho. Já Antunes coloca que embora haja, nos dias de hoje, um considerável aumento das mulheres nos postos de trabalho, em contrapartida, essa quantidade não se equivale no que diz respeito às condições de trabalho e direitos sociais, bem como em relação ao salário, havendo assim, uma clara desigualdade no que concerne aos postos de trabalhos ocupados pelas mulheres em comparação aos cargos prioritariamente masculinos, ponto que também é destacado pelo artigo supracitado. Esta distinção se torna ainda mais verdadeira quando pensamos no posicionamento da empresa ao afirmar que quer que suas trabalhadoras "tenham a chance de serem excepcionais": o dizer corrobora com o discurso paterno no sentido *stricto* capitalista do provedor no ambiente familiar, aquele que dá condições materiais para que os filhos obtenham sucesso.

Embora pareça haver um reconhecimento por parte da empresa de que o contingente feminino em seu corpo profissional, é baixo, e para tanto utiliza-se de recursos motivacionais que permeiam o discurso da igualdade de gênero e o discurso da inclusão da mulher no sistema econômico empresarial, a própria empresa se denuncia em suas mídias, pois criam parâmetros que dificultam a entrada (e se entrarem, a permanência) das mulheres no trabalho: "serem excepcionais" é um desses obstáculos que contradiz – ao mesmo tempo em que reforça – os discursos da inclusão e da igualdade de gênero. Logo, para os homens não existe essa "oportunidade" de "serem excepcionais" em sua atuação profissional em nenhuma mídia da empresa em estudo.

Buscamos compreender então, de que maneira esse signo “excepcionais” reflete e refrata a realidade das mulheres em relação às oportunidades de trabalho. Se pensarmos, que é por meio do signo que somos capazes de (re)construir as realidades e travarmos as lutas causadas pela desigualdade, desse modo entendemos que a esse signo cabe a designação dada por Volóchinov de que:

> A existência não apenas é refletida no signo, mas também é *refratada* nele. O que determina a refração da existência no signo ideológico? – O cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade sígnica, isto é, a *luta de classes* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 112, grifos do autor).

Dessa forma, percebemos de que forma esse sujeito (mulher trabalhadora) pode ser refletida e refratada pelo signo ideológico “excepcional”. Trata-se de um discurso que possui uma avaliação excludente, direcionada unicamente para mulheres, pois a empresa já impõe uma condição, um parâmetro de seleção, uma meta: para as mulheres integrarem a empresa, elas devem mostrar-se excepcionais, uma vez que a empresa oferece “a chance” para que assim sejam. O fato de exigirem que as mulheres sejam “excepcionais”, ao invés de “qualificadas” (no sentido de formação profissional e educacional), por exemplo, é um dos motivos que torna irrelevante o fato das trabalhadoras serem altamente qualificadas, terem nível de escolaridade superior aos cargos que ocupam, terem níveis de produtividade superior aos dos homens, e ainda assim, não ocuparem cargos equivalentes aos deles.

Ao considerar o extrato visual do enunciado em questão, intitulado de Imagem 1, podemos observar a expressão da mulher que apresenta uma feição feliz, satisfeita, realizada. Esta expressão corporal é importante no desvendamento dos discursos, pois, segundo Volochínov:

> A forma corporal exterior do comportamento social do homem – movimentos das mãos, postura, tom de voz – que habitualmente acompanha o discurso, é determinada pelo fato de ter em conta o auditório presente e, em consequência, pela valorização que lhe é dada (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 169).

Desse modo, deduzimos que a expressão da mulher na imagem foi produzida com a finalidade de transmitir uma ideia positiva de felicidade, satisfação, segurança para o interlocutor que dialoga com o enunciado. Na imagem, a mulher está usando o uniforme, itens relacionados aos equipamentos de segurança individual (EPI), como o capacete e os óculos que são itens obrigatórios aos trabalhadores das minas e nas plantas, o que simboliza o sentido

de segurança, de tranquilidade e de condições necessárias para se trabalhar com estabilidade e qualidade na empresa. Ainda a respeito da expressão gestual, Bakhtin ressalta que,

> Um ponto que se deve ter em mente constantemente (algo que a estética psicológica com freqüência esquece de fazer) é este: a entoação e o gesto são ativos e objetivos por tendência. Eles não apenas expressam o estado mental passivo do falante, mas também sempre se impregnam de uma relação forte e viva com o mundo externo e com o meio social – inimigos, amigos, aliados. Quando uma pessoa entoa e gesticula, ela assume uma posição social ativa com respeito a certos valores específicos e esta posição é condicionada pelas próprias bases de sua existência social (BAKHTIN E VOLOSHÍNOV, 1976, p. 9).

Outro ponto ao qual podemos nos atentar refere-se à cor do uniforme, que é consoante as cores da empresa, especialmente, no site. Essas cores são o vermelho e o azul, com predominância deste último. Ao pesquisarmos a simbologia dessas cores, encontramos que a cor azul representa a verdade, nobreza, justiça, lealdade, confiança, amizade e tranquilidade. É associada, também, à inteligência e à experiência, bem como, à estabilidade e ao conservadorismo. Enquanto isso, a cor vermelha, pode representar a paixão, energia, excitação. Por ser uma cor quente está associada ao poder e à guerra. É a cor do elemento fogo, do sangue e do *coração* humano. Como vimos na primeira análise, a Anglo American considera seus funcionários com a função de coração da empresa.

O local, aparentemente, é um lugar externo, provavelmente a mina. Porém, na parte verbal do enunciado, se fala em cargos de gerência, mas na imagem a mulher está na planta e não em uma sala de reuniões. Então, podemos questionar o porquê deles colocarem a imagem de uma mulher na mina e não nas salas de reuniões, onde ocorre o gerenciamento, já que os 20% dos cargos ocupados por mulheres são cargos gerenciais, de acordo com dados fornecidos pela própria empresa.

Consideramos, aqui, a importância não só do que está dito, da parte verbal do enunciado, mas também, pensamos na parte extraverbal, aquilo que não nos é dito, que não é deixado explícito, mas que pode ser apreendido fora do texto. A reflexão sobre essa parte não verbal, mas visual, bem como da parte que não é falada no texto, mas que é presumida pelo movimento externo é de suma importância para a compreensão da publicação e segundo Bakhtin,

> Assim, a situação extraverbal está longe de ser meramente a causa externa de um enunciado – ela não age sobre o enunciado de fora, como se fosse uma força mecânica. Melhor dizendo, a situação se integra ao enunciado como

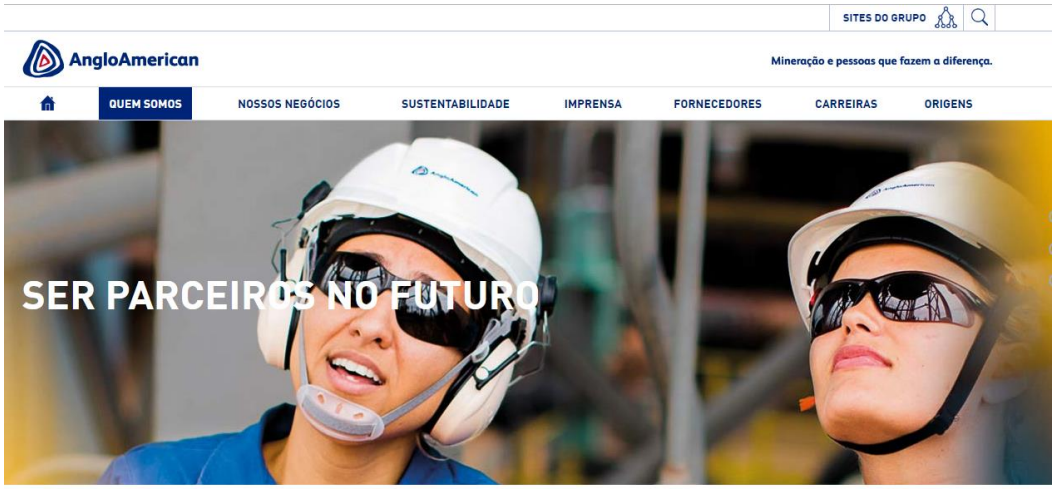
> uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação. Conseqüentemente, um enunciado concreto como um todo significativo compreende duas partes: (l) a parte percebida ou realizada em palavras e (2) a parte presumida (VOLOSHINOV e BAKHTIN, 1976, p. 6).

Sob essa perspectiva teórica, entendemos que todo enunciado é composto por uma parte verbal e outra extraverbal, mas que essas partes são indissociáveis, integrando a individualidade do todo do enunciado. Apesar de o extraverbal habitar no exterior, entendemos que é no interior do enunciado que ele se constitui, e toma forma material, torna-se aquilo que pode ser analisado, verificado, avaliado e refutado.

3.3 Análise do enunciado verbovisual "Nossa Abordagem"

A nossa próxima análise contempla um enunciado verbovisual veiculado pela guia "Quem somos", na subguia "Nossa abordagem" pelo *site* da Anglo American. A publicação é constituída por uma imagem com o seguinte enunciado "Ser parceiros no futuro" e, posteriormente, um enunciado verbal intitulado "Nossa abordagem – A mineradora diversificada". Para melhor ilustrar a publicação, segue a imagem e o texto do enunciado verbovisual:

Imagem 5: Ser parceiros no futuro.



Fonte: http://brasil.angloamerican.com/quem-somos/nossa-abordagem?sc_lang=pt-PT.

> NOSSA ABORDAGEM
> A MINERADORA DIVERSIFICADA
>
> A Anglo American é uma empresa global e diversificada de mineração. Fornece as matérias-primas que são essenciais para o desenvolvimento econômico e para a vida moderna. Nossos empregados são o coração de

> nossa empresa. São nossos empregados que utilizam as tecnologias para *localizar* novos recursos, *planejar e construir* nossas minas e *minerar, processar, transportar e comercializar* nossos produtos – de commodities[44] de alto volume a metais básicos e minerais, metais e minerais preciosos aos nossos clientes ao redor do mundo. Nosso portfólio diversificado de produtos abrange todo o ciclo de desenvolvimento econômico e nos dá opções para criar valor e oportunidades para trabalhar de forma mais eficaz e eficiente. Como uma mineradora responsável, somos os guardiões desses recursos preciosos. Precisamos trabalhar em conjunto com os nossos principais parceiros e partes interessadas para dar valor aos recursos naturais – tanto para os nossos acionistas, que são os donos da empresa, quanto para as comunidades e os países em que operamos. Por quê? Porque acreditamos que os retornos só são sustentáveis se geram valor para a sociedade, sendo esta a principal parte interessada.

No enunciado verbovisual "Ser parceiros no futuro" podemos identificar um trabalhador e uma trabalhadora ambos uniformizados e utilizando os equipamentos de segurança no trabalho, tais como, capacete, óculos e protetores auriculares contra ruídos. Os dois trabalhadores estão olhando fixamente para determinado local, que pela sombra dos óculos, parece ser uma obra. O semblante de ambos demonstra atenção, foco e tranquilidade. O olhar levemente inclinado dá a impressão de que estão olhando para o horizonte, para algo posterior e superior a eles. Considerando tais aspectos percebidos pelo extrato visual do enunciado, podemos compreender, de acordo com Volochínov (2013, p. 169), que "A forma corporal exterior do comportamento social do homem – movimentos das mãos, postura, tom de voz – que habitualmente acompanha o discurso, é determinada pelo fato de ter em conta o auditório presente e, em consequência, pela valorização que lhe é dada".

Por isso, a expressão que se pode identificar pelos sujeitos que protagonizam o enunciado imagético é uma expressão que remete a sentimentos positivos como descrevemos acima, pois o auditório, ou seja, os interlocutores das publicações veiculados pela mídia da Anglo American, poderão sentir confiabilidade por meio da expressão dos trabalhadores na imagem que constitui o enunciado em questão. Além disso, Volochínov (2013, p. 170) pontua que, "A palavra e o gesto da mão, a expressão do rosto e a posição do corpo são igualmente dependentes, são igualmente organizadas pela orientação social.[...]".

Como o enunciado é composto pela imagem de dois sujeitos acompanhado dos dizeres: "Ser parceiros no futuro", entendemos que a empresa apresenta um discurso sobre o trabalho coletivo, em parceria, construindo sentidos de ajuda mútua entre os trabalhadores e também entre a empresa, dando lugar, assim, ao signo "parceiros".

[44] Commodities: mercadorias de qualidade uniforme, produzida por vários fornecedores.

Já em relação ao extrato verbal da publicação, intitulado: “Nossa abordagem – A mineradora diversificada”

Na primeira parte da publicação é demonstrado o que é e o que faz a Anglo American, de forma semelhante ao que foi apresentado na aba “Quem somos” com a publicação “A Mineradora Diversificada”, quando enuncia que:

E10: “A Anglo American é uma empresa global e diversificada de mineração. Fornece as matérias-primas que são essenciais para o desenvolvimento econômico e para a vida moderna”.

Mais uma vez a empresa se coloca como produtora de um material essencial tanto para a economia, quanto para a vida na modernidade, instaurando-se num lugar discursivo, de uma empresa indispensável e extremamente útil para a sociedade e para o desenvolvimento econômico do país, tal enunciado, remete ao discurso do capitalismo, quando a empresa se coloca como fornecedora dos bens “essenciais” para o desenvolvimento econômico e para a vida moderna. A mídia institucional produz tal discurso a partir do lugar das condições de produção, com a intenção de atingir seu público alvo. Para Charaudeau, tal lugar:

> Compreende as *condições socioeconômicas* da máquina midiática [...] sua organização é regulada por um certo número de práticas mais ou menos institucionalizadas, cujos autores possuem *status* e funções a elas relacionados. Mas, ao mesmo tempo, os atores [...] precisam pensar em justificar suas práticas, produzindo discursos de representação que circunscrevem uma intencionalidade orientada por efeitos econômicos. É o espaço de hierarquização do modo de trabalho de cada organismo midiático [...] (CHARAUDEAU, 2015, p.24).

Identificamos, no enunciado selecionado a seguir, uma repetição da designação da função dos trabalhadores *na* e *para* a empresa quando tratam o trabalhador, mais uma vez, como sendo o “coração” da companhia. Esse discurso retoma os enunciados da primeira análise deste capítulo e com eles dialogam, a fim de reforçar o signo “coração” para caracterizar os trabalhadores da empresa, demonstrando uma regularidade discursiva nos enunciados midiáticos da mineradora em relação ao sujeito trabalhador.

Vejamos:

E11: “Nossos empregados são o coração de nossa empresa”.

É possível visualizar aqui um deslocamento do signo utilizado anteriormente para designar os trabalhadores da empresa como “(Nossas) Pessoas” já que agora, apresenta-se um

outro signo no enunciado, que é mais comumente utilizado pelas empresas, de um modo geral, para designar os trabalhadores que é o signo "Empregados". Usar o signo "empregados" ao invés do signo (nossas) "pessoas", no enunciado supracitado, desloca a ideia do sujeito trabalhador apresentada anteriormente em outros momentos e retoma o sentido mais conhecido socialmente do trabalhador em uma posição hierárquica determinada dentro da empresa, o lugar de empregado. Em continuação, a publicação demonstra de que modo esses "empregados" atuam na empresa descrevendo que:

E12: "São *nossos* empregados que utilizam as tecnologias para *localizar* novos recursos, *planejar e construir* nossas minas e *minerar, processar, transportar e comercializar* nossos produtos – de commodities[45] de alto volume a metais básicos e minerais, metais e minerais preciosos aos nossos clientes ao redor do mundo".

Ou seja, os trabalhadores da referida empresa possuem as funções, que segundo o enunciado, são descritos pelas palavras: "localizar", "planejar", "construir", "minerar", "processar", "transportar" e "comercializar" os produtos da empresa, tais signos produzem o sentido de que a Anglo American é responsável por todo o processo de extração, desde a localização, passando pelo planejamento, construção, mineração, processamento, transporte e por fim, a comercialização dos produtos. Diante desta gama de atividades que a Anglo Americana realiza é possível compreender que o número de trabalhadores para executar cada uma dessas várias funções que a empresa opera, é automaticamente, muito grande. Além do mais, por meio do enunciado é possível aferir que todas essas atividades são realizadas em função dos "clientes ao redor do mundo" que a empresa possui, trazendo o discurso do capitalismo, no qual uma determinada classe (os trabalhadores), labuta para produzir bens e riquezas para uma outra classe (os clientes). Porém, podemos questionar quem são esses "clientes"? Se considerarmos as condições sócio-históricas em relação ao trabalho em nossa sociedade, podemos pensar que os trabalhadores que operam todo esse ciclo, composto pelas ações acima citadas em conjunto com o uso de tecnologias implantadas pela empresa, muito provavelmente não possuem acesso aos produtos finais dos quais eles fazem parte importante na produção. Segundo Antunes (2001, p.41), "O operário deve pensar e fazer *pelo* e *para* o capital, o que aprofunda (ao invés de abrandar) a subordinação do trabalho ao capital". Assim, é essa lógica que o discurso da empresa propaga quando enuncia que todo o ciclo de produtividade, realizado pelos trabalhadores, é realizado em função dos "clientes ao redor do mundo".

[45] Commodities: mercadorias de qualidade uniforme, produzida por vários fornecedores.

Na continuidade, a publicação trata da vasta abrangência dos produtos e enaltece a eficiência da empresa para trabalhar com esses valores, ressaltando assim, alguns desses valores, tal como reproduzido a seguir:

E13: "Nosso portfólio diversificado de produtos abrange todo o ciclo de desenvolvimento econômico e nos dá opções para criar valor e oportunidades para trabalhar de forma mais eficaz e eficiente. Como uma mineradora responsável, somos os *guardiões* desses recursos preciosos".

É interessante observar que a empresa se autodenomina como os "guardiões" dos recursos preciosos, tal como destacamos no enunciado acima. O signo "guardião" pode produzir diversos sentidos, pois advém de um discurso de superioridade, de competência, de cuidado, de proteção, considerando que um guardião é aquele que guarda, zela e defende um bem precioso. Para a Anglo American esses bens preciosos são os minerais com os quais a empresa desenvolve suas operações de extração, e então, se autodenomina "guardiões". Pode-se identificar, também, um discurso místico, se pensarmos que o uso desse signo reflete ideologias as quais apresentam a empresa como um ser superior (como uma entidade de divindade e poder supremo) que tem a nobre função de zelar e proteger os bens minerais extraídos pelas suas operações.

Adiante a publicação apresenta, enfim, quem são as principais partes interessadas nesses valores e bens produzidos pela empresa [pelos trabalhadores]. Dessa forma enuncia que:

E14: "Precisamos trabalhar em conjunto com os nossos principais parceiros e partes interessadas para dar valor aos recursos naturais – tanto para os nossos acionistas, que são os donos da empresa, quanto para as comunidades e os países em que operamos".

Assim, deixa claro que os principais parceiros da empresa são: os acionistas (donos da empresa), as comunidades e os países nos quais possuem operação. Esse enunciado contradiz o discurso apresentado na Imagem 5 (p. 94) no qual a empresa demonstra um possível diálogo com os trabalhadores e os tratam como possíveis parceiros da empresa, e especialmente, que essa parceria será consolidada no futuro, fazendo o leitor acreditar que os trabalhadores da empresa possuirão alguma parte, significativa, nas produções da empresa ao decorrer dos anos de serviço. Para Antunes,

> Os benefícios aparentemente obtidos pelos trabalhadores no processo de trabalho são largamente compensados pelo capital, uma vez que *a necessidade de pensar, agir e propor dos trabalhadores deve levar sempre em conta prioritariamente os objetivos intrínsecos da empresa, que*

> *aparecem muitas vezes mascarados pela necessidade de atender aos desejos do mercado consumidor. Mas sendo o consumo parte estruturante do sistema produtivo do capital, é evidente que defender o consumidor e sua satisfação, é condição necessária para preservar a própria empresa.* Mais complexificada, aparência de maior liberdade no espaço produtivo tem como contrapartida o fato de que as *personificações do trabalho* devem se converter ainda mais em *personificação do capital*. Se assim não o fizerem, se não demonstrarem estas "aptidões", ("vontade", "disposição" e "desejo"), são substituídos por outros trabalhadores ou trabalhadoras que demonstrem "perfil" e "atributos" para aceitar estes "novos desafios" (ANTUNES, 2002, p.16).

Dessa forma, muitos discursos que são veiculados pela mídia das grandes empresas apenas personificam um perfil de trabalhador que se ajuste ao que a empresa precisa, e ainda cria uma falsa realidade aproximação e de consentimento de benefícios a esse sujeito trabalhador. Podemos perceber tal deslocamento, por exemplo, quando a empresa ressalta que os principais parceiros são os acionistas, percebemos que a relação entre os signos "trabalhador" e "parceria" que é apresentado na Imagem 5 se distancia desse sentido de proximidade, dando lugar assim, o discurso da contradição.

Com isso, entendemos que enunciar determinado discurso, não é atingir de fato, o propósito de intencionalidade do locutor, em relação a seu interlocutor, considerando, aqui a mídia institucional da Anglo American, em um mesmo enunciado, a empresa produz um discurso de possível parceria com o seu trabalhador, porém se contradiz mais adiante, colocando como principais parceiros da companhia, os acionistas, a comunidade, os países nos quais a empresa opera e esquecendo-se de mencionar os trabalhadores nesse grupo de principais parceiros, desmontando, dessa maneira, o sentido produzido anteriormente de que o trabalhador seria parceiro da empresa futuramente.

Por fim, o enunciado encerra-se dando uma explicação do porquê da importância de se trabalhar em conjunto, justificando que:

E15: "[...] acreditamos que os retornos só são sustentáveis se geram valor para a sociedade, sendo esta a principal parte interessada".

Por meio de tal sequência enunciativa, a empresa sugere que procura dar retornos sustentáveis de forma que gere valor para a sociedade e colocando-a como a principal parte interessada. É possível perceber mais um ponto de divergência nesse enunciado, quando a empresa ressalta que a sociedade seria a principal parte interessada nesse trabalho conjunto e nessa geração de valores, sendo que, logo antes enuncia que a empresa considera como parte principal, primeiramente, os acionistas e só após mencionam "a comunidade".

Ao produzir tal discurso, o da sustentabilidade, a mídia da Anglo American busca se "justificar" ou "prestar contas" de suas operações, considerando alcançar a totalidade de seu público alvo, considerando, provavelmente, que grande parte desse público alvo não tenha conhecimento, ou caso tenham, ignore essa memória discursiva a respeito da atuação de uma empresa de mineração que, como sabemos, é altamente destrutiva ao meio ambiente e como já mostrado anteriormente em uma citação de Antunes (2001), página 69, tentando mascarar seus aspectos negativos perante e para a sociedade. A respeito de tal mascaramento e busca por convencer determinado público de alguma falsa verdade, Charaudeau diz que:

> As mídias situam-se num campo de poder complexo que entrecruza vários outros campos cujo ponto comum é o famoso alvo da maioria: o campo do político diante do qual as mídias se legitimam por uma dupla ação, de contrapoder, ao opor-se a esse campo, e de interface com a sociedade civil, o que as leva a denunciar; o campo do econômico, no qual as mídias se legitimam por sua capacidade de alcançar o grande público, o que as leva a dramatizar; o campo da cidadania, no qual as mídias se legitimam por uma aptidão em realizar um projeto de construção da opinião pública, o que as leva a serem credíveis (CHARAUDEAU, 2015, p. 92 e 93).

Considerando tal assertiva, podemos compreender que a Anglo American produz e divulga um discurso de sustentabilidade e de responsabilidade social, que é direcionado à comunidade, colocando, agora, a sociedade como a principal parte interessada e não mais os clientes e acionistas em primeiro plano. Ao refletirmos que é principalmente ao meio ambiente e a sociedade que os impactos negativos resultantes do trabalho de uma mineradora atingem mais diretamente, podemos entender a preocupação da Anglo American em se justificar e em colocar tais sujeitos (meio ambiente e sociedade) como público alvo desse discurso, pois, direcionando a eles, a empresa tem a oportunidade de moldar a opinião desses sujeitos em relação a mineradora, caso ainda não tenham uma posição formada, ou caso tenham, podem conseguir apagá-la para que a mineradora passe a ser vista não como vilã, mas sim como uma "parceira" pela sociedade e para o meio ambiente, a fim de conquistar credibilidade desse público alvo através da modificação dos sentidos dos discursos da empresa.

Considerando o extrato verbal e o extrato visual do enunciado analisado neste tópico, podemos pensar que a partir dos discursos que foram identificados nos recortes dos enunciados, tais como o discurso do capitalismo, o discurso místico, o discurso da hierarquia, o discurso da sustentabilidade, acompanhado, consecutivamente, pelo discurso da contradição, é possível entender a construção e modificação dos sentidos produzidos pelos

discursos da empresa, nos quais, em determinados momentos, contradizem seus próprios dizeres, ao tentar criar uma rede de credibilidade e confiabilidade entre a instituição com a sociedade, os trabalhadores e com o meio ambiente. Permitindo-nos, constatar o caráter ideológico e não transparente da língua.

3.4 Análise do enunciado verbovisual “Nossos Valores”

A nossa próxima análise trata-se ainda de uma publicação intitulada “Nossos Valores”, veiculada na aba “Quem somos”, guia “Nossa abordagem”, na qual são apresentados seis ícones, divididos em duas imagens, sendo três ícones em cada uma e cada um deles se referindo a um determinado valor cultivado pela empresa. Vejamos a imagem a seguir:

Imagem 6: Nossos Valores: Segurança, Preocupação e Respeito, Integridade.

Fonte: http://brasil.angloamerican.com/quem-somos/nossa-abordagem?sc_lang=pt-PT.

Podemos observar que o enunciado “Nossos Valores”, que serve de título para a publicação, traz mais uma vez o uso do pronome possessivo “nosso”, como já visto anteriormente, em outros enunciados como, “Nossas pessoas”, por exemplo, mas agora o pronome não está sendo utilizado para designar os empregados, mas sim para apontar os “valores” da empresa que são eleitos em seis tópicos, sendo eles, “Segurança”, “Preocupação e Respeito”, “Integridade”, “Responsabilidade”, “Colaboração” e “Inovação”. Desta feita, analisamos o enunciado verbovisual da publicação considerando cada um dos valores e seus respectivos ícones consecutivamente como sequências enunciativas.

O primeiro valor é a “Segurança” e de acordo com a sequência enunciativa que o caracteriza:

E16: “Está sempre no topo da nossa lista e por uma razão óbvia. Acreditamos verdadeiramente que TODOS os acidentes podem ser prevenidos e que, trabalhando juntos, podemos tornar a segurança o nosso modo de vida, dentro e fora do local de trabalho”.

A imagem que acompanha a descrição do primeiro valor descrito pela empresa traz o desenho de dois homens, pelas características se trata de trabalhadores, utilizando os capacetes que são equipamentos de segurança de uso obrigatório nas empresas. A representação imagética de tal enunciado produz sentido de coletividade, trabalho conjunto, união entre os funcionários da empresa, um auxiliando o outro em parceria, em um processo de ajuda e colaboração mútua.

No discurso verbal a respeito de tal valor, a empresa considera a “Segurança” como um valor primordial, e por esta razão, se encontra no topo da lista. A empresa ainda enuncia que esta pode ser isenta de acidentes, quando dá ênfase na palavra “todos” para afirmar que “TODOS” os acidentes podem ser prevenidos, isto produz nos interlocutores um sentido de que não há ou não deveria haver nenhuma possibilidade de acontecer algum tipo de acidente dentro da empresa , por meio do discurso da segurança do trabalhador veiculado pela mídia da instituição.

Além disso, o discurso midiático da Anglo American reforça mais uma vez a ideia de trabalho conjunto, quando diz que: “[...]trabalhando juntos, podemos tornar a segurança o nosso modo de vida, dentro e fora do local de trabalho”. Tal enunciado, remonta aos enunciados que aparecem anteriormente e os repetem, produzindo sentidos para o sujeito trabalhador e também para outros possíveis interlocutores de que a “Segurança” na empresa não é em relação a ela para o funcionário, mas também faz um movimento contrário, no qual os empregados também são responsáveis pela segurança dentro e fora do local de trabalho. Pode-se analisar também, por meio do extrato visual que compõe o enunciado, um discurso de coletividade e parceria, através do qual a empresa aponta os trabalhadores como responsáveis pela segurança na empresa, atestando que essa responsabilidade não é individual, mas sim compartilhada, de modo que todos os trabalhadores devem trabalhar em harmonia e associação, para conseguirem cumprir o valor determinado pela empresa, tal seja, a segurança. Em relação à noção de trabalho coletivo que vêm sendo divulgado nos enunciados observados e em momentos discursivos diferentes nos reportamos a Antunes o qual diz que:

> É possível dizer que o padrão de *acumulação flexível* articula um conjunto de elementos de *continuidade* e de *descontinuidade* [...] Ele se fundamenta num padrão produtivo organizacional e tecnologicamente avançado, resultado da introdução de técnicas de gestão da força de trabalho próprias da fase informacional, bem como da introdução ampliada dos computadores

> no processo produtivo e de serviços. Desenvolve-se em uma estrutura produtiva mais flexível, recorrendo frequentemente à desconcentração produtiva, às empresas terceirizadas etc. Utiliza-se de novas técnicas de gestão da força de trabalho, do trabalho em equipe, das "células de produção", dos "times de trabalho", dos grupos "semi-autônomos", além de requerem ao menos no plano discursivo, o "envolvimento participativo" dos trabalhadores, em verdade uma participação manipulatória e que preserva, na essência, as condições de trabalho alienado e estranhado. O "trabalho polivalente", "multifuncional", "qualificado", combinado com uma estrutura mais horizontalizada e integrada entre diversas empresas, inclusive nas empresas terceirizadas, tem como finalidade a redução do tempo de trabalho (ANTUNES, 2002, p.6).

A compreensão que se chega a partir disso é que esse constante esforço da empresa de se dizer parceira do trabalhador, bem como, de incentivar e enaltecer o trabalho conjunto, em equipe, se deve ao fato de que, as novas técnicas de gestão da força de trabalho, denominados pelas empresas de "trabalho em equipe", dos "times de trabalho", servem para incutir no trabalhador uma ideia de "envolvimento participativo", como forma de preservação das condições de trabalho alienado e estranhado, considerando, também, como uma de suas finalidades, a redução do tempo de trabalho.

O segundo dos seis valores é intitulado "Preocupação e Respeito" e apresenta a seguinte descrição:

E17: "Sempre tratamos as pessoas com respeito, dignidade e cortesia – independentemente de sua formação, estilo de vida ou posição. E estamos construindo confiança com uma comunicação aberta e recíproca a cada dia".

A imagem que simboliza esse segundo "valor" remete a um sentido de fraternidade e é representado pelo desenho de duas mãos, uma por cima e outra por baixo e um coração entre elas. Este enunciado verbovisual dialoga com outros enunciados vistos anteriormente que tratam os trabalhadores com afeto, proximidade, amigabilidade e parceria.

O enunciado verbal que acompanha o ícone ressalta que qualquer pessoa é tratada com "respeito, dignidade e cortesia" pela empresa e que esse tratamento independe de "formação, estilo de vida ou posição". Tal enunciado, segundo o discurso propagado pela mídia da Anglo American, cabe a qualquer funcionário da empresa, independente da hierarquia, da formação ou posição profissional na empresa, pelo valor "Preocupação e Respeito" é assegurado a todo e qualquer trabalhador receber o mesmo tratamento *na* e *pela* empresa, identifica-se, dessa formal, um discurso de igualdade produzido pela empresa e direcionado aos trabalhadores.

O encerramento desta sequência enunciativa é dada pela assertiva: "E estamos construindo confiança com uma comunicação aberta e recíproca a cada dia". Tal discurso

remete, mais uma vez, a uma proximidade da empresa em relação ao trabalhador, quando esta diz que está construindo confiança por meio de uma comunicação aberta e recíproca. Diante disso, o discurso demonstra uma quebra da hierarquia, como se a empresa fosse parceira, amiga do trabalhador, como se todo e qualquer trabalhador se encontrasse no mesmo patamar e um patamar acessível perante a empresa. A empresa é acessível e todo e qualquer trabalhador que dela faça parte tem voz, pode ser ouvido sempre que necessário. Segundo Antunes:

> O "trabalho polivalente", "multifuncional', "qualificado", combinado com uma estrutura mais horizontalizada e integrada entre diversas empresas, inclusive nas empresas terceirizadas, tem como finalidade reduzir o tempo e aumentar a intensidade e exploração de trabalho. As práticas de imposição de "metas" como medição cotidiana da produção, as definições de "competências" a serem realizadas pelos "colaboradores", tornaram-se o ideário e a pragmática empresarial da empresa flexível vigente no mundo financeiro (ANTUNES, 2015, p.10).

Entende-se, dessa forma, que a empresa em estudo, ao enunciar via discurso midiático empresarial os signos colocados em análise (Segurança, Preocupação e Respeito, Integridade) constroem determinados sentidos como o trabalho visto para a noção de "trabalho" aos trabalhadores, e consequentemente, moldam o perfil desse trabalhador que se aliena e se assujeita aos discursos que são propagados pela empresa. A partir desses discursos é possível identificar sentidos que mostram que o sujeito trabalhador se insere e deve possuir os valores elencadas pela empresa, como "nossos valores", porém, por meio dos enunciados analisados é possível perceber que a empresa se importa, principalmente, se os trabalhadores também possuem e se enquadram nesses valores, fazendo assim, que a importância de tais valores não seja oriunda da empresa para o trabalhador, mas sim do trabalhador para empresa, criando assim um movimento de inversão de posições e responsabilidades.

O início do enunciado enfatiza que "sempre tratamos as pessoas com respeito", esse discurso de que a empresa sempre trata as pessoas com respeito, especialmente os seus trabalhadores, socialmente, deveria ser algo presumido. Porém, ainda assim, eles trazem discursos nos quais demonstram preocupação em relação às pessoas serem respeitadas dentro da empresa, isto nos faz questionar se tal discurso pode ser reflexo de algum outro discurso anterior a este que diz que as empresas não respeitam seus empregados de alguma maneira? Considerando que a relação entre empregado e empregador deve ser instaurada por contratos tácitos de que haja respeito de ambas as partes, ou ainda, em qualquer relação interpessoal, incluindo as relações trabalhistas entre empregado e empregador, espera-se que haja respeito

mútuo e que isso não precise ser dito. A preocupação que a empresa apresenta, também, em respeitar o "estilo de vida do trabalhador" pode ecoar em outro lugar, um lugar que não é institucional, é pessoal, diz respeito apenas ao empregado e não interfere em seu desempenho enquanto trabalhador dentro da empresa. A partir dessas considerações, podemos compreender o que Voloshinov trata de que:

> Estamos convencidos de que todo discurso é *dialógico*, dirigido a outra pessoa, à sua compreensão e à sua efetiva *resposta* potencial. Essa orientação a um outro, a um ouvinte, pressupõe inevitavelmente que se tenha em conta a correlação *sócio-hierárquica* entre ambos os interlocutores. [...] Chamaremos, por convenção, de *orientação social* da enunciação a esta *dependência do peso sócio-hierárquico do auditório* – isto é, do pertencimento de classe dos interlocutores, de sua condição econômica, profissão, hierarquia no serviço[...] (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 169).

Por isso, os discursos produzidos pela Anglo American abordam questões diretamente relacionados ao trabalhador e o seu local e posição de trabalho, considerando a abordagem, as normas, os valores da empresa, embora, em determinados discursos, a voz da empresa pareça ecoar fora do institucional, levando a relação dialógica com os sujeitos trabalhadores para além do ambiente de trabalho.

Se pensarmos, ainda, o recorte do enunciado no qual diz que: "[...] estamos construindo confiança com uma comunicação aberta e recíproca a cada dia". Quando a empresa afirma que estão construindo confiança, esta relação de confiabilidade parte da empresa em direção ao trabalhador, ou seja, produz sentidos de que os empregados também precisam confiar na empresa.

O terceiro "valor" levantado pela empresa é a "Integridade", representado pelo ícone constando do desenho de um homem, trabalhador provavelmente, utilizando o capacete e uniforme e com um coração no rumo do peito, mais uma vez trazendo um sentido afetuoso, fraterno em relação aos trabalhadores. O enunciado que reitera o sentido de "Integridade" é o seguinte:

E18: "Isso significa ter uma abordagem honesta, justa, ética e transparente em tudo o que fazemos. Estamos dispostos a fazer o que é correto, mesmo correndo o risco de não sermos populares".

O enunciado utiliza dos signos "honesta", "justa", "ética" e "transparente" para designar a abordagem da empresa como adjetivos em "tudo" o que fazem. O enunciado também reflete o discurso do politicamente correto quando a mídia institucional da Anglo

enuncia que “Estamos dispostos a fazer o que é correto, mesmo correndo o risco de não sermos populares”.

O que esse discurso propaga é que a empresa sempre segue a lei, com o propósito de serem sempre íntegros e que, com essa decisão de serem sempre corretos, pode refletir no fato de a empresa não ser uma empresa “popular”. Porém, questionamos que popularidade seria esta? Se a empresa atua exatamente da forma a qual menciona no início do enunciado, ou seja, de forma “honesta”, “justa”, “ética” e “transparente” isso reflete no fato deles serem uma empresa correta, com isso, consequentemente, os trabalhadores se sentirão seguros em trabalhar em uma empresa com todos esses predicativos. Sendo assim, por qual motivo, então, eles [a empresa] correm o risco de não serem populares? Por quais motivos o trabalhador não iria gostar da empresa? São questões que se formam ao pensarmos as contradições que tais discursos produzem. Pensando em tais discursos, podemos refletir sobre o que Bakhtin trata como sendo a pretensão do enunciado, quando diz que:

> Todo enunciado tem a pretensão de ser correto, verdadeiro, belo, etc. E esses valores do enunciado não se determinam por sua relação com a língua (enquanto sistema), mas pelas formas de sua relação com a realidade, com o sujeito falante, com os outros enunciados — com os enunciados alheios — (em particular com aqueles que os colocam como valores da verdade, da beleza, etc.) (BAKHTIN, 1997, p. 353).

Por isso, os discursos que são produzidos pela Anglo, muitas vezes, na intenção de marcarem sua posição de empresa correta, que respeita os trabalhadores, que age com justiça, etc., acaba por cruzar com outros discursos, os quais não contemplam tais significações, criando conflitos e contradições nos dizeres da própria empresa acerca da sua forma de atuação. Podemos relacionar esses conflitos discursivos com as análises realizadas no tópico anterior, no qual, também identificamos, no enunciado analisado, discursos de contradição produzidos pela empresa, em direção ao trabalhador e a sociedade. Por meio do aspecto não neutro da palavra e da carga ideológica, pela qual todo discurso é embebido, torna-se possível identificar essas contradições presentes nos discursos midiático da Anglo American.

Imagem 7: Nossos Valores: Responsabilidade, Colaboração, Inovação.

Fonte: http://brasil.angloamerican.com/quem-somos/nossa-abordagem?sc_lang=pt-PT.

O quarto valor apresentado trata-se da "Responsabilidade". Acompanhado pelo ícone do desenho de um homem, com características semelhantes aos dos anteriores, que remete a um trabalhador, utilizando seu uniforme e capacete, com a palma da mão direita estendida em sinal de juramento, equiparando-se a um tribunal de júri, quando as testemunhas apresentam-se na mesma posição perante o juiz e se comprometem a "dizer a verdade, nada além da verdade", enunciado jurídico bastante conhecido pelas produções cinematográficas americanas.

O enunciado que acompanha o ícone refrata a imagem quando a empresa afirma que:

E18: "Somos responsáveis por nossas decisões, ações e resultados. Cumprimos o que prometemos e reconhecemos nossos erros. Acima de tudo, nunca nos isentamos da culpa".

Dessa maneira, a Anglo American apresenta, por meio de suas publicações midiáticas, um discurso no qual se responsabiliza por todo e qualquer acontecimento, sejam eles, "decisões", "ações" ou "resultados". O discurso também ecoa com o discurso de confiança já dito anteriormente, quando a empresa enuncia que "cumprimos o que prometemos e

reconhecemos nossos erros", isso constrói sentidos discursivos de que eles [a empresa] são passíveis de erro, dessa forma há uma contradição com o enunciado veiculado anteriormente, no qual o discurso dizia que o objetivo da empresa é "fazer tudo correto" que pode ser visualizado na descrição do valor "Integridade" em E18.

Este enunciado vai refletir também posteriormente, quando diz que, "acima de tudo, nunca nos isentamos da culpa". Esta responsabilidade que a empresa se compromete assumir no caso de errar, ecoa, de forma singular, com o discurso imagético do enunciado, no qual, pelos componentes que formam o desenho, quem aparece se responsabilizando é o trabalhador, remetendo ainda, a um discurso jurídico. A respeito deste movimento que os enunciados fazem de buscarem enunciados anteriores ou até mesmo de anteciparem enunciados ainda não ditos, Bakhtin afirma que:

> Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra "resposta" é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles (BAKHTIN, 1997, p. 317).

A partir de tal consideração trazida por Bakhtin, relacionando-a com os enunciados em análise, é possível identificar os reflexos que o movimento dos enunciados advindos de publicações midiáticas do site da Anglo American, possibilitam construções de sentidos, buscando convencer os interlocutores, sejam eles os trabalhadores ou leitores da página, da forma de atuação, dos valores, da abordagem, bem como do tratamento dos funcionários, criado por esta empresa. Segundo Charaudeau:

> O discurso está sempre voltado para outra coisa além das regras de uso da língua. Resulta da combinação das circunstâncias em que se fala ou escreve (a identidade daquele que fala e daquele a quem este se dirige, a relação de intencionalidade que os liga e as condições físicas de troca) com a maneira pela qual se fala. É, pois, a imbricação das condições extradiscursivas e das realizações intradiscursivas que produzem sentido (CHARAUDEAU, 2015, p. 40).

Dessa forma, os sentidos do discurso só podem ser apreendidos, considerando, para além do que é dito, aquilo que não é dito, porém que é presumido, ou até mesmo contestado.

É por meio das situações de troca social construídas no campo extradiscursivo que torna-se possível aferir os sentidos que permeiam todo e qualquer discurso.

O discurso da coletividade, dos enunciados já ditos anteriormente: "nossa empresa", "nossas pessoas", "nossos valores", permite criar uma onda de responsabilidade, também coletiva, dessa forma, a responsabilidade não é só da empresa pela empresa, por meio de tais discursos, o sentido que se cria é de que a responsabilidade, de certa forma, é também do trabalhador, já que estes são considerados partes fundamentais de uma engrenagem que, em seu todo, faz a empresa funcionar.

O quinto valor citado é o da "Colaboração" representado pelo desenho de duas mãos uma passando um bastão para outra, referindo-se a corrida de quatro tempos, onde os participantes trabalham em conjunto e um passa o bastão para o outro, e no final da corrida ganha quem teve maior sincronia, mais sintonia no desempenho da atividade.

O enunciado verbal que acompanha a parte imagética descreve o sentido de colaboração enunciando que:

E19: "Ninguém aqui trabalha por conta própria. Somos uma empresa com uma ambição conjunta – todos trabalhando juntos para tomar decisões e fazer as coisas de forma mais eficaz".

O discurso da "colaboração" retirado da sequência enunciativa acima, reflete em outros discursos, já visualizados anteriormente e presente em outros enunciados, de que não existe trabalho solitário. Segundo o discurso da mídia institucional da Anglo, o trabalho é feito em colaboração e o trabalhador é parte integrante do sucesso ou do fracasso da empresa. Esse sentido de equipe ecoa também no discurso da responsabilidade, já que um precisa do outro [empresa do empregado], incute no trabalhador a ideia de que este faz parte de algo maior, de modo que a empresa funciona como se fosse uma engrenagem e que cada trabalhador é uma das partes que faz funcionar o todo. Esse discurso pode ser refratado, quando pensamos que, na verdade, o trabalhador pode ser substituído por outro, a qualquer momento, fato também já constatado em outros momentos desta pesquisa, pelas considerações de Ricardo Antunes.

O sexto e último valor presente na publicação é o da "Inovação", composto pelo desenho com o símbolo da lâmpada que remete ao sentido de ideia, do gênio, criatividade, do pensamento, da luz e que segue acompanhado do seguinte extrato verbal:

E20: "Desafiar o modo como as coisas sempre foram feitas é nossa prioridade. Desenvolvendo ativamente novas soluções, incentivando novos modos de pensar e encontrando novas maneiras de trabalhar, estamos melhorando os negócios de maneira significativa".

Os sentidos produzidos por tais enunciados são de que a Anglo precisa de trabalhadores altamente envolvidos com o que a empresa faz, no intuito de apresentarem novas soluções e inovações, e são esperadas do trabalhador a criatividade para a solução destes desafios. Tal discurso desloca seus sentidos e produz uma certa contradição, se relacionado ao enunciado "não importa o que estivermos fazendo, faremos sempre da mesma forma", enunciado retirado da descrição logo abaixo do título da publicação "Nossos valores" na Imagem 6. O discurso se contradiz, no sentido que "fazer (algo) sempre da mesma forma" remete a um molde, a algo que se segue e não se modifica, porém, no E20, a empresa traz um discurso de inovação. A respeito desses deslocamentos de sentidos, identificados em diferentes enunciados analisados, Charaudeau (2015, p.41) considera que: "O sentido nunca é dado antecipadamente. Ele é construído pela ação linguageira do homem em situação de troca social. O sentido só é perceptível através das formas. Toda forma remete a sentido, todo sentido remete a forma, numa relação de solidariedade recíproca". Com isso, entende-se, também, a importância da análise dos enunciados considerando não apenas seu extrato verbal, mas também seu diálogo com o extrato visual, para formação do todo arquitetônico que confere sentido e significação ao enunciado. Por exemplo, ao analisarmos o enunciado verbal do valor "Segurança", identificamos a empresa como responsável pelo cumprimento desse valor, porém quando analisamos o extrato visual, é possível perceber que quem é representado na imagem como responsável é o trabalhador e não a empresa, modificando, assim, o sentido que havia sido construído, anteriormente, por meio da análise apenas do extrato verbal, se não tivéssemos incluído a ele, o visual, por isso a importância de analisarmos os enunciados, considerando o diálogo que se estabelece entre os extratos verbais e visuais afim de conferir-lhes um sentido completo que se dá pela reciprocidade da junção do verbo com o visual.

Além do mais, torna-se compreensível, para nós, após a análise dos enunciados selecionados, de que forma os discursos veiculados pelo site da Anglo, advindos de sua mídia institucional, colocam esta empresa em um determinado lugar, atribuindo-lhe determinado *status*, além de moldar, em seus discursos, o perfil de trabalhador que a empresa procura e emprega. A fim de tratarmos dos resultados alcançados por meio desta pesquisa, traremos as conclusões de pesquisa identificadas e demonstradas na próxima sessão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste estudo, a nossa hipótese era de que os discursos sobre “trabalho” veiculados pela mídia institucional de uma empresa multinacional possuem ligação intrínseca com o social e, portanto, dependem de condições sócio-histórico-ideológicas para a sua produção, o que permite a diversidade de sentidos que são atribuídos a esta palavra.

Para atingirmos os objetivos propostos no início desta pesquisa, os quais pretendiam refletir sobre o signo ideológico “trabalho” presente na mídia institucional da Empresa Multinacional Anglo American Brasil, a fim de identificar os discursos que emergem em relação a “trabalho"; interpretar tais posicionamentos e analisar sentidos produzidos a partir dessas discursividades em torno do signo "trabalho" produzidos na/pela mídia institucional da empresa, pesquisamos em publicações no *site* da multinacional enunciados verbais e verbovisuais que contemplam a temática. Destas publicações, selecionamos seis enunciados com os quais realizamos as análises, porém antes de chegarmos ao capítulo de análise desenvolvemos os dois primeiros capítulos para fundamentar a nossa pesquisa.

Alguns dos fatores que consideramos como condições para a produção de tais discursos são, por exemplo, a área de atuação ocupada pelos trabalhadores, as posições dos funcionários dentro da empresa, a escolaridade destes trabalhadores, o sexo, a formação profissional, dentre outros aspectos. Assim, a partir das posições ocupadas por esses trabalhadores, é possível identificar o movimento da produção de discursos midiáticos por parte da empresa, a fim de instaurar relações dialógicas que molda um perfil de sujeito trabalhador, tanto para a empresa, quanto para a comunidade.

Desse modo, no primeiro capítulo traçamos um percurso histórico da noção de “trabalho” dos tempos remotos até chegar às noções de “trabalho” na contemporaneidade, bem como a situação na qual se encontra a condição política em relação ao “trabalho” no país, considerando as alterações sociais, políticas, culturais e históricas pelas quais a noção do termo veio passando ao longo do tempo e da história.

No segundo capítulo abordamos as noções de linguagem, ideologia, bem como a percepção da palavra como signo ideológico, interessados em entender o funcionamento do signo “trabalho” abordado nas publicações da empresa e como o uso desse signo ideológico produzia sentidos do sujeito trabalhador pela e para a empresa. Tratamos também o princípio dialógico, que é cerne da teoria do Círculo de Bakhtin e também apresentamos as noções que regem o fundamento do diálogo, tais como enunciado e gêneros do discurso, bem como, do estudo de enunciados verbovisuais, a fim de mostrarmos o diálogo que se instaura entre a

parte verbal e visual dos enunciados analisados, construindo um todo arquitetônico dotado de significação e sentido, por meio dos enunciados verbovisuais que faziam parte das publicações sobre a noção de "trabalho", veiculada pela empresa. Tratamos também das noções de comunicação e informação midiáticas, aportados em Charaudeau, para podermos compreender de que modo a produção midiática dos enunciados selecionados para análise constroem, moldam, manipulam os sentidos dos dizeres da empresa.

Já no terceiro capítulo, fundamentados pelas discussões travadas nos dois capítulos anteriores, falamos sobre a metodologia adotada e apresentamos o *corpus* coletado, seguido da descrição, análise e interpretação realizadas pelo imbricamento entre teoria e análise de enunciados selecionados.

Por meio da análise dos enunciados verbais e verbovisuais dos enunciados publicados pela empresa, e que foram selecionados para investigação, foi possível identificar que a construção do signo ideológico "trabalho", além de ter se modificado ao longo do tempo e da história, (re)constrói novos sentidos, ainda hoje, pelos discursos midiáticos, nos quais aparecem alguns deslocamentos do seu sentido habitual. Como, por exemplo, já existe diversos signos no ramo empresarial para designar o sujeito trabalhador, alguns deles como "colaborador", "empregado", "parceiro", ainda assim, identificamos por meio desta pesquisa, um novo tratamento para os trabalhadores, que pela empresa em análise são denominados de "pessoas", e para enfatizar ainda mais o sentido desse termo que vem acompanhado pelo pronome possessivo "nosso", dando ideia de pertencimento, filiação ou talvez submissão do trabalhador à empresa.

Além disso, pelos discursos midiáticos produzidos e publicados no *site* da empresa, o sujeito trabalhador é, ainda, considerado como o "coração da empresa", ressignifcando, também, o sentido e a função do trabalhador dentro de uma empresa. Tratar o trabalhador como o "coração da empresa" implica em uma relação de afeto, parceria, e até mesmo dependência da empresa em relação a esse trabalhador, que segundo o tratamento dado, torna-se parte fundamental, indispensável da empresa. Construindo assim um laço social entre a empresa e esse sujeito trabalhador, o qual se sente inserido nos discursos e nas ideologias as quais essa empresa propaga.

Identificamos, ainda, discursos através dos quais a empresa se coloca como incentivadora e apoiadora da contratação de mulheres, levando em conta que o percentual de mulheres que trabalham na empresa é consideravelmente menor que o número de homens. Assim, a empresa constrói discursos de incentivo e de preocupação com esse cenário, porém, nos mesmos enunciados é possível perceber deslocamentos através dos quais, o discurso da

própria empresa se contradiz e sugere diferenças do perfil da mulher trabalhadora para adentrar a empresa. Portanto, consideramos que existe diferença na contratação de trabalhadores e trabalhadoras, no que tange, mais diretamente, a quantidade de vagas ocupadas por homens e mulheres dentro da empresa, bem como o tratamento e a expectativa em relação ao trabalho das mulheres em comparação com o dos homens, tanto no aspecto hierárquico, quanto no aspecto funcional da empresa.

Pudemos constatar, ainda, regularidade na forma de tratamento dos funcionários pela empresa, designando-os como "Pessoas", comparando com enunciados veiculados pelos *sites* de duas outras empresas do mesmo ramo de atuação, A Vale do Rio Doce e a Kinross Gold Corporation.

Além disso, identificamos alguns deslocamentos nos discursos da empresa, que ora se coloca como responsável pelos trabalhadores e suas ações e, ora coloca os próprios trabalhadores como responsáveis por si e pela empresa, e até mesmo, em suas relações fora do local de trabalho. É notório também, com base na pesquisa, que em muitos momentos os discursos da empresa refletem e refratam uma determinada realidade através da qual a empresa se coloca como certa e errada ao mesmo tempo. Os possíveis diálogos que podem ser identificados em relação ao discurso da empresa, quando esta exalta suas diferenças e principais valores, acabam por serem, de certa forma contraditos, ainda nos mesmos enunciados, levando em conta que algo que possa ter sido dito antes, acaba ecoando em outros enunciados produzidos pela própria empresa, e termina causando uma certa contradição em seus próprios discursos.

Por meio de discursos produzidos pela empresa que nos remetem a outros discursos ditos ou não ditos anteriormente, podemos aferir o sentido dos dizeres da mídia institucional da empresa em diferentes momentos interdiscursivos. Foi possível identificar, através da análise das publicações da empresa, discurso familiar, quando a empresa trata os trabalhadores como "nossas pessoas" e como o "coração da empresa", esse sentido afetuoso, causado pelos signos selecionados pela empresa para se referir ao sujeito trabalhador, traz um interdiscurso familiar. Encontramos também discursos de contradição, em determinados momentos, nos quais a empresa se coloca em uma posição e em enunciados futuros se retiram de tal posição, como por exemplo, na análise dos "Valores" instaurados pela empresa, por meio dos discursos de que a empresa trabalha com os valores da responsabilidade, segurança e integridade, porém, depois a empresa se apaga de tal lugar, colocando o sujeito trabalhador como responsável por esses valores e não mais a empresa, que apresenta, também, discurso de igualdade de gênero quando se coloca como incentivadora no processo de contratação de

mulheres para atuarem na companhia, porém, identifica-se, além disso, um discurso de contradição perpassado pelos discursos de política de incentivo da empresa, quando esta mesma reconhece o baixo índice de mulheres trabalhando na empresa, em comparação a porcentagem de homens. Encontramos, ainda, discursos de capitalismo e hierarquia, quando a empresa coloca os consumidores e os acionistas da empresa como as pessoas mais importantes para eles. Atrelado a esse discurso, aparece também um discurso de sustentabilidade, que é contradito pelos próprios dizeres da empresa que ora coloca os acionistas e clientes como peças fundamentais, ora menciona a sociedade e o trabalhador como possíveis parceiros e principais interessados, bem como o meio ambiente como receptor de retornos positivos por meio das operações da mineradora, fato este, bastante irreal.

Além de todos esses discursos acima citados, pudemos identificar um discurso místico, no qual a empresa se autodenomina como "guardiã" dos bens preciosos que são explorados em suas operações, tal discurso nos remete a um sentido simbólico, no qual a empresa pretende se mostrar como protetora, zeladora e defensora dos bens minerais com o qual trabalha. Todos esses discursos identificados são possíveis pelo diálogo que se instaura entre a empresa e o trabalhador, bem como entre a empresa e a sociedade e são construídos pela mídia institucional da empresa com o objetivo de alcançar, convencer, manipular, mobilizar seu público alvo, seja ele, os trabalhadores ou até mesmo a comunidade.

Consideramos que atingimos os objetivos propostos no início deste estudo e respondemos às nossas questões de pesquisa, levando em conta os discursos identificados acerca de "trabalho", produzidos e veiculados pela mídia institucional da multinacional Anglo American. Interpretamos os posicionamentos midiáticos da mídia da empresa e, ainda analisamos e identificamos as construções e desconstruções de sentidos produzidos a partir do signo ideológico "trabalho" em discursos veiculados pela mídia institucional da Anglo American.

Em síntese, considerando a importância da discussão sobre "trabalho" em nossa sociedade, esta pesquisa, em especial, possibilitou a investigação e reflexão acerca das ideologias que permeiam os discursos sobre "trabalho", veiculados pela mídia institucional da empresa multinacional Anglo American, levando em conta o lugar sócio-histórico-ideológico de onde produz seus dizeres e para o determinado grupo social para quem a empresa enuncia, sejam eles os trabalhadores e a comunidade.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. **O pesquisador e o seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. Rio de Janeiro: MUSA, 2004.

ANTUNES, Ricardo. **A nova morfologia do trabalho no Brasil**: reestruturação e precariedade. **Revista Nueva Sociedad**, nº 232,34 | 2012.

ANTUNES, Ricardo. **O trabalho e seus sentidos**. Confluências - Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito ,Vol . 10, n® 1, 2008 - pp. 43 a 61.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho - ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2003.

ANTUNES, Ricardo. **Toyotismo**, As novas formas de acumulação do capital e as formas contemporâneas de estranhamento (alienação). Caderno CRH, Salvador, v. 15, n. 37, p. 23-46, 2002.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e Precarização Numa Ordem Neoliberal. In: GENTILI, Pablo e FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **A Cidadania Negada: Políticas de Exclusão na Educação e no Trabalho**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 35-48.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital**. In: **Educ. Soc.,** Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004. Disponível em: http://www.cedes.unicamp.br. Acesso em 10 mai. 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail**. Marxismo e Filosofia da Linguagem.** 12.ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

Bíblia Sagrada. Trad. dos originais grego, hebraico e armaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). 90ª ed. São Paulo: Editora Claretiana, 2012.

CARDOSO, João Batista. **Metodologia da pesquisa científica e produção de texto acadêmico**, para alunos da graduação e da pós-graduação. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ed, Ática, 2000.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias.** Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2015.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia:** História e grandes temas. 15.ed. Saraiva: Cidade. 2000.

GRILLO, Sheila. **Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais**. Filol. linguíst. port., n. 14(2), p.235-246, 2012.

STAFUZZA, Grenissa Bonvino, **Verbovocovisualidades em discursos contemporâneos**. Relatório final de estágio pós-doutoral. Belo Horizonte: UFMG. 2017.

STAFUZZA, Grenissa Bonvino; LIMA, Giselly de Oliveira. Diálogo e verbovocovisualidade em “Cantada” (2014), de Porta dos Fundos. In: Revista PROLÍNGUA. Vol. 2, N.2, UFPB: João Pessoa, out/dez de 2017, 97-109. Link para acesso: http://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/38235 Acesso em 12 de fevereiro de 2018.

VOLÓCHINOV, V. Discurso indireto livre nas línguas francesa, alemã e russa. In: *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.* Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOCHÍNOV, V. N. (1925-1930). **A construção da enunciação e outros ensaios.** Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João, 2013.

VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. (1976). **Discurso na vida e discurso na arte** (sobre a poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para uso didático. *Mimeo.* (s/a).

VOLOSHINOV. (1930). **Estrutura do enunciado**. Tradução de Ana Vaz para fins didáticos. *Mimeo*. (s/a).

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

[1] Artigo publicado na Revista Eletrônica – CADIS – Cadernos Discursivos (e-ISSN: 2317-006). Link da publicação: https://cadis_letras.catalao.ufg.br/up/595/o/Raquel_Ribeiro.pdf. Acesso em: 14/11/2017.

[2] Site da empresa: http://brasil.angloamerican.com/?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 20/01/2018.

[3] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/quem-somos?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 20/01/2018.

[4] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/quem-somos/resumo?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 18/12/2017.

[5] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/quem-somos/o-que-fazemos?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 20/01/2018.

[6] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/quem-somos/nossa-abordagem?sc_lang=pt-PT Acesso em: 20/01/2018.

[7] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/carreiras?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 20/01/2018.

[8] Disponível em http://brasil.angloamerican.com/carreiras/trabalhar-na-anglo-american?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 20/01/2018.

[9] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 20/01/2018.
[10] Endereço eletrônico da Kinross Gold Corporation: http://www.kinross.com.br/. Acesso em: 25/01/2018.

[11] Endereço Eletrônico da Vale S.A.: http://www.vale.com/brasil/PT/Paginas/default.aspx. Acesso em: 25/01/2018.

[13] Disponível em: https://www.dicionarioetimologico.com.br/trabalho/. Acesso em: 03 de maio de 2017.

[14] Disponível em: https://pensador.uol.com.br/proverbios_sobre_o_trabalho/. Acesso em: 02 de janeiro de 2017.

[15] Disponível em: http://www.citador.pt/proverbios.php?cit=2&op=8&theme=268&firstrec=10. Acesso em: 02 de janeiro de 2017.

[16] Disponível em: https://www.calendarr.com/brasil/dia-do-trabalho/. Acesso em: 03 de janeiro de 2018.

[17] Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-do-trabalho.htm>. Acesso: 03 de janeiro de 2018.

[18] Disponível em: http://www.suapesquisa.com/datascomemorativas/dia_do_trabalho.htm. Acesso em: 03 de janeiro de 2018.

[19] Link de acesso ao decreto: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm. Acesso em: 03 de janeiro de 2018.

[20] Disponível em: http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2011/04/historia-do-dia-do-trabalho-1. Acesso em: 03 de janeiro de 2018.

[21] Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm. Acesso em 22/01/2018.

[22] Disponível em: http://www.brasil.gov.br/trabalhista Acesso em: 22/01/2018.

[23] Disponível em: http://economia.ig.com.br/2017-05-05/reforma-trabalhista.html Acesso em: 10 de maio de 2017.

[24] Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/desemprego-fica-em-122-em-outubro.ghtml. Acesso em: 23/01/2018.

[25] Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/27/internacional/1493296487_352960.html. Acesso em: 31/07/2017.

[26] Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/04/1879416-numero-de-desempregados-ja-passa-de-14-milhoes-no-brasil.shtml Acesso em: 22/05/2017.

[27] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/quem-somos/resumo?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 18/12/2017.

[28] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/quem-somos/o-que-fazemos?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 18/12/2017.

[29] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/quem-somos/nossa-abordagem?sc_lang=pt-PT Acesso em: 18/12/2017.

[30] Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/carreiras/trabalhar-na-anglo-american?sc_lang=pt-PT. Acesso em: 18/12/2017.

[31] http://brasil.angloamerican.com/quem-somos/resumo?sc_lang=pt-PT Acesso em: 18/07/2017.

[33] Disponível em: http://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/impactos-ambientais-mineracao-meio-ambiente/ Acesso em: 31/07/2017.

[34] Disponível em: http://www.labogef.iesa.ufg.br/labogef/arquivos/downloads/Apresentacao_Impacto_Ambiental__IV_(mineracao)_93008.pdf . Acesso em: 31/07/2017.

[35] Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del3365.htm Acesso em: 31/07/2017.

[36] Disponível em: http://www.conjur.com.br/2014-jan-16/marco-mineracao-gera-questoes-permitir-empreendedor-desaproprie Acesso em: 31/07/2017.

[37] Disponível em: http://revistas.ufpr.br/raega/article/viewFile/24845/16657 Acesso em: 31/07/2017.

[38] Disponível em: http://www.vale.com/brasil/pt/aboutvale/across-world/paginas/default.aspx. Acesso em: 03/01/2018.

[39] Disponível em: http://mundo.intranetvale.com.br/PT/Unidade/Content/Brasil/GO. Acesso em: 03/01/2018.

[40] Disponível em: http://www.kinross.com.br/. Acesso em: 03/01/2017.

[41] Disponível em: http://www.portaldaindustria.com.br/agenciacni/noticias/2016/11/participacao-de-mulheres-no-mercado-de-trabalho-industrial-cresce-143-em-20-anos/ Acesso em: 31/07/2017.

[42] Disponível em: http://www.portaldaindustria.com.br/agenciacni/noticias/2016/11/participacao-de-mulheres-no-mercado-de-trabalho-industrial-cresce-143-em-20-anos/ Acesso em: 31/07/2017.

[43] Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt23-4518.pdf. Acesso em: 31/07/2017.